

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO E DOUTORADO  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Ana Lúcia Schüler Chedid

**A EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO *NACIÓN PACHAMAMA*:  
A ESPIRITUALIDADE E O FEMININO COMO DECOLONIZAÇÃO E  
INDIVIDUAÇÃO NO SER**

Santa Cruz do Sul

2016

Ana Lúcia Schüler Chedid

**A EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO *NACIÓN PACHAMAMA*:  
A ESPIRITUALIDADE E O FEMININO COMO DECOLONIZAÇÃO E  
INDIVIDUAÇÃO NO SER**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa em Aprendizagem, Tecnologia e Linguagens na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Ana Luisa Teixeira de Menezes

Santa Cruz do Sul

2016

C514e

Chedid, Ana Lúcia Schüler

A educação do movimento *Nación Pachamama*: a espiritualidade e o feminino como decolonização e individuação no ser / Ana Lúcia Schüler Chedid. – 2016.

143 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2016.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Ana Luisa Teixeira de Menezes.

1. Educação - Filosofia. 2. Vida espiritual. 3. Sinais e símbolos. I. Menezes, Ana Luisa Teixeira de. II. Título.

CDD: 370.1

Bibliotecária responsável: Edi Focking - CRB 10/1197

Ana Lúcia Schüler Chedid

**A EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO *NACIÓN PACHAMAMA*:  
A ESPIRITUALIDADE E O FEMININO COMO DECOLONIZAÇÃO E  
INDIVIDUAÇÃO NO SER**

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Aprendizagem, Tecnologia e Linguagens na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Dr<sup>a</sup> Ana Luisa Teixeira de Menezes  
Professora Orientadora – UNISC

Dr. Walter Fonseca Boechat  
Professor Examinador – UERJ

Dr. Felipe Gustsack  
Professor Examinador – UNISC

Santa Cruz do Sul

2016

*“Somos Estrellas con Corazón e Conciencia.”*

Figura 1 – Menina quichua e condor



## **Solo Le Pido A Dios**

**Mercedes Sosa**

Sólo le pido a Dios  
Que el dolor no me sea indiferente  
Que la reseca muerte no me encuentre  
Vacía y sola sin haber hecho lo suficiente

Sólo le pido a Dios  
Que lo injusto no me sea indiferente  
Que no me abofeteen la otra mejilla  
Después que una garra me arañó esta suerte

Sólo le pido a Dios  
Que la guerra no me sea indiferente  
Es un monstruo grande y pisa fuerte  
Toda la pobre inocencia de la gente  
Es un monstruo grande y pisa fuerte  
Toda la pobre inocencia de la gente

Sólo le pido a Dios  
Que el engaño no me sea indiferente  
Si un traidor puede más que unos cuantos  
Que esos cuantos no lo olviden fácilmente

Sólo le pido a Dios  
Que el futuro no me sea indiferente  
Desahuciado está el que tiene que marchar  
A vivir una cultura diferente

Sólo le pido a Dios  
Que la guerra no me sea indiferente  
Es un monstruo grande y pisa fuerte  
Toda la pobre inocencia de la gente  
Es un monstruo grande y pisa fuerte  
Toda la pobre inocencia de la gente.

## AGRADECIMENTO

Neste instante, percebo o símbolo de *oroborus*... um novo ciclo inicia após dois anos de intensa pesquisa e reflexão. O caminho percorrido conta a história dos nossos ancestrais latino americanos, os quais nos ensinaram sobre *munay* (amor), *yankay* (trabalho) e *yanchay* (sabedoria). Ligar-nos ao mundo de cima é olhar por entre os olhos das antigas sabedorias que ainda se encontram conectadas ao pulso da vida.

Nessa trajetória, agradeço a todos os mestres encontrados na vida:

Aos meus pais, Breno (*in memoriam*) e Maria Terezinha, pelo ensinamento primordial: o amor. Aos meus irmãos, Jorge, Maria Amélia, Luiz e Miriam, pela alegria. Ao meu esposo Adriano e às minhas filhas, Ana Luísa e Maria Clara, pelo amor que nos transcende.

Ao povo da nação Q'eros que me ensinou, em sonhos, lições sobre a inocência, o poder das montanhas e os elementos da natureza. A Lucidor Flores que, na mesma dimensão, me ensinou sobre a cura do arco-íris. A Munay Flores e Melusina Iriarte, amigos que me acompanharam nessa trajetória e me ensinaram a sorrir entre as lágrimas. Aos membros do movimento *Nación Pachamama* por me manter acordada dentro do pulso da vida enquanto eu enfrentava o trabalho intelectual.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado, pela abertura e pela esperança de se poder ir além do intelectualismo na esfera educativa. Aos professores componentes da banca, Walter Boechat e Felipe Gustsack pelas indicações teóricas, as quais demonstraram grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa, bem como pela disposição em participar de todo esse processo.

A minha orientadora, Ana Luísa Teixeira de Menezes, pela confiança, entrega profissional e apoio.

Às minhas colegas Karini Pens, Fátima Souza e Viviane Arno pela prática do *corazonar* estabelecida durante os estudos. E ao colega Leandro Oliveira, pelo apoio recebido durante o final da pesquisa.

Especialmente, agradeço aos *abuelos e abuelas andinas* pelos sábios ensinamentos.

## RESUMO

Para compreender a importância da espiritualidade na psique humana como propulsora da decolonização do feminino e da individuação no ser, e não como um dogma religioso, busquei pesquisar a educação do movimento *Nación Pachamama* enquanto uma prática simbólica cotidiana. A pesquisa qualitativa de viés fenomenológico (PENNA, JUNG, KUSCH, DILTHEY, BARDIN) usou, como mecanismo para compreender a visão de homem e de mundo, seis entrevistas semiestruturadas e a vivência na comunidade campesina Arco-Íris, em San Marcos Sierras, na Argentina. No estudo precisei alçar mão de dois momentos na pesquisa. No primeiro, realizei um percurso bibliográfico para compreender as bases do movimento *Nación Pachamama* na cosmovisão andina e no contexto do Bem Viver. Com os estudos andinos, a colonialidade e decolonialidade foram incluídos na história da América Profunda, devido às suas consequências psíquicas sobre o coletivo (KUSCH, ESTERMANN, ARIAS, MIGNOLO, QUIJANO). Na vivência da comunidade, na Argentina, pude constatar as lições do *ayni*, de *Pachamama* e da *chakana* desenvolvidas pelo movimento e suas consequências como educação da personalidade (JUNG, JACOBI, FRANZ, BOECHAT, FREIRE). A partir da descrição dessas lições vivenciadas, percebi que a simbologia usada é cultural e pertence à cosmovisão andina. Nela existe um funcionamento inconsciente que promove o desenvolvimento de uma atitude comunitária quando o indivíduo se compreende parte e todo, sentindo-se incluído e responsável pela convivência coletiva. O contato com a alma se mostra a partir da prática espiritual dos campesinos. O aspecto psíquico feminino (alma) exerce sua função de guia no encaminhamento do ego ao Si-mesmo, processo denominado por Jung de individuação. Por último, percebi que o mito de *Pachamama* evoca a função espiritual feminina da alma, que potencializa um processo educativo para a individuação, por esta ser a guia desse processo. Portanto, o movimento *Nación Pachamama* educa que é preciso decolonizar o feminino para que a alma se manifeste e estabeleça o processo de individuação no ser.

Palavras – chave: Educação. Espiritualidade. Individuação. Decolonização. Símbolo de *Pachamama*.



## ABSTRACT

To understand the importance of the spirituality in the human psyche as driver of the (de)colonization of the feminine and of the individuation of the human being, and not as a religious dogma, I looked for researching the education of the Nación Pachamama movement while a daily symbolic practice. The qualitative research of phenomenological (PENNA, JUNG, KUSCH, DILTHEY, BARDIN) used, as a mechanism to understand the vision of the man and of the world, six interviews half structured and the experience in the Arco-Íris rural community in San Marcos Sierras, in Argentina. In the study, I needed to make use of two moments in the research. First, I accomplished a bibliographical research to understand the bases of the Nación Pachamama movement in the Andean cosmos vision and in the context of Bem Viver. With the Andean studies, the coloniality and (de)coloniality were included in the history of Deep America due to their psychic consequences in the people (KUSCH, ESTERMANN, ARIAS, MIGNOLO, QUIJANO). In the community's experience, in Argentina, I could verify the ayni, the Pachamama and the chakana lessons developed by the movement and their consequences as personality education (JUNG, JACOBI, FRANZ, BOECHAT, FREIRE). Starting from the description of those lived lessons, I noticed that the used symbology is cultural and it belongs to the Andean cosmos vision. There is an unconscious operation on it that promotes the development of a community attitude when the individual is understood as part and as whole, feeling included and responsible for the collective acquaintanceship. The contact with the soul is shown from the spiritual practice of the rural people. The feminine psychic aspect (soul) exercises its guide function in the direction of the ego to itself, process named by Jung as individuation. In the end, I noticed that the myth of Pachamama invokes the feminine spiritual function of the soul that potentiates an educational process for the individuation, because this is the guide of this process. Therefore, the Nación Pachamama movement teaches that is necessary to (de)colonize the feminine so that the soul shows and establish the individuation process in the human being.

Key – words: Education. Espirituality. Individuation. Decolonização. *Pachamama Symbol*.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Menina quichua e condor .....</b>	<b>4</b>
<b>Figura 3 - Profecia Mastay .....</b>	<b>32</b>
<b>Figura 4 - Lucidor Flores em Q'eros .....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 5 - Lucidor Flores e sua companheira em Q'eros - Peru .....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 6 - Símbolo Mística Andina .....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 7 - Foto Lucidor Flores e companheira na #COP21 .....</b>	<b>56</b>
<b>Figura 08 – II encontro do Movimento Nacion Pachamama.....</b>	<b>73</b>
<b>Figura 9 – <i>Chakana</i> andina.....</b>	<b>80</b>
<b>Figura 10 - Pachamama .....</b>	<b>89</b>
<b>Figura 11 - Representação de Mamacocha .....</b>	<b>96</b>
<b>Figura 12 - Foto by David Wolfe Adventure.....</b>	<b>110</b>
<b>Figura 13 - Síntese .....</b>	<b>121</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INICIANDO O PERCURSO: MOCHILA PREPARADA</b> .....	12
1.1 Decisão... de onde venho, parto para a viagem! .....	12
1.2 Minhas preocupações... ..	12
1.3 Ir... para onde?.....	13
1.4 A busca dos materiais.....	14
1.4.1 O mapa.....	14
1.4.2 A rota .....	17
1.4.3 Companheiros (as) de caminhada .....	17
1.4.4 Ferramentas para a subida .....	18
1.4.5 Suprimentos básicos e extras... ..	19
1.5 Mapa e mochila prontos: hora da subida!.....	20
<b>2 OLHANDO A MONTANHA: OS MOVIMENTOS SIMBÓLICOS COMO PERCURSO DA PESQUISA</b> .....	22
<b>3 LIGAÇÕES ANDINAS E O MOVIMENTO <i>NACIÓN PACHAMAMA</i></b> .....	34
3.1 A influência do povo andino .....	34
3.2 A matriz colonial: reflexões provocadas pelo mundo andino .....	40
3.3 O contexto do Bem Viver no movimento <i>Nación Pachamama</i> .....	44
<b>4 APRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO <i>NACIÓN PACHAMAMA</i></b> .....	49
4.1 Embriões do movimento <i>Nación Pachamama</i> .....	49
4.2 A Mística andina no Brasil .....	51
4.3 Nasce o Movimento <i>Nación Pachamama</i> .....	56
4.3.1 O encontro com o movimento <i>Nación Pachamama</i> .....	57
4.3.2 O nome espiritual.....	59
4.3.3 O que se busca?.....	60
4.4 A visão de mundo e a visão de homem para o movimento <i>Nación Pachamama</i> .....	62
4.5 Como e onde se organizam? .....	65
4.5.1 Comunidade Campesina <i>San Marcos Sierras</i> .....	66
4.6 O movimento <i>Nación Pachamama</i> : uma resposta ao chamado dos <i>abuelos</i> andinos... ..	69
4.6.1 O tempo de Pachakuti .....	70
<b>5 BEBENDO NA FONTE: VIVÊNCIAS EDUCATIVAS NO MOVIMENTO <i>NACIÓN PACHAMAMA</i></b> .....	73
5.1 Os princípios andinos .....	74
5.1.1 Princípio do parentesco ou da relação .....	74
5.1.2 Princípio da correspondência .....	74
5.1.3 Princípio da complementaridade .....	75
5.1.4 Princípio da reciprocidade.....	75
5.2 A lição do <i>ayni</i> .....	75
5.3 A lição da <i>chakana</i> .....	80
5.4 A lição de <i>Pachamama</i> .....	83
<b>6 A LINGUAGEM SIMBÓLICA DOS MITOS E DOS ARQUÉTIPOS</b> .....	89
6.1 O mito de Pachamama .....	91

6.2 Algumas observações sobre o mito de <i>Pachamama</i> .....	92
7 COMPLEXO AFETIVO E CULTURAL: O FEMININO COMO REFÉM DO PATRIARCADO .....	96
7.1 O matrístico no movimento <i>Nación Pachamama</i> .....	99
7.2 O matrístico e o feminino na decolonização do ser.....	101
7.3 O <i>Corazonar</i> como ação matrística de decolonização e individuação do ser .....	107
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A VISÃO DAS CORDILHEIRAS.....	111
REFERÊNCIAS.....	122
GLOSSÁRIO .....	127
ANEXO A – Características do Bem Viver.....	134
ANEXO B – <i>El mito de Pachamama y Pachacamac</i> .....	140

## 1 INICIANDO O PERCURSO: MOCHILA PREPARADA

### 1.1 Decisão... de onde venho, parto para a viagem!

A vida renasce quando nos preparamos para enfrentar grandes aventuras. Um ano antes da virada do milênio, resolvi mudar a minha direção, a qual se encontrava no mundo externo. Parti em direção à *soul making*<sup>1</sup>.

Venho de uma família católica e espírita, contudo nenhuma das duas opções de formação humana me moviam. Estudava numa escola católica, mas a ação das religiosas não condizia com seus estudos, celebrações e ritos. A filosofia espírita deixava um vácuo entre alguém que tinha algo a me dizer e verdades de outro mundo, surgidas através de um intermediário. Essas versões educativas religiosas não me tocavam, mas não as vejo como falsas, de modo algum, pois todas encontram o seu porquê de existir. Elas não me modificavam, mas em mim havia uma ordem superior à consciência do ego que marcava sua presença através da escuta da expressão *a casa do pai* que brotava nos sonhos e me conduzia. Em todos os meus sonhos eu me visualizava caminhando para algum lugar. No último deles, eu havia chegado até a porta da *casa do pai* com um filho recém-nascido, contudo eu só poderia entrar se o apresentasse às instituições como escolas e hospitais. Ao tentar tal proeza, a criança era agredida e essa atitude despertava um sentimento de raiva em mim, levando-me a escondê-lo. Nos sonhos eu caminhava e, hoje, após a realização do trabalho dissertativo, chego à conclusão que continuarei caminhando.

### 1.2 Minhas preocupações...

Desde a adolescência, havia em mim uma angústia que marcava um fim. Sentia como se fosse morrer logo. Ficava preocupada ao ver a inocência perdida das crianças diante da insensibilidade dos adultos. O desejo de cuidar me levou a ser professora. Contudo, a prática profissional mostrara que o problema encontrava-se nas frustrações dos adultos que jogavam seu *stress* diário sobre elas. Ah! A ternura infantil... sentimento suave que esses pequenos seres nos fazem recordar. E nesse sentimento com a criança e a educabilidade do humano encontro-me com o campo de pesquisa onde vislumbro a prática espiritual como proposta educativa. Uma educabilidade resultante da auto-eco-educação que leva ao aprofundamento da psique quando se compreende como parte de um todo maior. Desse modo, para desvendar

---

<sup>1</sup> *Soul making* termo utilizado por Gustavo Barcellos para se referir à construção da alma.

a pesquisa delimitar como tema o processo educacional do movimento *Nación Pachamama* e a busca do Si-mesmo.

### 1.3 Ir... para onde?

No campo de pesquisa, movimento *Nación Pachamama*, a espiritualidade<sup>2</sup> é marcada pela vivência de arquétipos e símbolos da cultura andina, uma comunicação estabelecida pela via inconsciente, não muito comum dentro do nosso modelo ocidental. A espiritualidade do movimento é inclusiva e aceita todas as formas de credo religioso, independente de confissão ou igreja, contudo segue os princípios do Bem Viver da cosmovisão andina, mantendo vivo os rituais nas comunidades campesinas do movimento. A espiritualidade do movimento *Nación Pachamama* trata-se da tendência de nos abirmos para a totalidade e a unidade, a qual Jung a denominou de experiência religiosa, profundamente enraizada em nós. O autor constatou que essa experiência se manifestava quando as pessoas entravam em contato com âmbitos que estão além da consciência, ou seja, quando a consciência se aproximava dos aspectos inconscientes. Durante seus estudos, Jung observou que as imagens arquetípicas religiosas foram absorvidas pelas igrejas. Para ele, os arquétipos religiosos são imagens primordiais de caráter coletivo, as quais pertencem a um povo inteiro ou a determinadas épocas. Provavelmente, menciona o autor, que esse seja o motivo dos mitos iniciais possuírem um eixo comum. A imagem primordial é a expressão concentrada de contínuas vivências psíquicas coletivas do ponto de vista causal. Ela propicia a percepção sensorial e espiritual que aparecem de modo desordenado e desconexo.

A cultura é uma construção simbólica, uma teia de vivências e significados que o *homo symbolicus* tece, diferenciando-se dos outros animais (ARIAS, 2002). O sistema de símbolos por ela produzido orienta os humanos e interage reciprocamente com o sistema de símbolos individuais. Os símbolos apresentam-se como qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação que representa um significado desconhecido, contudo não apenas um significado linguístico, mas integrado de emocionalidade (GEERTZ, 1989; JUNG, 2013). Compreender o homem e a cultura é interpretar essa teia de significados e de emocionalidades. Com o estudo, busco compreender a influência simbólica da espiritualidade andina na educabilidade do campo de pesquisa. Para isso, tento compreender a visão de mundo e de homem a partir de

---

<sup>2</sup> A etimologia da palavra espiritualidade vem do latim *spiritus* = espírito. Significa cheio de espírito ou inspirado, animado – com práxis vital intelectual-vital. O objetivo de Jung era a aproximação com o numinoso, ou seja, com o lado divino do arquétipo.

um modelo diferente dos meus parâmetros ocidentais. Isso me fez adentrar as montanhas do inconsciente da América Latina e descobrir os abismos dessa subida que constituem o enfrentamento das minhas frações da alma. Para a viagem precisei preparar a mochila e nela foram necessários alguns componentes como mapa, ferramentas e suprimentos.

## **1.4 A busca dos materiais...**

### **1.4.1 O mapa**

Como um desenho, o esboço do mapa surgiu durante uma meditação, contudo faltavam as ferramentas e os suprimentos para a subida. O mapa não estava completo, era um esboço para adentrar as montanhas e conhecer a América Profunda (KUSCH, 1999). Pelo visto, eu teria que enfrentar as cordilheiras para desvelar o tema de pesquisa. As indicações iniciais do desenho ressaltavam como contextos importantes o feminino e a cultura fálica, tornando-os minhas rotas de busca. Ao refletir sobre eles no campo, percebi como tema de pesquisa a descrição da educação do movimento *Nación Pachamama* como individuação e decolonização do feminino no ser. Até então, eu não havia adentrado as montanhas, mas possuía certo conhecimento sobre o campo a ser pesquisado, facilitando algumas decisões sobre como entrar na montanha. Desse modo, a pesquisa qualitativa com viés fenomenológico foi a opção devido à incerteza do fenômeno abordado (LUDKE E ANDRÉ, 1986). O objetivo principal da pesquisa é descrever o fenômeno observado, buscando laços teóricos para a sua compreensão, lembrando que nem sempre eles existirão, e apenas a descrição do fenômeno constará como registro. Não existe a busca de uma certeza nesse método, tendo em vista que o pesquisador afeta e é afetado pelo fenômeno pesquisado, devido a sua participação. O estudo qualitativo para Bogdan e Biklen (apud Ludke e André, 1986) pressupõe um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e o fenômeno estudado, através de um trabalho intenso no campo, onde os materiais obtidos devem ser descritos, apresentando os pontos importantes do tema abordado. A fenomenologia usada por Jung (2012) baseava-se na observação e reflexão daquilo que aparecia, mais do que na teoria. Segundo o autor,

embora me tenham chamado frequentemente de filósofo, sou apenas um empírico e, como tal, me mantenho fiel ao ponto de vista fenomenológico. Mas não acho que infringimos os princípios do empirismo científico se, de vez em quando, fazemos reflexões que ultrapassam o simples acúmulo e classificação do material proporcionado pela experiência. Creio, de fato que não há experiência possível sem uma consideração reflexiva, porque a “experiência” constitui um processo de

assimilação, sem o qual não há compreensão da alma. Daqui se deduz que abordo os fatos psicológicos, não sob um ângulo filosófico, mas de um ponto de vista científico-natural. Na medida em que o fenômeno religioso apresenta um aspecto psicológico muito importante, trato o tema dentro de uma perspectiva exclusivamente empírica: limito-me, portanto, a observar os fenômenos e me abstenho de qualquer abordagem metafísica ou filosófica. (JUNG, 2012, p.17-18).

Manter uma postura fenomenológica para Jung significava viver e valorizar a experiência, compreendida como experiência vivida pelo indivíduo.

Penna (2013) ressalta algumas particularidades sobre a fenomenologia ao estudo proposto, tendo em vista que a psique observa a si mesma, e isto caracteriza o método de investigação psicológico que implica na dialógica do eu e do outro. Nessa abordagem, fez-se necessária a observação de dois tipos de relação: uma ocorrendo individualmente numa relação ego (eu) e inconsciente (outro) e a outra ocorrendo coletivamente quando a relação anterior ocorre nas comunidades campesinas na dinâmica do encontro intersubjetivo, entendido como aquele que transcende o ego individual. Essa díade eu-outro inclui uma ampla gama de possibilidades, tais como: oposição e complementaridade, diferença e semelhança, união e separação, familiaridade e estranheza. Essa demanda exige, por parte da consciência do pesquisador, acuidade perceptiva, exigindo também sensibilidade e empatia com o sistema observado. O outro, no entendimento da autora, refere-se à psique como objetivo de estudo. Nesse sentido, descrevi algumas possibilidades simbólicas como a *chakana* e *Pachamama*, as quais são vivenciadas dentro do movimento como pressuposto organizador e educativo, ficando a pesquisa circunscrita a essa ação e não a uma análise subjetiva individual (PENNA, 2013). Nessa perspectiva simbólica precisei seguir os passos junguianos, assim,

o método proposto por Jung para a compreensão do material inconsciente envolve a decodificação da linguagem simbólica mediante a tradução e compreensão do seu significado para a personalidade como um todo. A meta da interpretação é propiciar a integração de conteúdos inconscientes na consciência, ampliando-a, ou seja, produzindo autoconhecimento e favorecendo o processo de individuação. (PENNA, 2013, p. 202)

A descrição do fenômeno educativo no movimento *Nación Pachamama* busca trazer a função religiosa andina como uma ideia psicológica na medida em que existe para seus membros. A sua existência psicológica é subjetiva, porquanto uma ideia só pode ocorrer num indivíduo. Mas é objetiva, na medida em que é partilhada por um grupo maior. A partir desse consenso, observei, identifiquei e descrevi as mudanças significativas nos membros do movimento (JUNG, 1989, 1995, 2012, 2015).



Os curandeiros da região de Q'eros, habitantes dos altiplanos andinos do Peru, ensinam que antes de subir na montanha, devemos pedir permissão para os guardiões da montanha e seguindo essas orientações, conversei com a pessoa que trouxe os ensinamentos andinos para o Brasil, Lucidor Flores. A ele solicitei permissão para adentrar no campo de pesquisa, a qual foi aceita prontamente. Após esses primeiros passos, olhei para o sol e percebi o seu calor, a sua direção, a sua força de atração e de ordenamento planetário. Senti que deveria agir como um planeta e seguir uma ordem a fim de não me perder no caminho frente à dimensão do tema e das abordagens educativas apresentadas pelo campo.

O tema da pesquisa encontra uma interlocução entre educação e psicologia. Fiz as primeiras inflexões no campo de pesquisa, em busca da visão de ser humano e de mundo do movimento *Nación Pachamama* para compreender o humano gestado. Assim como Freire (1996) compreendo que existem diferentes modos dos seres se educarem ou se autoeducarem frente à incompletude da sua condição humana. Diz o educador que:

é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (FREIRE, 1996, p.64).

Ao apresentar a ideia da inconclusa condição humana e da educação permanente, Freire (1996) demonstra a relação dialógica entre humano e mundo, ou seja, a relação entre eu e o outro. Nas palavras do educador [...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: a educação ocorre em comunhão (FREIRE, 1978). Essa ideia me levou a buscar em Jung a sua perspectiva epistemológica de como conhecemos o mundo, e a sua perspectiva ontológica sobre as concepções de mundo, de humano e de psique, compreendendo esta como a ideia de realidade individual entrelaçada entre as dimensões consciente e inconsciente, as quais se encontram no contexto coletivo.

Jung (apud CARVALHO, [s.d]), como educador, estabelece a mesma compreensão de Freire sobre educação, eles compreendem que essa se constrói num contexto abrangente e abarca dimensões além da cognitiva, assim como Platão (apud CARVALHO, [s.d]), entendia que educar a personalidade abrangia a dimensão da alma. Esse processo, chamado pelo autor de individuação, leva a alma a uma metanóia<sup>3</sup>, ou seja, é considerado que a alma amplia e

---

<sup>3</sup> Segundo Carvalho [s.d], metanóia é uma palavra de origem grega a qual apresenta duas raízes: META significa “grande mudança” ou “além”. NOIA, derivada de NOUS que tem muitos significados: consciência superior, mente, centelha do Divino (de um mito gnóstico da criação – o NOUS é uma centelha do Divino que se liberta nas Regiões Superiores).

entra numa consciência superior. Essa visão educativa de Freire e de Jung justificam o estudo da educação frente ao movimento *Nación Pachamama*, no qual encontramos através da espiritualidade andina, a busca pela autoeducação e co-responsabilização social, cultural, ecológica e cosmológica quando o protagonismo individual se encontra com o bem viver do coletivo.

#### 1.4.2 A rota

A montanha era enorme e se encontrava no contexto da cordilheira andina. A subida não seria fácil, sentia-me uma pequena formiga, mas apesar do tamanho, detinha muita força para assumir esse trabalho. Seguir em direção ao *soul*<sup>4</sup>, *ao inconsciente e à alma* é confrontar-se com o tenebroso em nós. Kusch (1999) refletiu e percebeu que para conhecer a América Profunda precisava estar-sendo e o define como a vivência vinculada a uma atitude de contemplação diante do mundo. Essa contemplação não é estática, pelo contrário, é dinâmica e representa uma atitude mítica e mística sobre aquilo que se apresenta de bom e de nocivo. Estar-sendo é uma postura despretensiosa diante da vida por entender duas situações: de que somos um entre tantos outros, e de que o controle humano é, em sua maioria, ineficaz sobre os ciclos terrestres e cósmicos. Para conhecer o mundo andino, não basta uma reflexão intelectual, é preciso viver, sentindo a partir do corpo e da mente, aquele povo, aprendendo seus costumes, sua forma de sentir e pensar o mundo. Estar-sendo é encarar o desconhecido em nós admitindo os próprios odores e as suas consequências no coletivo. É pôr o pé na rua do diabo (KUSCH, 2012). Para realizar essa proeza, alguns autores foram fundamentais no estudo empírico.

#### 1.4.3 Companheiros (as) de caminhada

Desse modo, como companheiros dos primeiros passos busquei os próprios integrantes do movimento *Nación Pachamama*, a partir das leituras flutuantes de correspondências eletrônicas enviadas pelos integrantes do movimento para listas gerais, chamadas *Ayllu*, *Intiuthana*, Aspirantes e Discípulos (BARDIN, 2009). A leitura inicial dessas listas me aproximou do tema proposto. O próximo passo ocorreu através de uma pesquisa bibliográfica sobre a cosmovisão andina e o tema proposto. A partir desses pressupostos, estabeleci uma

---

<sup>4</sup> Termo usado por Gustavo Barcellos fazendo uma menção a parte do nosso inconsciente a alma ou alma.

legenda no mapa, os quais definiam como tema: individuação, espiritualidade e feminino. Para esses temas a lista de companheiros contava com Jung, Jacobi, Franz, Boechat e Freire. Estes foram fundamentais para compreender alguns tópicos conexos ao tema - a educação como processo de individuação da alma (libertação); a condição humana como incompletude; quem somos; a relação entre eu, o outro e o mundo; bem como, a condição feminina. Kusch, Estermann, Arias, Quijano e Mignolo auxiliaram a compreender a cosmovisão andina, a colonização e suas consequências na alma Latina Americana voltada para o viés espiritual. Penna, Dilthey, Kusch e Jung auxiliaram na construção da metodologia de pesquisa. Além das leituras citadas, outras foram realizadas durante o trabalho para complementar o estudo.

#### 1.4.4 Ferramentas para a subida

Além do mapa eu ainda precisava de algumas ferramentas, sem as quais a subida tornar-se-ia muito árdua. Para compreender como ocorre a educação do movimento, a primeira ferramenta utilizada deu-se num processo reflexivo entre a bibliografia e a leitura de correspondências eletrônicas para situar o tema e a reflexão teórica. A segunda, possibilitou compreender a visão de mundo e de homem no movimento *Nación Pachamama*. Realizei entrevistas semi-estruturadas, por deixarem o entrevistado livre e, ao mesmo tempo, focado nas questões principais do tema. Os entrevistados foram escolhidos a partir de alguns critérios como tempo de participação no movimento *Nación Pachamama* e função exercida. No movimento não existe liderança política como a figura do cacique nas comunidades indígenas. Nele existe o propósito comum de viver o ser comunitário e isto requer uma troca de sabedorias, portanto aqueles que se mantêm mais próximo da fonte dos ensinamentos andinos são reconhecidos como *maestro*. Essa condição se faz por ter alcançado um grau maior de sabedoria cósmica e, também, por estabelecerem uma relação mais livre das máscaras da sua personalidade externa. Eles portam uma consciência maior sobre os processos inconscientes. Os mestres se envolvem diretamente com as ações do movimento. Munay Flores e Caridad Mendizabal foram os entrevistados na condição de *maestros*. Os *abuelos*<sup>5</sup>, por serem cronologicamente mais velhos, são considerados guardiões de experiências. Nessa condição a entrevistada foi Arádia Iriarte. As *mamas*, por desenvolverem as atividades de cuidado e nutrição e, também, por exercerem a função educativa. Neste processo, *Mama Ifigênia Sandoval* deu sua contribuição. Os compadres ou as comadres são responsáveis por cuidar,

---

<sup>5</sup> *Abuelos* em espanhol significa avós.

irradiar e apoiar a sua família dentro do *ayllu* e nessa função os entrevistados foram Nuit Sandoval e Arthur Molina. As entrevistas foram registradas num diário de campo composto de um único volume.

Outras ferramentas necessárias para compreender o tema foram as vivências junto ao movimento. Jung (2014) afirma que a lógica do inconsciente, a qual leva à metanóia da alma, está na ordem do viver e se encontra independente do consciente, assim, a vida é a grande educadora, conforme visto por Dilthey (apud AMARAL, 1987), e diante dela não existe total controle humano. Nessa compreensão, a vida é a grande mestra, então percebi a relação do feminino a partir da deusa andina chamada *Pachamama* dentro do eixo educativo do movimento. Para compreender melhor essa relação com o feminino, vivenciei a vida comunitária na comunidade de San Marcos Sierras, na Argentina. O critério de escolha dessa comunidade se deu por três motivos principais: ser uma das mais antigas, estar habitada por famílias e viver os propósitos comunitários. Por último, por nela ter sido ministrado o curso com Lucidor Flores sobre a deusa hindu *Kali Ma*, a qual não será possível abordar nesse trabalho devido à extensão do tema.

#### 1.4.5 Suprimentos básicos e extras...

Alguns suprimentos eram necessários para o percurso, assim, participei de palestras realizadas durante a peregrinação de Lucidor Flores<sup>6</sup> no Brasil, as quais se realizaram na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, na Comunidade Campesina *Aoniken*, em Morungava, no núcleo *Surya Yoga*, em Caxias do Sul e no centro de eventos da pousada Oca dos Índios durante o quarto encontro da *Nación Pachamama* em Fortaleza. Essas participações me levaram a compreender a linha de pensamento e condução do movimento, conforme a cosmovisão andina.

Como suprimentos extras, outras oportunidades surgiram durante o percurso do trabalho. Foi, então, possível a realização de entrevistas com alguns intelectuais bolivianos e equatorianos sobre o Bem Viver, a cosmovisão andina, o *corazonar*<sup>7</sup> e os símbolos. As três foram gravadas na oportunidade e cuidadosamente transcritas pela pesquisadora e registradas no diário de campo. A possibilidade da pesquisa qualitativa fenomenológica de flexibilizar o

---

<sup>6</sup> Lucidor Flores é descendente dos povos originários, mapuche e theuelche é o responsável pelos ensinamentos da cosmovisão andina no movimento *Nación Pachamama*.

<sup>7</sup> *Corazonar*, segundo Arias (2011), é um verbo, ou seja, uma ação que visa buscar dentro de si o poder da afetividade, do sentir, da sabedoria do coração, o sentido do agir para transformar a vida que está em relação. Para Arias (2007), *corazonar* é uma resposta insurgente e ato decolonial.

método oportunizou esses encontros durante o percurso do trabalho. Em ordem cronológica cito abaixo os entrevistados e sua área de pesquisa:

a) Doutor em Transformação Humana do Instituto *The Zambuling*, Washington, Fernando Huanacuni Mamani, entrevistado durante o quarto encontro da *Nación Pachamama*, realizado em maio de 2015 na cidade de Fortaleza. Versou sobre o Bem Viver e *Pachamama*;

b) Doutor em Estudos Culturais, Antropólogo e filósofo Patricio Guerrero Arias, entrevistado na Universidade Salesiana durante o período de intercâmbio no Equador, em fevereiro de 2016, sobre o tema *corazonar*;

c) Doutor em estudos culturais Ariruma Kowi, no Equador, professor da Universidade Simon Bolivar, entrevista realizada durante o período de intercâmbio no Equador, sobre símbolos culturais.

### **1.5 Mapa e mochila prontos: hora da subida!**

Praticamente tudo parece pronto: mapa traçado, ferramentas organizadas e suprimentos guardados na mochila. Agora, adentrando na montanha, me preparo para encontrar as serpentes, os pumas e os condores, sentir na pele o que a América nos tem a mostrar, tanto na sua pulcretude como nos seus odores (KUSCH, 1999). Adentrar nessas montanhas nevadas é entrar no *soul* (BARCELLOS, 2012). A metodologia escolhida proporcionou a produção de vivências e reflexões, mantendo a clareza de que algumas situações apenas ficarão registradas sem o diálogo do pensamento linear.

Durante a escrita estabeleci correlações entre a cosmovisão andina e a vivência do movimento *Nación Pachamama*, tomando, também, como ponto de reflexão as bases teóricas percorridas na bibliografia e as entrevistas extras. Organizei o trabalho de pesquisa em pontos, os quais se delinearão conforme a minha vivência desde o início da escolha do tema. No primeiro descrevo como se deu o percurso da pesquisa, os materiais necessários para o seu desenvolvimento e a organização do texto.

No segundo, procurei refletir sobre as questões simbólicas no intuito de ressaltar os diálogos estabelecidos entre consciente e inconsciente, os quais se encontram presentes em nossa rotina diária. Não somos educados para estabelecer esse diálogo com a alma, e por não percebemos essa forma de comunicação, encontramos dificuldade com nossas imagens simbólicas.

No terceiro, o percurso se deu no garimpo da bibliografia para compreender o caminho andino. Nos encontros com o movimento *Nación Pachamama* verifiquei a necessidade de

conhecer a sua história, parte da cosmologia andina e os processos vividos a partir da matriz colonial. Essa necessidade surgiu devido ao contexto do Bem Viver desse povo no campo pesquisado. Ao adentrar na América Profunda, a cosmovisão andina me trouxe outra forma de enxergar o mundo. Passei a compreender que o Bem Viver latino americano está escondido entre pulcretudes e odores (KUSCH, 1999) e conhecê-los faz parte da nossa própria condição psíquica por estarmos vinculados ao mesmo inconsciente cultural.

No quarto ponto, através das entrevistas, procurei conhecer o percurso histórico do campo pesquisado, sua visão de mundo e de ser humano, bem como que pontos a influência andina exercia no movimento para a busca do bem viver. Nele meu objetivo era ter uma visão do movimento segundo os entrevistados, e perceber quais as referências usadas no movimento para o estabelecimento de uma educação espiritual. Visei o significado do nascimento deste movimento no atual meio civilizatório, qual a sua função na construção de uma prática humana de cuidado com *Pachamama* e a quem ele responde neste tempo denominado *Pachakuti*, citado pelos *abuelos* andinos.

No quinto, ingressei a partir das vivências educativas, no interior do movimento no intuito de compreender a base espiritual a partir dos símbolos da *chakana* de *Pachamaam* e do princípio do *ayni*. Além disso, comecei a perceber a presença intensa do feminino a partir da espiritualidade andina como meio de decolonização do ser. Foi quando busquei, no sexto ponto, aprofundar a linguagem simbólica do feminino a partir do mito de *Pachamama*. Nele observei as diversas expressões arquetípicas que funcionam de forma ordenada em nossa psique e a importância de trabalharmos os símbolos na educação como desenvolvimento da personalidade.

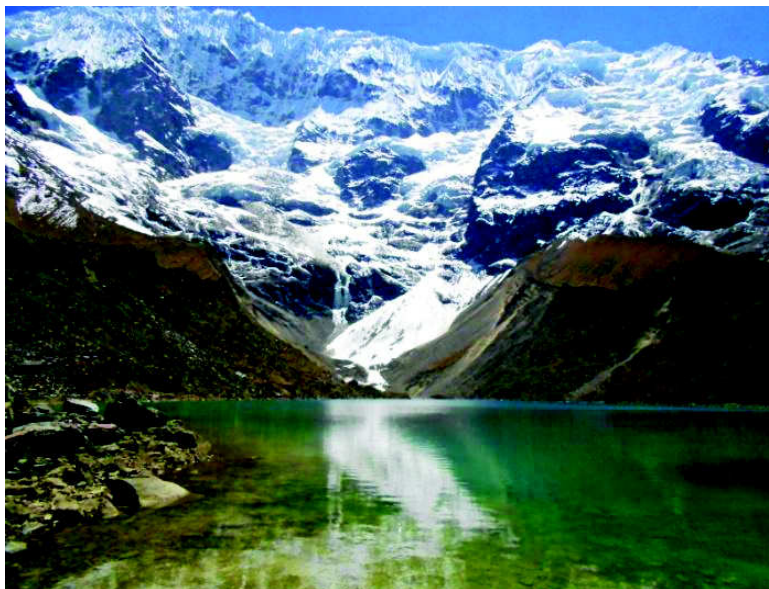
No sétimo, busquei compreender a influência do aspecto feminino da psique como refém do patriarcado. O complexo cultural tornou-se visível diante da história da conquista da América. A necessidade de *corazonar*, então se apresenta como ação matrística de decolonização do feminino na psique humana para a individuação do ser, sendo esse processo vivenciado no movimento *Nación Pachamama*.

No oitavo ponto foram realizadas algumas considerações finais frente ao processo de pesquisa, o qual se deu, metaforicamente, diante de um percurso na montanha quase inalcançável. Com a montanha, aprendi a lição da humildade dos campesinos, os quais conhecem a sua grandiosidade. A montanha é como a vida ou o sol, que detém todo o percurso, inclusive o da alma. Nosso desafio encontra-se em educar a personalidade, sem pretensão de criar verdades, porque a montanha em si possui a sua própria verdade, que mesmo tentando desbravá-la, percebo está longe de ser intelectualizada por mim.

## 2 OLHANDO A MONTANHA: OS MOVIMENTOS SIMBÓLICOS COMO PERCURSO DA PESQUISA

Figura 2 – Montanha Ausangate - Peru

A imagem da montanha Ausangate, no Peru... um significado profundo tomou meu ser, sentidos inexplicáveis em palavras, ausência de conceitos.



Na linguagem dos mistérios ressaltada pelas antigas civilizações que habitaram a região peruana denominada andina, encontrei

minha descendência com os povos originários após a consciência entender o significado de diversos símbolos como caminho inconsciente buscado pela pesquisadora.

Os símbolos<sup>8</sup> são representações de um estado psíquico que se manifesta como uma imagem a qual produz um sentimento profundo. Estabelecem uma ponte entre os conteúdos e arquétipos inconscientes com o consciente. A imagem de um símbolo não é uma imagem qualquer, pois sua profundidade nos coloca no caminho da individuação. São produzidos pela psique e revelam o seu impulso criativo o qual ultrapassa toda a nossa vida. Eles também determinam os momentos vividos pela psique e podem ser vistos exteriormente. Assim, no percurso do trabalho, farei correlações entre as minhas imagens que entendo como simbólicas (presentes na minha vivência) e com o percurso do estudo desenvolvido.

Vejo este trabalho dissertativo como resultante de um processo buscado a partir de percepções e preocupações, ainda geradas na época da infância quando presenciava condutas desagregadoras e violentas no ambiente escolar. Nascida dentro de um ambiente amoroso, não conseguia entender o que levava o ser humano a agir daquela forma desastrosa, como marca a história escolar e da humanidade. Contudo, a obsessão pela racionalidade ressalta a impossibilidade que o humano desenvolve para perceber outras possibilidades de construção do mundo (KUSCH, 1999).

<sup>8</sup> Jacob (2013) explica que a palavra símbolo para Jung tem sua raiz na língua alemã designando uma imagem de sentido (*sinnbild*), sendo esse sentido que expressa as funções conscientes e inconscientes do símbolo. As palavras latinas *symbolum* e grega *symbolom* representam a ideia de união ou ponte de ligação.

Essas reflexões me levaram às leituras de Kusch nesse hino contemporâneo quando diversificados acordes violentos sociais são produzidos contra as etnias, a mulher, o governo, os animais, os homossexuais, e tantas outras. Minhas reflexões não pararam, e mesmo passando pelos bancos da educação e do direito, não compreendia essas pinceladas humanas no quadro da vida. Minha atitude perceptiva, diante dos fatos do mundo e da auto-observação, levou-me a descobrir uma parte desconhecida e altamente ativa que, por vezes, trazia-me alegria, por outras, dor. Nesse ínterim, os símbolos surgiram e me conduziram. Conforme dirimiam a tensão psíquica, aumentavam o meu estado de harmonia interna, o qual se comunicava externamente.

Os símbolos partem da forma elipsoide de pensar e sentir, estudada por Jung (2011), se mostra no movimento *Nación Pachamama* através do diálogo simbólico entre consciente e inconsciente nas lições da *chakana* e de *Pachamama*. Isso me fez observar, dentro do cotidiano, os símbolos, como peças de um quebra-cabeça que eu deveria montar. Essa articulação simbólica produzida pelo potencial criativo da psique, segundo Jacobi (2013), precisa passar pela consciência do ego a fim de ser percebida, mesmo que não possa ser interpretada pelo consciente. Segundo a autora, o nível de percepção da consciência ocorre de duas formas: uma superficial, quando o indivíduo percebe, mas permanece inerte diante do fato, e o outro ocorre de modo mais profundo, quando processa o fato e toma uma posição ou se responsabiliza pelo mesmo.

Durante a escrita do trabalho veremos, segundo o campo, três expressões para o termo consciência: a citada como a consciência do eu ou do ego, diz respeito ao processo descrito por Jung (2011) que é a capacidade de julgar, de compreender promovida pelo pensamento linear, lógico e de precisão quantitativa da psique que exerce as funções do ego<sup>9</sup>. Esta consciência encontra sua base no pensamento racional, o qual não inclui uma abertura ao sentir como componente importante à constituição humana, sinalizado por Arias (2007). O segundo processo de consciência, definido pelo campo é como um estado de consciência em dormência, como definiria Jung (2001), como um estado de inconsciência. Nele o indivíduo percebe o fato, mas não processa uma resposta, age mecanicamente conforme os valores estabelecidos pelo coletivo, não apresenta um posicionamento crítico, é permissivo. A terceira expressão refere-se à consciência do Si-mesmo, a qual transcende a função do ego, sendo

---

<sup>9</sup> Ego (eu) também foi denominado por Jung como complexo do ego (eu), sendo o centro da personalidade consciente o que atrai todos os conteúdos conscientes. O ego refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesmo como centro de vontade, de desejo, de reflexão e de ação. A consciência é o campo de percepção dos nossos próprios sentimentos e no seu centro existe um eu, o portal da psique (STEIN, 2006).



chamado de estado de atenção plena, de Presença, de consciência plena ou de estado acordado, caracterizando a consciência do Si-mesmo, definida por Jung (2011). O Si-mesmo é o arquétipo organizador de todos os outros arquétipos que compõe a psique. Os arquétipos são constituídos de imagens primordiais herdadas dos ancestrais ou da cultura e encontram-se numa camada mais profunda da psique denominada de inconsciente coletivo. As imagens arquetípicas provocam um tipo de reação do indivíduo no mundo conforme a reação da sua ancestralidade. O arquétipo do Si-mesmo representa a imagem da totalidade que abrange todos os fenômenos psíquicos, tanto consciente como inconsciente. Segundo Stein (2006) para Jung o Si-mesmo é transcendente, e define um importante domínio psíquico, que está além deste.

A forma *elipsoide de pensar e sentir* demonstra ser uma relação importante e responsável pelo desenvolvimento educativo do campo de pesquisa quando a individuação (JUNG, 2011), que surge a partir do diálogo entre consciente e inconsciente. Este diálogo se mostra como ponto nevrálgico à produção de símbolos individuais e à organização coletiva, quando em contato com a ancestralidade andina, utilizam o símbolo cultural da *chakana* e do pensamento mítico de *Pachamama* como referências. O termo individuação, utilizado por Jung, se refere a um processo educativo de lapidação da psique, que decorre de uma sequência de transformações evolutivas ao desenvolvimento do indivíduo. Não significa tornar-se polido, mas perceber em nós o que somos, o que tem voz em nós, pois cada ser deve ser singular, diferenciado de complexos parentais ou culturais, de padrões coletivos, de normas, de valores da sociedade, de expectativas, de papéis ou daquilo que pensa (KAST, 2013). Esse termo não deve ser confundido com individualismo que guarda uma visão egoística, de pensamento egóico quando o indivíduo pensa somente em si, e não no coletivo. O processo de individuação segue no sentido de melhor viver no coletivo.

Assim, destaco que percebi nos membros do movimento diferentes níveis de percepção/consciência e isso acontece conforme o esforço de cada um no empenho das práticas próprias do movimento como meditação, exercícios respiratórios e outros. Esses níveis são bem variados. Alguns se encontram ainda muito próximos do chamado estado da consciência dormente, pela ausência de esforço que o ego exerce no desenvolvimento de uma consciência mais profunda. No nível, entendido como o mais avançado, poucos se encontram e dentre esses se observa o estado de Presença por meio da escuta profunda e da percepção aguçada que ocorre à distância entre os membros do movimento, quase como um contato telepático.

O desenvolvimento da consciência ocorre através do diálogo entre consciente e inconsciente e produz símbolos pelo potencial criativo da psique, que exercem a função homeostática psíquica como meio de diminuir a tensão nela presente. O símbolo produzido pode ser qualquer coisa do cotidiano percebido pelos sentidos, como uma expressão, um objeto, uma imagem, uma paisagem e alimenta algo enigmático que compõe um significado excedente (KAST, 2013).

Os símbolos têm marcado presença na condução deste trabalho dissertativo desde 2009, quando estabeleci os primeiros contatos com os povos originários, através do Reiki Xamânico, por meio dele surgiu a primeira expressão simbólica: tecer aliança.

Em 2010, após a morte paterna, participei de uma prática de limpeza emocional, física e espiritual, promovida pela Escola Espiritual da Mística Andina, denominada Prática dos 21 dias<sup>10</sup>. Essa prática divide-se em três semanas, sendo a primeira voltada a observação dos aspectos físicos de alimentação, respiração, exercícios. Na segunda, os aspectos emocionais são os mais observados e a última há o aprofundamento nos aspectos espirituais. No encerramento desse evento em 2010, tive a sensação final de conhecer aquelas pessoas, as quais nunca havia visto. Posteriormente, iniciou uma simpatia pela Mística Andina, devido ao seu jeito simples e familiar como se referem, contudo, sem o meu envolvimento com as atividades do grupo. O encerramento dessa prática ocorreu em Florianópolis, na beira da praia. Em frente ao mar, recitamos um mantra indiano. Neste momento ressaltou um cardume de peixes do fundo do mar, o qual veio até a beira onde o grupo se encontrava, ele dividiu-se em dois e, posteriormente, se uniram novamente e retornaram à beira, realizando o mesmo movimento cíclico. Realizaram essa acrobacia enquanto recitávamos o mantra até que por um momento se dissiparam. Neste momento surgiram os símbolos: grupo, peixe, dualidade, síntese.

No ano seguinte, 2011, em Aurora, no Uruguai, realizei um trabalho de recuperação da terra, e tive contato com outro símbolo. Este me levou ao estudo da educação da personalidade desenvolvida pelo movimento *Nación Pachamama*, como decolonização<sup>11</sup> do

---

<sup>10</sup> A prática dos vinte e um dias é realizada pela Nação Q'eros, lugar de onde surge a base espiritual do movimento *Nación Pachamama*. Foi considerado desde 1955 como o último *ayllu* Inca pelos historiadores Oscar Nuñez de Prado quando realizou sua primeira visita. A Nação Q'eros é composta por várias comunidades (*ayllus*) e se localiza no altiplano andino na província de Paucartambo, no departamento de Cusco, Peru. No dia 21 de novembro de 2007, a cultura do povo Q'ero foi declarada patrimônio cultural da nação peruana devido à preservação da sua identidade através do tempo de colonização. Quando um cidadão comum se encontra com um Q'ero, o saúda com respeito, convidando-o para comer em sua casa, pois compreende a importância espiritual desses seres para a sociedade.

<sup>11</sup> A decolonização do feminino se refere ao processo cultural sobre a essência feminina presente na psique masculina e feminina. No decorrer do trabalho veremos de modo mais específico.

feminino e individuação no ser. Naquele lugar, recebi uma espiga de milho *awati etei*<sup>12</sup> de quatro cores. Sem saber, uma ponte com o povo guarani se estabelecia, porém, a única informação obtida sobre o milho era o seu uso em rituais sagrados. A mente linear não entendeu o significado, mesmo procurando na internet. Na época, eu não havia estabelecido contato com esse povo, e não imaginava essa hipótese, contudo, era como um prenúncio do que viria acontecer em 2014. O vínculo com o povo guarani grifou uma mensagem sobre a definição do tema e, conseqüentemente, sobre o objetivo principal do meu trabalho dissertativo, o qual relatarei no final dessa parte. Naquele momento, além do milho, o Uruguai também carregava a presença do feminino, a partir de relatos sobre as aparições de Maria naquela região.

No início de 2012, realizei com o Movimento *Nación Pachamama* um curso chamado *Os Jardineiros de Pachamama*. Este ano foi marcado por uma encruzilhada, e a seta indicava os caminhos do feminino, os quais se mostraram através de *Pachamama*, símbolo cultural dos povos andinos, *aymara* e *quéchua*, o qual representa uma deusa mãe protetora da Terra. Na cultura hindu essa figura é chamada de a Mãe Divina e na religião cristã, ela representa Maria, mãe de Jesus. Dizem os povos andinos que por motivo de resistência à colonização, foi necessária a integração de *Pachamama* à imagem do símbolo cristão de Maria a fim de preservar o culto daquele pelos andinos.

No final deste mesmo ano, trabalhando numa escola católica, passei por uma situação decepcionante com a educação escolar. Saí abalada, pois verifiquei que o diálogo e a valorização humana naquele sistema existiam apenas como fachada. Na escola X<sup>13</sup>, onde eu exercia a função de professora, existia um jogo de sustentação dos interesses competitivos do mercado global, mesmo na situação de inclusão escolar, diferentemente da filosofia do sistema que priorizava o compromisso formativo e de bem-estar. Naquele momento, percebi que o valor com a formação humana não era a parte da balança que mais pesava (BARRETO, 2009). O ano foi marcado por opressão psíquica no ambiente de trabalho e pela falta de escuta atenta para uma patologia social que era vigente na escola. A decepção com a educação escolar adentrou o meu corpo-mente, contudo, ao sair do ambiente, recebi como presente a imagem de Maria. No mesmo instante, senti que a imagem parecia ter dito: estou contigo.

Em 2013 ingressei como aluna especial no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação. Busquei por um tempo refletir se era o que desejava realizar, pois algo estava

---

<sup>12</sup> Os grãos que constituem essa espiga apresentam quatro cores, as quais simbolizam as quatro cidades espirituais, *Nhamandú*, *Karai*, *Jakairá* e *Tupã*, de onde provêm os diferentes espíritos que compõe uma comunidade guarani.

<sup>13</sup> Prefiro não mencionar a identidade da escola.

claro: não assumiria um trabalho apenas para incluir um título ou para repetir teorias, necessitava sentir<sup>14</sup> profundamente o que fazia e porque fazia. Quando buscamos sentido ou não conseguimos encontrar sentido, significa dizer que uma parte da nossa psique não está envolvida e essa parte constitui uma fração importante do inconsciente denominado de anima, também denominado de alma. Ela é o arquétipo responsável pela força de viver (JUNG, 2011; EDINGER, 1989). Durante as três disciplinas cursadas, percebi que todos os autores estudados conseguiam se comunicar comigo e dentre eles encontrei Morin, Maturana e Varela. Eles falavam sobre a complexidade da vida, foi quando percebi que o curso de Pós-Graduação em Educação - Mestrado – da Universidade de Santa Cruz do Sul, apresentava algo que distava do mero intelectualismo. Enquanto isso, os símbolos continuavam a aparecer no cotidiano. Iniciei meus estudos junto à linha de pesquisa Educação Ameríndia, Movimentos Sociais e Princípio Biocêntrico, na qual dei início aos estudos com os povos originários. Apesar de ser considerada uma linha de pesquisa do curso de Psicologia, vivemos uma experiência de estudo em grupo no Mestrado em Educação, coordenado pela professora doutora Ana Luisa Teixeira de Menezes.

Em setembro de 2013, ganhei um presente inesperado pelas mãos da minha mãe: uma viagem mística ao Peru. Novamente a presença feminina atuando. Falo mística porque seu objetivo era vivenciar os mistérios guardados nos lugares considerados sagrados para o povo andino. Nessa viagem o sentido era o aprofundamento do pensamento circular. Não estávamos com os olhos voltados para o turismo, as compras e as fotos, ou seja, para o mundo externo, visual, lógico e linear, mas para o interno, circular. O foco central estava nas vivências realizadas pela cidade e seus lugares sagrados. Naquele momento, consegui compreender o significado do pensamento simbólico e do linear (JUNG, 2011), bem como a ideia de Dilthey (apud AMARAL, 1987) ao relacionar a vida como a grande educadora.

A dimensão trazida por Dilthey da educação, da vida psíquica e do sentido teleológico destes nos faz pensar, que no universo de tantas vivências e que nestas contém o princípio em relações vivas, que a educação conforme afirma Dilthey, deve somente guiar a pessoa e formá-la durante esse processo vivido. (DILTHEY apud AMARAL, 1987, p.144).

O processo vivido durante a viagem trouxe profundas transformações, que foram perceptíveis a partir da mudança de direção da energia psíquica, levando-me a outras atitudes

---

<sup>14</sup> Jung (2011) define “sentir” não como sentimento (*sentiment*) ou intuição. Sentir para o autor está oposto a pensar e faz parte de um juízo de valor, o qual se manifesta espontaneamente. Contudo, mantém a mesma função racional do pensar. Para Arias (diário de campo, 2016) envolve dimensões humanas que estão além do pensamento racional instrumental, que converge em inúmeras contradições segundo Max Weber (apud Sell, 2012, p.154).

diante dos mesmos problemas enfrentados. Situações angustiantes ou ansiosas deixaram de se manifestar, contudo é difícil expressar como isso ocorreu no sentido gramatical ou conceitual da linguagem. Durante este período, conheci Matias e Francisco, eram curandeiros, *altomisayoq* e *pampamisayoq*<sup>15</sup>, descendentes do antigo *Tahuantinsuyo*, pertencentes à região de Q'eros localizada no altiplano andino a cinco mil metros de altitude. Foi no Peru, diante dos rituais de agradecimento, os pagos, daquela cultura antiga, que brotou em mim a questão da mestiçagem racial e da identidade. As vivências<sup>16</sup> promovidas foram intensas e muitas se tornaram realidade visível ou concreta<sup>17</sup>. Naquele momento percebi a importância da vivência para a educação, este conceito para Dilthey (apud AMARAL, 1987) refere-se às transformações humanas, muitas vezes inexplicáveis por meio da linguagem. As situações vividas colocam os indivíduos no exercício entre impulso e resistência quando se organiza o nexos da vida psíquica, o qual é sustentado a partir da totalidade das forças vividas. Tudo o que captamos, tanto pela via consciente como inconsciente, é levado para a psique e nela produzem as multirealidades psíquicas. Assim, diante dos nexos criados a partir das vivências espirituais, dos símbolos e das narrativas da viagem, considerei a educação ou educabilidade do movimento *Nación Pachamama* importante para refletirmos outras perspectivas educativas.

O movimento *Nación Pachamama* trouxe à tona a complementaridade existente entre o pensamento linear e o circular, contudo, no compasso da cultura ocidental racionalista, este último não é muito valorizado. O pensamento circular é o responsável pela linguagem dos sonhos, das fantasias, dos mitos, da realidade mágica, onde os símbolos encontram-se intensamente presentes. É um modo de pensar sem a condução dirigida, diferente do pensamento linear, racional, ordenador que trabalha para fora, com elementos linguísticos. O circular trabalha sem esforço, espontaneamente, com conteúdo que são encontrados prontos. Os conteúdos se referem a um estado de coisas percebido pelos sentidos, pelo que passa pelo pensamento, as recordações, os desejos, o fazer involuntário sem prestar atenção. Tanto o pensamento linear como o circular estabelece uma linguagem comunicativa. Edinger (1989) explica que é possível distinguir dois usos diferentes dessa palavra linguagem, comumente, o termo indica o conhecimento abstrato e objetivo veiculado por um signo ou representação.

<sup>15</sup> Os termos se referem às categorias de curandeiros andinos.

<sup>16</sup> Segundo os estudos junguianos e diltheyanos, o conceito de vivência está ligado às transformações humanas profundas. Essas transformações seriam conduzidas pelo pensamento simbólico e, necessariamente, não estabelecem ponte com o pensamento linear.

<sup>17</sup> O termo realidade concreta faz menção aquilo que é captado pelo pensamento linear, contudo Jung (2011) ressalta a realidade simbólica a qual existe tanto na vida concreta como na vida simbólica. Este tipo de realidade seria a realidade psíquica que habita em todo o humano, porém é desconhecida pela maioria como fator constituidor importante da energia psíquica, na visão do autor.

Assim, por exemplo, a palavra cavalo significa uma espécie particular de animal quadrúpede. Esse significado é abstrato e objetivo, veiculado por signos no pensamento linear. Todavia, há outro tipo de significado, um significado vivo, o qual não se refere ao conhecimento abstrato, mas sim a um estado psicológico que pode iluminar a vida e para este caso a linguagem é simbólica.

A imagem do feminino estava de alguma forma presente, comunicando-se a partir da linguagem simbólica em todos os lugares em que me encontrava. *Pachamama* era um símbolo que o pensamento linear ainda não visualizara seu sentido. Para Hillman (1988), a imagem psíquica necessita de relações e não de explicações e foi para este caminho que parti, em busca de relações. Ainda segundo o autor, a fonte de imagens é uma atividade geradora da própria alma, cujo sentido não se refere aquilo que se vê, mas à maneira como se vê.

Para Jung [s.d],

uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperança de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, [s.d], p.20).

O modo de percepção linear é insuficiente para o aprofundamento do ser, dessa forma o processo de individuação é prejudicado (JUNG, 2011). A individuação é um movimento da psique que resulta na formação dos símbolos a partir do confronto dialógico entre consciente e inconsciente. O objetivo desse diálogo é nos tornarmos quem somos, sem as máscaras da personalidade que são desenvolvidas pela família, pela cultura ou pelo social. Na individuação o indivíduo se constitui psiquicamente, tornando-se uma unidade separada e ao mesmo tempo unida a toda a humanidade. A individuação é uma construção progressiva de diferenciação do coletivo externo e das fantasias inconscientes (CARVALHO, [s.d]). Depois da percepção consciente da existência de uma comunicação simbólica do eu interno, o feminino em *Pachamama* e os milhos recebidos em 2011 voltaram à consciência durante o mestrado.

Buscar o significado metafórico tecido pela vida, a qual mais parece uma aranha tecendo sua teia, significou a produção do texto dissertativo. Tecer a vida unindo o consciente com o inconsciente é deixar-se guiar pelo arquétipo da *anima*, alma, que sempre está contida numa indefinida quantidade de fatores desconhecidos do inconsciente. No sentido do texto, o arquétipo da *anima*, entendido como alma, faz referência a um aspecto psíquico produtor de

diferentes tipos de imagens, as quais servem para confrontar o consciente e o inconsciente, guiando o indivíduo durante a travessia do eixo ego-Si-mesmo. A alma tem uma função espiritual, entendida por Jung (2012) não como religiosa, mas como uma vivência psíquica que busca camadas mais profundas da psique. Essa função espiritual da alma me levou a pesquisar sobre a função espiritual do milho recebido em 2011.

Assim durante o mestrado, no grupo de estudo da linha já citada, mantive contato com duas comunidades guarani situadas nas aldeias de Salto do Jacuí e de Estrela Velha, Rio Grande do Sul. Por meio delas soube que o milho integrava a cerimônia de batismo. Nesta as crianças recebem o seu nome em guarani. Ao nascer, a criança recebe o nome em português em cumprimento as leis do *juruá*<sup>18</sup>. O nome em guarani somente é definido após a mãe sentir a presença do vínculo familiar da criança com a família. Após esse ato intuitivo, as mães são orientadas a consultar o líder espiritual para que este ouça o nome da criança. Esse evento ocorre durante a cerimônia denominada *nimongarai* ou *mitã mbo'éry*, quando o milho *awati etei* é usado. Nesta cerimônia o líder espiritual ouve a procedência da palavra-alma<sup>19</sup>, nome em guarani, que é uma palavra divina e divinizadora. Para o guarani o nome carrega o sentido da existência da criança, para que ela veio, e lhe serve de guia.

O nome da pessoa é o fundamento fora do qual a pessoa não terá outro suporte válido. Cada nome vem a ser como uma cifra poética que acompanha a pessoa desde o seu nascimento até a sua morte (Melià, 1991, p.103; 90). A concepção do ser humano é atribuída ao sonho (Schaden, 1974, p. 107-108). Esse sonho gera uma palavra. A pessoa será então uma “palavra sonhada”. [...] Nessa concepção de nome e de palavra se origina um dos ritos mais importantes dos grupos chamados guarani, o da nominação de criança, *mitã mbo'éry*, *nimongarai*. Somente com a recepção do nome – que ocorre até o segundo ano de vida - a mãe possui de forma plena sua criança. (CHAMORRO, 2008, p. 265-266).

O líder que recebe das divindades a palavra-alma é chamado de *karai*<sup>20</sup>. O milho é um dos símbolos utilizados durante a cerimônia e representa a nutrição física e espiritual para toda a comunidade guarani. Nesse ritual, a fumaça, a água e o milho são usados para lembrar a comunidade de que toda a criatura está ligada a *Jasuka*, Matéria ou Ser original. *Jasuka* é considerada pelo povo guarani como o princípio ativo do universo, é também a Mãe

<sup>18</sup> *Juruá* palavra guarani que se refere aos brancos, não pertencentes a etnia ameríndia.

<sup>19</sup> A alma para o guarani define integralmente o indivíduo e encontra como pano de fundo o seu modo de ser e estar denominado *jeito de ser guarani*. Esse modo de ser e estar constitui o seu bem viver, *Tekoá*. O nome guarani exerce constitui a identidade, sua raiz com a terra, e atua diretamente na sua saúde. A palavra exerce um duplo sentido como signo, quando é destinada a comunicação, e valor quando é um fim em si mesma, explica Clastres (apud Chamorro, 2008).

<sup>20</sup> Segundo Alex Acosta, *Karai Tata Endy Hata*, vice-cacique da aldeia de Estrela Velha, existem seis sentidos para o termo *karai*. A palavra é utilizada apenas como nome dos homens e para designar os cinco tipos de curadores: *karai* que reza, *karai* curador, *karai* curador com ervas, *karai* sábio e o *karai* do mal.

Primordial representada pela água. Durante a cerimônia, as mulheres que representam *Jasuka*, simbolizam a iluminação. Elas seguram em suas mãos uma bacia com a água do cedro, a qual será usada para marcar as crianças. O cedro é considerado uma árvore-mãe, geradora das demais árvores. A água é o fluido vital de fonte que gera, regenera e rejuvenesce (CHAMORRO, 2008).

A palavra-alma do guarani me fez refletir sobre o encontro da alma, daquilo que dá sentido para o viver. Entre os guaranis esse encontro ocorre a partir dessa cerimônia de batismo quando a criança, com menos de dois anos, mostra a sua família o porquê veio habitar entre eles. O nome espiritual se não for transmitido corretamente, a criança adocece. Jung se refere à alma como uma fonte de vida existente no inconsciente antes da existência do eu (PENNA, 2013). O nome em guarani parece permitir o acesso a alma já na infância, sendo eles guiados por ela. Os estudos junguianos nos mostram que o amadurecimento psíquico no ocidente é um processo o qual se inicia na meia idade, devido a uma reflexão natural diante das crises pessoais da idade. Para Jung (apud DORST, 2015), o ocidente encontra dificuldade de mergulhar no inconsciente, no *soult* (BARCELLOS, 2012), e isso pode nos levar a viver sem o sentido guiado pela alma, quando ficamos suscetíveis a estados de *stress* e depressão. Ao ingressar como aspirante aos ensinamentos andinos no movimento *Nación Pachamama*, há a mudança do nome civil para o espiritual. Esse ato representa a integração de outra referência para a direção da energia psíquica. Veremos de modo aprofundado em ponto específico.

Ressalto os símbolos principais surgidos durante o período anterior ao mestrado e alguns significados que me direcionaram na pesquisa sem a pretensão de uma análise junguiana:

- a) Aliança: símbolo de união. Representa o início e o fim, a eternidade, a totalidade.
- b) Grupo de peixes: pode apresentar variados sentidos, por exemplo, a água do oceano como inconsciente profundo. O peixe como o renascimento ou como o Si-mesmo. Além disso, também pode se apresentar como o redentor ou como aquilo que deve ser redimido.
- c) Nado: em relação ao sentido - nado oposto, mostra a dualidade presente na realidade objetiva ou na presença de frações da alma no inconsciente; nado na mesma direção, significa a síntese entre consciente e inconsciente, unindo-se, integrando-se, unindo frações da alma.
- d) Milho: representa a nutrição, o cuidado ou a preservação da vida de toda comunidade guarani. As diferentes cores referem-se às quatro cidades de onde provêm as



almas<sup>21</sup> do povo guarani. A palavra *awati* significa: ser, espírito em ti, um ser precioso em guarani. Para os andinos, desde a época pré-colombiana, o milho é considerado o *pan de los deuses* e encontra-se representado nas cerâmicas *Mochicas* andinas. Para essa cultura o milho é um símbolo de fartura e abundância, mas também representa o sol. “Milho” é uma palavra de origem caribenha, *zea mays*, e significa *o que sustenta a vida*.

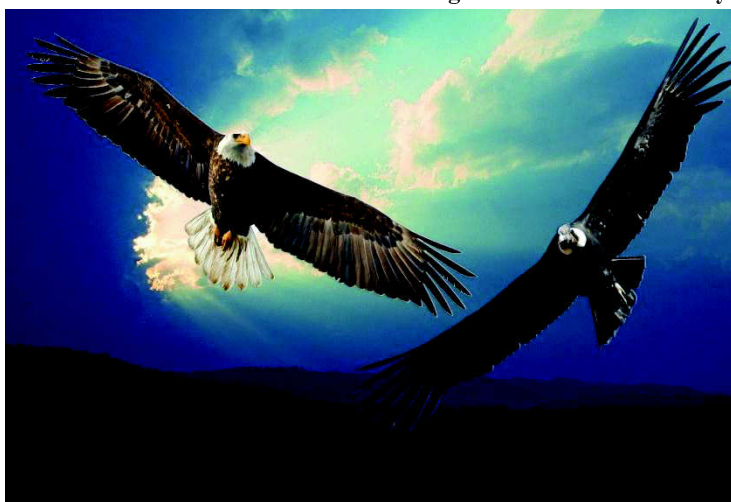
e) *Jasuká* ou *Pachamama*: é o princípio universal da vida, o princípio cósmico sem tempo ou espaço, diferente do princípio vital que gera a vida no planeta.

Como já foi ressaltado, nossa psique se constitui a partir de um diálogo entre consciente e inconsciente. Seu equilíbrio natural ocorre numa homeostase psíquica, cujo potencial criativo produz símbolos a partir dos conteúdos e arquétipos inconscientes. O centro da consciência é a menor parte da psique enquanto o inconsciente pessoal e o coletivo constituem a sua maior parte. O caminho dissertativo esteve imbricado nesse movimento.

A psique é como a imagem de um *iceberg* mergulhado no oceano. A parte externa corresponde a consciência. A que se encontra mergulhada refere-se ao inconsciente pessoal e o oceano ao inconsciente coletivo, chamado posteriormente por Jung de objetivo. Todos os conteúdos apreendidos no dia a dia são guardados no inconsciente. No inconsciente objetivo situam-se os arquétipos, que são formas vazias universalmente conhecidas e irrepresentáveis. Podem ser visualizadas nos mitos, profecias, contos de fada e outros.

A alma é uma estrutura psíquica que possui naturalmente uma função espiritual que aprofunda a psique. Dessa forma, ela guia o ego, centro da consciência, no caminho até a individuação e ao encontro do arquétipo do Si-mesmo. A alma é formada por imagens de sentido, as quais podem ou não ser captadas pela consciência. Percebo que houve uma espécie de condução da minha energia

Figura 3 - Profecia Mastay



psíquica até o foco da pesquisa que culminou em dar vida à discussão das sabedorias espirituais e do feminino. Energias que compõem a estrutura psíquica tanto do homem como

<sup>21</sup> Para a espiritualidade guarani, as almas provêm de quatro cidades diferentes representadas pela alteridade presente nas cores do milho *awati etei*.

da mulher, provocando uma reflexão sobre a alma humana e a que pertencia ao território de *Abya Yala*<sup>22</sup> através da energia feminina em *Pachamama* - a qual foi colonizada.

---

<sup>22</sup> *Abya Yala* é o termo com que os índios *Cuna* (Panamá) denominam o continente americano em sua totalidade. Esse nome significa terra em plena maturidade e foi sugerido pelo líder Aymara Takir Mamani.

### 3 LIGAÇÕES ANDINAS E O MOVIMENTO *NACIÓN PACHAMAMA*

#### 3.1 A influência do povo andino

Na imagem, Lucidor Flores em peregrinação na região andina de Q'eros, considerado como último *ayllu* inca. Localizado nos altiplanos da cordilheira andina no Peru.

Inicialmente, é preciso esclarecer que o atributo *andino* pode designar uma série de interpretações distintas mesmo que relacionadas entre si. A



Figura 4 - Lucidor Flores em Q'eros

palavra andina pode se referir ao lugar, à cultura ou, ainda, a uma categoria étnica. No entanto, a palavra andina abraça um conceito maior do que este. Atualmente, a região andina se estende desde a Venezuela, passando pela Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, parte da Argentina e do Chile. Esse espaço apresenta características topológicas peculiares, havendo povoados até uma altitude de 4.800 metros. A temperatura apresenta uma diversidade de microclimas e seus pisos ecológicos proporcionaram um lugar propício, no qual se desenvolveram várias culturas de esplendor e de alta civilização, sendo a cultura inca a mais conhecida e avançada.

A região andina proporcionou uma cultura diferenciada, na qual havia um modo de viver integrado à natureza. Os andinos elaboram uma expressão de coexistência com seu meio natural, cujo modo determina o seu jeito de viver, de atuar e de compreender o mundo (ESTERMANN, 1998). Isso não significa nivelar a variedade de expressões culturais que se desenvolveram durante o tempo neste espaço. Apesar da diversidade cultural histórica presente através dos povos *wari*, *puquina*, *tiawanaco* e *inca*, existe um denominador comum o qual os caracteriza e os denomina como andinos. O termo andino designa uma concepção humana identificada com o espaço geográfico, social e cultural andino, a qual inclui os mestiços. A compreensão do ser andino é determinada por um eixo comum chamado cosmovisão (MAMANI, 2010).

A cosmovisão de cada cultura apresenta uma forma de ver, sentir, perceber e projetar o mundo. Nessa perspectiva cosmológica, o bem viver do povo andino se constitui através da ligação do mundo espiritual com o mundo tangível. Sua manutenção encontra-se na formação de símbolos culturais, sendo a *chakana*<sup>23</sup> o principal símbolo político-espiritual desses povos. A partir da *chakana*, Arias (diário de campo, 2016) explica os pilares que sustentam a estrutura educativa do mundo andino que é base reflexiva para a formação de um novo paradigma educativo: da sabedoria, do amor, da cultura matrística, do espiritual e do intuitivo. Desse modo, o bem viver do povo andino encontrava-se relacionado ao aspecto espiritual expresso simbolicamente através do lugar e das ritualísticas, revelando a importância do sentido estético do lugar.

O território é considerado um ponto importante para os povos ameríndios e até nos dias atuais ele é o objetivo das principais reivindicações do povo aos governos. Nele, a sua constituição e identidade o definem. O território era cuidadosamente escolhido pelos antepassados andinos como um espaço capaz de contribuir na cura do espírito. Nele, eram analisados os aspectos energéticos - positivos ou negativos; os elementos naturais, como a água, as montanhas, os rios e o clima; os materiais de construção, como pedras e granitos, dentre outros. O antropólogo Gutiérrez (2013) confirma essa ideia ao descrever os detalhes da cidade de Machu Picchu, os quais chamaram a atenção do *Inka Pachakuteq* na escolha do lugar. *Pachakuteq* percebeu que o local possuía uma geografia sagrada capaz de abrigar os sábios, os sacerdotes e os astrônomos.

Kusch (1999) ressalta a importância da geografia como um molde simbólico, no qual o ser se instala e produz a cultura a partir da fricção entre o chamado espírito e o solo que lhe serve de sustentação. O nível de influência entre eles é mútuo e guarda elementos simbólicos permanentes, que lembram constantemente a relação espiritual que se desenvolve entre a natureza e a natureza humana. Um dos símbolos que estabelece essa relação entre homem e natureza está expresso no mito de *Pachamama*. Os símbolos, por serem o motor das ações humanas, constituem o sentido do social e o sentido de ser, abrindo a possibilidade de se construir uma sociedade diferente. Como construção cultural, eles dão sentido a práxis humana no interior de uma inter-relação dialógica entre a ordem, a desordem e a organização (ARIAS, 2007).

Analizar la cultura como sistema simbólico hace posible un acercamiento a los universos de sentido que construyen los seres humanos y las sociedades, cuestión

---

<sup>23</sup> Veremos em ponto específico.

que solo se la pude hacer comprendiendo o mundo de las representaciones, los imaginarios, los discursos y las prácticas de los diversos actores sociales, tratando de comprender la Ilógica informal de la vida real (Geertz), a fin de encontrar el sentido que se expresa en los actos culturales, entendidos estos también como diversas formas de discurso social que se manifiestan de maneras múltiples, tanto en palabras como en acciones; no debe verse la cultura, estos discursos sociales, solo en el nivel de los significantes, de lo manifiesto, de hechos en sí, sino en las dimensiones del sentido oculto, de los diversos significados y significaciones que esos hechos expresan, y eso solo es posible desde un acercamiento al mundo conceptual y de las representaciones de los propios sujetos constructores de cultura. [...] Los universos simbólicos se convierten en la matriz de todos los significados objetivados en la acción social y son asumidos subjetivamente como realidades necesarias para la acción humana, de allí que tengan un carácter nómico u ordenador, pues ayudan a ordenar la realidad y a volver a ella, cuando nos hallamos en el lado sombrío de la existencia, es lo que Durand llamaba la “*eufemización simbólica*” de la realidad que permite que encontremos un sentido de vivir la vida, aun cuando parece que esta ha perdido todo sentido posible, si no cómo explicarse, el que a pesar de la perversidad del modelo neoliberal en marcha, la gente mantenga la esperanza y la voluntad de seguir luchando por cambiar la vida. (ARIAS, 2007, p. 135-136).

Entre o povo guarani, também encontramos similitude sobre a presença viva dos símbolos na geografia quando *Vherá Poty*<sup>24</sup>, cacique da aldeia *Tekoá Pindó Mirim* em Viamão RS, explica que o território lhe constitui, fazendo parte de *seu caminhar*, da sua *Tekoa Porã*. O cacique destaca essa compreensão como a *boa maneira* de se viver. O território não é somente físico, é, sobretudo, simbólico e constitui o seu bem viver, acarretando saúde física e espiritual.

Os símbolos têm uma função importantíssima para a evolução psíquica, pois é o resultado do confronto entre consciente e inconsciente, entre corpo-mente. Jacobi (2013), a partir dos estudos junguianos, o define como uma imagem de sentido - do alemão *Sinnbild* - produzida pelo potencial criativo da psique. Apesar dos símbolos apresentarem-se através de objetos, de atos ou situações cotidianas, estão ligados a um sentido que pode ser uma ideia, coisa geral ou abstrata (JUNG, 1998). Os símbolos tornam-se vivos ou dinâmicos quando envolvidos pela emoção, estabelecendo o limite conceitual determinado por Jung. Contudo, o autor diferencia de sinal, o qual apenas recorda o sentido de algo conhecido, mas que não é capaz de mobilizar a energia psíquica. Existe uma ponte entre as ideias de Jung, Arias e Kusch ao analisar a função dos símbolos na estrutura psíquica do indivíduo, nas dimensões estruturais da sociedade, na cultura e na cosmovisão. Esta é entendida como o modo de ver, de sentir e de pensar de um povo (MAMANI, 2010). Jung (2012) expressa o caráter psicológico da visão de mundo, ou seja, a cosmovisão ou *weltanschauung*, dizendo:

---

<sup>24</sup> Palestra proferida no 2º Seminário de Educação e Infância Guarani, Unisc, outubro, 2015.

A palavra “filosofia” significa algo de parecido com o conceito de *weltanshauung*, mas é limitado ao campo da inteligência, ao passo que *Weltanshauung* abrange todas as espécies de atitude em relação ao mundo, inclusive a filosófica. Assim, há *weltanshauungn* cosmovisões estéticas, religiosas, idealistas, realistas, românticas, práticas, para só mencionarmos apenas algumas possíveis. Nesse sentido o conceito expresso por *Weltanshauung* tem muitos aspectos com o conceito de “atitude”, por isto poderíamos definir *weltanshauung* como uma atitude<sup>25</sup> expressa em conceitos. (JUNG, 2012, p.315).

A cosmovisão para o autor é um estado de consciência ampliado ou aprofundado que existe para facilitar a vida individual e, conseqüentemente, a coletiva. A consciência do que me mobiliza e as intenções é uma cosmovisão em germe a qual se amplia na medida em que aumento as minhas experiências e os meus conhecimentos. A consciência superior determina a cosmovisão, que é uma imagem do mundo desenvolvida pelo homem e diante dela ele também se modifica. Para Jung (2012) ter uma cosmovisão significa formar uma imagem do mundo e de si mesmo, saber o que é o mundo e quem sou eu. Isso seria muito para o autor, mas se refere ao melhor conhecimento possível do mundo.

No movimento *Nación Pachamama* a cosmovisão andina traz a imagem simbólica de *Pachamama*. Em ponto específico veremos as duas funções do símbolo de *Pachamama* como arquétipo da alma - alma - e do Si-mesmo, constituidoras da cosmovisão do movimento. A imagem feminina sobrepõe os valores esquecidos, mas presentes na alma humana como o cuidado, a ternura e a intuição. Essas atitudes caracterizam a espiritualidade devocional campesina, a qual não se encontra ligada a nenhum tipo de dogma religioso, mas a uma cosmovisão que se revela na figura do *ayni*, uma forma de reciprocidade para os andinos.

Como parte da cosmovisão, a espiritualidade para o andino se constitui a partir das imagens simbólicas e suas ritualísticas a mantêm viva e prática. Os símbolos encontram-se vivos nas montanhas, no condor, na serpente, ou seja, em todo território onde eles habitam, e a manutenção de sua atividade ocorre no cotidiano a partir dos rituais na agricultura, arquitetura, política, guerra, medicina, arte, e, inclusive, na vestimenta, na alimentação e no lazer. As atividades e obrigações habituais são realizadas dentro desse estar-sendo simbólico, o qual se mantém em conformidade com as leis divinas.

Através da vivência com os moradores da comunidade campesina de San Marcos Sierras pude constatar a sua imagem de mundo e de homem desenvolvida a partir da imagem

---

<sup>25</sup> Atitude para o autor refere-se a um conceito psicológico o qual se define como uma constelação especial de conteúdos psíquicos, orientada para um fim ou dirigida por uma ideia-mestra que é fundamentada por experiências, princípios, afetos e outros da mesma natureza. A consciência procura desempenhar papéis simples, mas a luta é travada no campo inconsciente (JUNG, 2012). Desse modo, a atitude é dirigida pela cosmovisão que pode surgir de modo consciente ou inconsciente.

simbólica de *Pachamama*. O mundo é visto sob o ponto de vista do arquétipo numinoso<sup>26</sup> da mãe que tudo beneficia, mas também educa. Os moradores estabelecem uma interconexão com a dimensão feminina através do plantio e do contato direto com os ciclos da terra compreendendo-os.

Na comunidade o dia inicia antes dos primeiros raios solares, e o feminino se expressa na atitude introspectiva promovida pela meditação, neste estado o grupo fica no mínimo por quarenta minutos. Após a meditação, a troca de um bom dia é realizada através do olhar, do sorriso, do beijo ou do abraço. A meditação é realizada ao iniciar o dia para reconectar o eu e o outro. Vale lembrar que o outro, para o mundo andino, se refere a qualquer presença energética como o rio, a montanha, os pássaros ou o humano e, para os estudos junguianos, o inconsciente também é considerado como outro.

O hábito diário da meditação na comunidade é um ritual do movimento que leva o ego a uma consciência mais equilibrada e conectada com *Pachamama*. O ego para o movimento *Nación Pachamama* é considerado como uma parte limitada da psique que faz uso de máscaras para conviver com a sociedade. Dado momento, algumas máscaras criam um personagem fictício, desconectando o ser humano de sua verdadeira fonte. Na comunidade de San Marcos Sierras, Argentina, percebi o esforço individual dos membros do grupo para manterem-se nessa conexão mais elevada do que a consciência do ego, pondo-se em contato com os companheiros a partir dessa tranquilidade de estar-sendo. Durante a rotina diária, como uma sinfonia e sem discussão de atribuições, geralmente, as *mamas* direcionam-se até a cozinha para realizar a primeira refeição e com elas seguem alguns ajudantes. Muitas vezes, percebi os homens cozinhando e assumindo os afazeres de limpeza. Todos trabalham e em qualquer atividade. Existe uma parceria entre o grupo que se complementa, mantendo uma reciprocidade no convívio comunitário. Frente uma situação problemática de saúde de uma criança, percebi como atitude a busca de ervas para casos de saúde. Contudo, se era administrativo da comunidade, o diálogo era promovido não entre todos, mas entre alguns no intuito de resolver a situação apresentada. Percebi a atitude focada na solução dos casos para o Bem Viver comunitário. Pude perceber uma atitude mais compassiva entre eles.

As posturas de silêncio me pareceram desagregar atos agressivos ou a tentativa de uma liderança vertical. Nos momentos em que surgiam ideias para realizar alguma ação externa tanto na comunidade como junto ao *pueblo*, como é chamada a área urbana, o planejamento é

---

<sup>26</sup> Jung (2012) definiu o conceito de numinoso a partir da ideia de Rudolf Otto. Diz que o numinoso é uma condição do ser humano que independe do mesmo. Para aquele autor, o numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência.

realizado em conjunto. Quando o planejamento envolve ações em locais variados, esse é realizado com todo o *ayllu* via *skype*. Essa atitude psíquica de cooperação caracteriza a energia feminina coordenando as ações, refletindo a influência da imagem de *Pachamama* e da cosmovisão andina como as condutoras em sentido horizontal, de diálogo.

Tanto na comunidade como na cosmovisão andina, *Pachamama* ou qualquer divindade não é abstrata e dissociada do humano. Elas estão interconectadas com o espaço físico com o tempo e a realidade psíquica. Para os andinos, a devoção ou adoração a Deus ou a deusa acontecia através da veneração de todos os elementos da natureza: o sol, a lua, as estrelas, a Terra e, nesta as montanhas, rochas, mares, lagos, árvores, animais e fenômenos naturais eram considerados manifestações físicas da divindade (GUTIERRES, 2013). Assim também ocorre dentro do movimento. Nas comunidades campestres existem locais próprios de meditação de cada família, chamados bairros, quando um elemento natural é evocado. Dessa forma estabelecem ligação com *Pachamama*.

Nos Andes, frente às transformações climáticas e diante da destruição dessa simbologia própria dos povos originários, os *abuelos* andinos têm procurado chamar os seres humanos de volta ao caminho de amor e do cuidado do planeta. Os *abuelos* andinos pedem aos homens que se unam *em um canto comum, com a música dos tambores e a melodia da Comunidade do Coração*. Esse tempo, na sua compreensão, é um tempo de mais consciência, no qual os homens e as mulheres começam a perceber as suas ações a partir da destruição de *Pachamama* (MAMANI, Diário de campo, 2015). Esta reconhecida como divindade corresponde ao símbolo da mãe, a sustentadora da vida. Na escuta dos *abuelos* andinos as comunidades do movimento *Nación Pachamama* tomam forma e ingressam no tempo harmonioso do Bem Viver.

*Pacha* é sinônimo de vida e tem sido desordenada em razão do germe de uma cosmovisão individualista. A constituição dos povos andinos ocorre diante de uma cosmovisão comunitária, a qual é determinada por um eixo central que se mantém apesar da passagem do tempo, enquanto a cultura ocidental se constitui a partir de teorias que possuem verdades momentâneas. Segundo o movimento, constituir-se distante de uma cosmovisão desequilibra os indivíduos, por não possuírem uma referência com o princípio cósmico, rítmico e sustentador da existência individual, coletiva e universal. Segundo Parisaca,

de ahí su cosmovisión tenga sus fundamentos en la experiencia del universo como una totalidad orgánica, donde todos los componentes están en relación mutua y en armonía, donde nada es aislado. Allí el dar y el recibir – característica fundamental de la reciprocidad aymara – se extiende, más allá de las relaciones humanas, alcanzando todos los elementos del universo: el hombre, la tierra, los animales y



toda la naturaleza. Por ello, mantener el equilibrio, dentro y entre los grandes y pequeños componentes de su universo, es fundamental. Un equilibrio que no es algo estático, inmóvil, ni un estado permanente de tranquilidad, sino algo dinámico, algo que existe en principio y al mismo tiempo, debe ser buscado y realizado continuamente. (PARISACA, 1998, p.26).

Os povos *quéchuas* e *aymaras* constroem uma visão inclusiva com a natureza sentindo-se parte dela, complementando-a como se fossem uma obra criada por ela, portanto não se isolam da mesma e nem se sentem superior a ela. Seu sistema de valores encontra-se identificado com o passado de seus antepassados e nos mitos que lhe garantem viver e celebrar a vida. Desse modo, os mitos são considerados sagrados e, por isso, fazem parte das cerimônias celebradas em tempos e espaços sagrados. Arias (diário de campo, 2016) explica que o modelo eurocêntrico e o liberalismo têm desenvolvido uma rede destruidora da matriz da vida impondo o modelo colonizador e patriarcal de dominação e conquista de bens de consumo. Em resposta a esse modelo, os povos originários dos Andes levantam a sua bandeira chamada em português de Bem Viver.

### **3.2 A matriz colonial: reflexões provocadas pelo mundo andino**

As educabilidades ocorrem através de diálogos interculturais, que são vivenciados pelo movimento *Nación Pachamama*, através das viagens entre os territórios do Peru, da Índia e da África. A interculturalidade é entendida por Kusch (1978) como um diálogo entre culturas que se encontram encarnadas no indivíduo, proporcionando aprendizado. Sua importância para a educação encontra-se na produção de um projeto político de descolonização da matriz colonial opressora e, conseqüentemente, a transformação do ser, visando intervir, na desumanização da sociedade. As viagens são recursos utilizados de confronto entre o ego pessoal e o outro, neste caso, além do outro ser o seu próprio inconsciente, também é o outro cultural-arquetípico. Esse diálogo entre diferenciados países provoca nos membros a vivência de arquétipos culturais profundos.

Com o movimento, em 2013, mergulhei na psique da América Profunda e a partir desse diálogo com o diferente me deixei ser provocada durante a vivência. Passamos por lugares diversos, tanto onde o turismo alcança como onde não chegou. Nesse percurso percebi os costumes daquele povo simples, que imbuído de alegria, de olhar inocente e, também, resistente, mostravam uma devoção à imagem de *Pachamama*. Percebi mais que uma imagem, ela era um símbolo carregado de significados. O povo revelou-me o respeito e a importância da figura feminina como mãe. Contudo, a outra face se revelou e por meio dela

eu consegui perceber a tristeza e o sofrimento causados pela degradação desse símbolo através do catolicismo espanhol (DUSSEL, 1993). A imposição da verdade religiosa cristã atingiu o povo andino e a imagem de *Pachamama*, sendo necessária a transferência de sua adoração imagem de Maria, a mãe de Jesus para os católicos. Ao visitar as igrejas, brotou em mim um terror interno quando me deparei com as feições das estátuas que, diferente das estátuas presentes nas igrejas brasileiras, apresentavam uma expressão carrancuda e acusadora. Acabei por entender o sincretismo entre as figuras femininas de Maria e de *Pachamama* como um meio de resistência à violência espanhola na época da colonização.

Os deuses daquele povo campesino devoto foram substituídos por deuses importados (DUSSEL, 1993), os quais, por serem os detentores do poder, legitimaram os genocídios provocados contra aquela etnia em prol da manutenção da divindade colonizadora. Para se escusarem da culpa, os espanhóis criaram o mito civilizador da bondade religiosa pela qual sua racionalidade imperou. Através dessa criação, justificaram a sua violência e se declararam inocentes diante do assassinado do outro, o povo andino. Essa marca violenta feriu a alma do povo latino americano, desenvolvendo o chamado complexo cultural americano.

A invasão europeia na América pisou firme através da diferença racial e da superioridade do saber. Suas ideias foram fundamentadas pelas bases epistemológicas da época que a partir de explicações biológicas caracterizaram os povos originários como uma sub-raça. Até hoje, nossa sociedade sofre as ações dessa violência racial. O racionalismo epistêmico ao criar essa dualidade racial, entre inferior e superior, objetivava o mercado da colonialidade e, a partir dela, o atual sistema-mundo financeiro. Este fomenta o mercado capitalista, o qual gera a dicotomia entre o sujeito e o objeto, o útil e o inútil, a apropriação e a dependência, o natureza e o humano. Nesse modelo, nossa psique forma diferentes imagens do mundo. Jung (apud PENNA, 2013) compreende imagem como a representação de um estado psíquico que pode ser representado por sensações, sentimentos, ideias ou figuras pictóricas. A imagem do mundo individualista e patriarcal da época da conquista foi descrito pelo frade e bispo de Chiapas, La Casas, no México. Abaixo cito o trecho de sua carta na qual revela a visão violenta e usurpadora de mundo da cultura patriarcal<sup>27</sup> - caracterizada pelo uso das armas, opressão e dominação.

A causa (final) por que os cristãos mataram e destruíram tantas e tais e tão infinito número de almas foi somente por terem como seu fim último o ouro e se encher de riqueza em pouquíssimos dias e subir a estados muito altos e sem proporção a suas pessoas. A causa foi pela insaciável cobiça e ambição que tiveram... Devo suplicar a

---

<sup>27</sup> Veremos em tópico específico.

Sua Majestade com insistência importuna, que não conceda nem permita aquela que os tiranos inventaram, prosseguiram e cometeram, e que chamam “conquista”. (Bartolomé de las Casas, *Brevissima relación de la Destrucción de las Indias*, Introducción). (JUNG apud DUSSEL, 1993).

O ingresso da brutalidade europeia no território Americano, de norte a sul, apresentou a face do ego da conquista, da arrogância e da onipresença, bem como provocou uma fissura básica que fragmentou a alma americana, gerando abertura aos complexos culturais. Barcellos (2012) explica que os complexos culturais se formaram diante desse tipo de ação traumática. O fálico<sup>28</sup> se implantou na América através do controle dos corpos, dos saberes, das subjetividades, do imaginário. O conquistador é o primeiro homem moderno ativo, prático, que impõe sua individualidade violenta sobre outras pessoas. O outro é negado, subjugado, subsumido e alienado, tornando-se propriedade do dominador. Hoje, esse antigo dominado é reconhecido como o trabalhador assalariado, o descendente dos povos originários ou dos escravos africanos.

Esse processo inicial de dominação deu origem ao colonialismo político, social e cultural, dos quais a Europa e seus descendentes euronorteamericanos são os principais beneficiários, tanto no passado como no atual processo global. Isso produziu as discriminações evidentes a partir de suas diferentes dimensões: do ser, do saber e do poder. As discriminações do ser encontram-se no roubo da alma, da identidade espiritual e cultural desses povos. Também se revela através do saber, na pretensão científica das epistemologias controladoras da verdade; através do poder, entre os mecanismos de controle da subjetividade, na hierarquização do mundo e na exploração do trabalho. Para Quijano,

não se trata somente de uma subordinação das outras culturas a respeito da cultura europeia em uma relação exterior. Trata-se de uma colonização das outras culturas, mesmo que, sem dúvida, em diferente intensidade e profundidade segundo os casos. Consiste, inicialmente, em uma colonização do imaginário dos dominados. Isto é, atua na interioridade desse imaginário. Em alguma medida, é parte de si. (QUIJANO, 1992, p. 432)

As cosmovisões, bem como as culturas a elas incorporadas, apresentam em sua constituição um imaginário simbólico. O imaginário é a construção simbólica mediante a qual uma comunidade racial, nacional, imperial ou sexual se define (MIGNOLO, 2005). Essa capacidade de simbolização é o que diferencia o ser humano de outras espécies, pois a simbolização é a essência do pensamento humano, aquela que faz possível, não somente, a construção da cultura na comunidade em que vive, mas também o seu próprio sentido de estar

---

<sup>28</sup> Fálico como sinônimo da criação da brutalidade exercida pelo patriarcalismo no continente americano.

vivo e atuando em sociedade (ARIAS, 2002). Nesse sentido, uma comunidade se constitui a partir do contexto dentro do qual os modos de conduta, os saberes e sentidos simbólicos se instituem nas relações. A colonização espanhola obteve resultado agindo, principalmente, sobre os símbolos culturais do continente americano, impondo seu dogma cristão religioso sobre a espiritualidade presente a partir da compreensão cultural do cosmos vivo. A função opressora da colonialidade mantém sua dinâmica em três diferentes dimensões: do poder, do saber e do ser (ARIAS, 2007).

Con la instauración de la matriz colonial-imperial de poder en América, se instaura también por primera vez en la historia de la humanidad, el primer patrón mundial, universal, global de poder, que dará inicio a la organización colonial del mundo, en torno a una narrativa local, particular, que por razones de poder se construye con un carácter de universalidad radicalmente excluyente, que tiene como eje constitutivo una nueva perspectiva colonial eurocéntrica sobre la cual se erige el modelo civilizatorio dominante, para el dominio del tiempo, del espacio, del sentido, del conocimiento, de los saberes, los lenguajes, las prácticas, la memoria, los imaginarios, las subjetividades y los cuerpos, en definitiva para el control y dominio de los seres humanos, la naturaleza y la vida. (ARIAS, 2007, p. 45)

A matriz-colonial imposta pela Europa demarcou uma nova geopolítica do poder, determinando outra compreensão do mundo, incapaz de aceitar os modelos apresentados pela alteridade. Diante do processo colonizador atual, ao qual estamos incluídos, o Brasil, junto a outros Estados da América Latina, vem esboçando lentamente em suas academias discussões em torno da interculturalidade, conceito que não deve ser confundido com o de multiculturalidade ou pluriculturalidade. Fundamentalmente, essas terminologias abarcam em seus conceitos diferentes projetos políticos de vida, de sociedade e de civilização (ARIAS, 2007). Na pluriculturalidade reconhecemos as diferentes culturas com identidade própria e diferenciadas, mas entre elas existe o controle hegemônico de poder dominando e controlando as culturas (ARIAS, 2007). Na Multiculturalidade se reconhece a diversidade, propondo viabilizar a coexistência, porém não se questiona a relação de poder viabilizando políticas liberais, como se estas representassem um respeito a essas diferenças e resguardassem os seus direitos. A multiculturalidade é reconhecida desde que não interfira na ordem dominante (ARIAS, 2007).

Encerramos nesta primeira parte a ideia sobre a colonialidade, a fim de compreender os sentidos e razões do movimento como decolonizadoras do ser. Em seguida, para contextualizar o movimento, passamos a conhecer uma fração do modo de compreender o mundo do povo andino e sua busca com o Bem Viver.

### 3.3 O contexto do Bem Viver no movimento *Nación Pachamama*

Viver Bem é buscar a vivência em comunidade, onde todos os integrantes se preocupam com todos. O mais importante não é o ser humano (como afirma o socialismo) nem o dinheiro (como postula o capitalismo), mas a vida. Pretende-se buscar uma vida mais simples. Que seja o caminho da harmonia com a natureza e a vida, com o objetivo de salvar o planeta sem dar prioridade à humanidade (DOSSIÊ DO BEM VIVER, 2011).

O Bem Viver é o pano de fundo que dignifica as ações humanas nas comunidades *quéchuas* e *aymaras*. É o belo, o estético, o modo de ser-estar em comunidade. Segundo Klein (diário de campo, 2015), para Schiller a estética se manifesta como algo surpreendente e inusitado, revelando-se por meio daquilo que é belo ou daquilo que tem graça e dignidade. Nesta concepção de belo, destaque, conforme o dossiê do Bem Viver, que esse modo de ser é um estilo de vida em harmonia com o planeta e com os seres que o habitam na busca de uma cultura horizontal mais harmoniosa e em paz com a natureza, partindo da premissa de que fazemos parte dela.

Mamani (2015) ressalta que a estrutura jurídica atual, a qual regula o sistema de relações sociais, econômicas, educativas e políticas, é um produto da estrutura colonial implantada na América desde a invasão europeia em 1492. Para o autor, ela emerge de uma visão fragmentária e antropocêntrica, protegendo apenas os direitos humanos. Essa estrutura desenvolve relações individualistas, portanto protege em primeiro plano a propriedade privada – individual - e o capital. Deste modo, as leis são desenvolvidas para quem tem um patrimônio econômico e para quem as conhece, ressalta o autor.

O Bem Viver dos povos originários americanos como os: *aymara*, *quéchuas*, *guarani*, *mapuche*, *kola* e outros define que somos filhos da Mãe Terra e do Pai Cosmos, e a relação com o entorno deve ser de sujeito para sujeito e não sujeito a objeto. Mamani (2015) explica que os povos originários partem do princípio que o planeta, considerado uma Mãe<sup>29</sup>, além de proporcionar a vida, também proporciona os direitos e as responsabilidades que os humanos devem possuir como responsabilidade complementar. Deste modo, todas as instituições devem estar integradas ao processo de vida que é tecido junto, entre todos. Isso evita a desarmonia e redireciona as ações numa permanente dinâmica de Bem Viver para a comunidade, completa o referido autor.

Nos povos andinos a grafia da expressão Bem Viver ocorre de diferentes modos: *sumak kawsay* (*quéchua*) e *suma qamaña* (*aymara*). Na Bolívia, em espanhol, se escreve *vivir*

<sup>29</sup> A grafia maiúscula, no substantivo comum mãe, demonstra o grau de respeito dessa cultura diante do símbolo de *Pachamama* (símbolo da Mãe).

*bien*; no Equador, *buen vivir*. Para os aymara, viver bem é ser uma pessoa *qamiris*, que vive *suma qamañatakija*, *sumanqañaw*, significando que para viver em plenitude, primeiro é preciso estar bem, estar em harmonia consigo mesmo; estar bem é *sumanqaña* e envolve o saber relacionar-se ou o conviver com todas as formas de existência. Nele ainda se inclui a harmonia com os ciclos da Mãe Terra, do cosmos, da vida e da história. Neste sentido, o bem viver envolve o convívio em comunidade, reconhecendo o princípio da complementaridade, cuja base é o compartilhar sem competir. Para os quéchuas representa ser um *qhapaj*; e para o povo guarani, é ser *iyambae*, aquele que se move em harmonia com a natureza (MELIÁ, 1991).

O Bem Viver do povo andino é o contexto pelo qual se formam as bases educativas e as diretrizes das comunidades campesinas do movimento *Nación Pachamama*, onde se coloca em prática o trabalho espiritual a partir da auto-eco-educação. A meditação como sua principal prática promove a tomada de consciência das sombras pessoais e coletivas. Busca-se desenvolver atitudes de com mais sensibilidade, afetuosidade, simplicidade, ternura e o bom uso da palavra, a partir da alteridade na convivência quando há uma prática perceptiva da complementaridade no viver em comunhão. Baseado no princípio comunitário andino do Bem Viver, o trabalho permite atingir camadas psíquicas profundas. Deste modo, são usadas algumas técnicas oriundas de diferentes culturas para o trabalho com as sombras pessoais na busca da verdadeira identidade, que, segundo Jung (1991), só pode ser conhecida a partir do processo de individuação e do esforço pessoal empregado nessa busca.

O trabalho, o qual comporta a busca da sua luz interior pessoal, para o movimento, é básico para o reconhecimento da sua verdadeira essência, a qual insurge no estado numinoso (JUNG, 2012). Este é como uma luz interior pessoal que surge a partir do reconhecimento e da libertação das prisões pessoais promovidas pelas máscaras e os complexos promovidos pela sociedade ou pela cultura, pelo que se poderia ser ou ter, bem como, pelas armaduras criadas e que impedem em que nos vejam.

O Bem Viver como princípio básico da escola da *Nación Pachamama*, torna-se um caminho pelo qual o eu<sup>30</sup> ou ego, ajudado pela alma, percorre para o encontro do arquétipo do Si-mesmo ou estado numinoso. Esse caminhar determina uma forma de educabilidade a qual reconhece dois tipos de consciência: a consciência do eu – ego e a consciência do Si-mesmo cuja organização da totalidade da psique se expressa. Esse prisma psíquico busca uma identidade relacionada com a vida e com tudo o que ela guarda em seu eixo cíclico.

---

<sup>30</sup> O centro da consciência.

La identidad está relacionada con el Vivir Bien. En el Vivir Bien, todos y todo disfrutamos plenamente una vida basada en valores que han resistido por más de 500 años. Estos valores, estos principios, son la identidad que nos han legado nuestros abuelos, la armonía y la complementariedad en nuestras familias y en nuestras comunidades con la naturaleza y el cosmos, más la convivencia por medio del consenso diario entre todos y todo en nuestras comunidades y la sociedad entera.

La armonía y el equilibrio están relacionados con el vivir bien, la complementariedad está relacionada con el vivir bien, el consenso está relacionado con el vivir bien. Al otro lado está la dignidad, la justicia, la libertad y la democracia, o sea la dignidad está relacionada con el vivir mejor, la justicia está relacionada con el vivir mejor, la libertad está relacionada con el vivir mejor, la democracia está relacionada con el vivir mejor. [...] “Vivir bien” como concepto en idioma español, es una pobre traducción de lo que nuestra lengua ancestral expresa. Vivir bien se queda corto para expresar la esencia del *suma qamaña*, desde la compren del idioma aymara. (MAMANI, 2010, n.p).

A citação de Mamani (2010) ressaltar que o Bem Viver ou Viver Bem dos povos originários é diferente do bem viver ou viver bem da cultura ocidental fundada no sistema capitalista. Na visão comunitária dos povos originários ele está ligado ao fim da dicotomia homem-natureza, enquanto na cultura ocidental está ligado a ideia de consumo, de ter mais, de apropriar-se da natureza, percebendo esta como um produto, recurso, objeto ou apenas como meio ambiente. São dois paradigmas caminhando em mãos contrárias. O Bem Viver dos povos originários está sendo difundido em toda a América por se tratar de uma construção que aspira ir além do desenvolvimento convencional baseado no capitalismo, ele se baseia numa sociedade onde convivem seres humanos entre si e com a natureza (GUDYNAS, 2008) em horizontalidade e reciprocidade

O Bem Viver na cosmovisão andina situa a vida e a natureza como eixos centrais e, para aqueles que pertencem à cultura da vida, o mais importante não é o dinheiro, o ouro ou o ser humano. O mais importante são os rios, o ar, as montanhas, as estrelas; o mais importante é a vida (CHOQUEHUANCA, 2010).

A expressão Viver Bem, própria dos povos indígenas da Bolívia, significa, em primeiro lugar ‘viver bem entre nós’. Trata-se de uma convivência comunitária intercultural e sem assimetria de poder [...]. É um modo de viver sendo e sentindo-se parte da comunidade, com sua proteção e em harmonia com a natureza [...] diferenciando-se do ‘viver melhor’ ocidental, que é individualista e que se faz geralmente a expensas dos outros e, além disso, em contraponto à natureza. (RAUBER, 2011, p. 9)

Para Arkonada (2008), pesquisador do Centro de Estudos Aplicados aos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais da Bolívia, o Bem Viver nos convida a despertar para a consciência de que somos filhos da Mãe Terra, da *Pachamama*. É um estilo de vida que nos ensina a viver com menos, sem desperdício, essa forma de sentir a vida parte da cosmovisão

andina. Seu modelo comunitário permite o desenvolvimento do pensar-sentir humano ligado a uma forma de existência em igualdade de categoria (MAMANI, 2010).

Para os povos originários, o Viver Bem prioriza alguns direitos de relação, como nossa filiação na Terra e o reconhecimento de que não somos donos dela. Desse modo, o direito de relação para Mamani (2015) é crucial para a filosofia andina por conter nele a saúde e o equilíbrio da vida.

Através do contexto pelo qual os povos originários se assentam para o seu Bem Viver, podemos compreender a relação de equilíbrio e o necessário reestabelecimento de políticas públicas com o Estado que permitam restaurar alguns princípios valorativos que sirvam de base a educabilidade dos humanos. Dentre eles podemos citar:

- A natureza e seu equilíbrio sistêmico;
- A proteção das sementes crioulas – não modificadas geneticamente;
- O aproveitamento da água;
- O respeito à mulher;
- A escuta dos anciãos;
- O respeito às diferenças, não só culturais, mas de espécies;
- O viver em complementaridade;
- O direito cósmico.

O Bem Viver, *Sumak Kawsay* ou *Suma Qamaña*, propõe rupturas não somente nas estruturas políticas colonizadoras, mas profundas transformações nas relações sociais para reestabelecer o cuidado com a vida e com as relações do próprio Ser. A partir das experiências com as mulheres, os índios, os negros, os agricultores, os ambientalistas, e também com o movimento da diversidade, o estudo profundo do Bem Viver pode contribuir no desenvolvimento de alternativas capazes de propor novos horizontes para a sociedade ao nos desafiar a harmonizar nossas relações com a natureza. Permite pensar e construir um novo paradigma civilizatório que nos leva a enfrentar as crises ambiental e social que a humanidade sofre.

A importância do Bem Viver para a educação envolve a compreensão de um profundo vínculo com a vida como processo de libertação daquele que se encontra em situação de opressão ou, nas palavras de Jung (1991) no processo de individuação da psique. A educação para o Bem Viver é um processo de libertação que ocorre na interação individual-coletivo. Ele se apresenta como um agente anticolonial, na busca de saberes e sentidos para a nossa existência como seres humanos incluídos na natureza. De acordo com a leitura junguiana, o Bem Viver é atingido quando o ser humano se percebe como um ser diferenciado do coletivo,



e, ao mesmo tempo, integrado nele. Isso ocorre quando há a proximidade do ego com o arquétipo do si mesmo, ou seja, uma forma de decolonização para Árias. O processo de individuação não pode ser idealizado ao ponto de intelectualmente decidir sua construção. Esse caminho também não é o de contrariedade de regras sociais ou normas gerais para parecer diferente. Essa atitude seria um caminho patológico que busca o antagonismo com o sistema. O processo de individuação leva a uma valorização das normas coletivas que tenham um significado interno para o ser individuado. A individuação se mostra através da ampliação da consciência que sai de um estado inicial para um alargamento da vida psicológica consciente (JUNG, 1976).

## 4 APRESENTAÇÃO DO MOVIMENTO *NACIÓN PACHAMAMA*

### 4.1 Embriões do movimento *Nación Pachamama*

*O movimento Nación Pachamama é uma voz entre as vozes do mundo e começa a ser uma possibilidade vibrante e atrativa. (IRIARTE, M)*

**Figura 5 - Lucidor Flores e sua companheira em Q'eros - Peru**

Entre as montanhas da região de Q'eros, nos altiplanos andinos, a imagem registra o encontro de Lucidor Flores e sua companheira Mama Isolda Flores com o povo da região chamados carinhosamente de *queritos*.



Para Gonh (1997), enquanto a humanidade não resolver problemas básicos

de desigualdades sociais, de opressão e de exclusão, haverá lutas e movimentos. Nesse caminho, surge a *Nación Pachamama* das raízes da América Latina como um grito de amor, de reverência à vida e à identidade planetária. Identificada como um movimento<sup>31</sup> eco-espiritual contemporâneo, comporta-se de modo diferenciado pela sua base filosófica-espiritual andina. Seus atores compõem um coletivo de pessoas comuns em busca de uma ética-espiritual. Segundo Arias (2011), o povo andino chama essa ética de *corazonar*<sup>32</sup>. Esse verbo visa buscar dentro de si o poder da afetividade, da sabedoria do coração, o sentido do agir para transformar a vida que está em relação. *Corazonar* é uma resposta insurgente e ato decolonial (ARIAS, 2007).

<sup>31</sup> Compreendem-se como movimentos as ações coletivas construídas por atores coletivos, segundo Gohan (2007). As ações se voltam a partir de temas vivenciados na sociedade, gerando uma identidade comum a qual se liga por vivência grupal. A partir do interesse comum, o movimento *Nación Pachamama* volta-se ao cuidado da terra que em sua linguagem significa também voltar para si mesmo, para as suas raízes que estão ligadas com a fertilidade da vida. Essa identidade criada pelo interesse dos atores faz parte do pensamento seminal dos povos originários andinos, um diálogo recursivo com o jeito de agir típico do pensamento do sul. O princípio da complementaridade comunitária e a base referencial de valores espirituais, culturais e políticos são compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não institucionalizados.

<sup>32</sup> Será aprofundado em ponto específico.

Una de las expresiones más evidentes del ejercicio de la matriz colonial de poder en el control de las subjetividades y la colonialidad del ser, ha sido la de erigir la razón, como hybris del punto cero, y el rol que le adjudicó en la organización y la forma de concebir el mundo, la naturaleza, la sociedad y la vida; la razón se erige como el único universo no solo de la explicación de la realidad, sino de la propia de la condición de lo humano, de ahí la definición desde occidente del “hombre como ser racional”, lo que hace evidente cómo la modernidad fragmenta la visión del ser humano, pues desconoce que no solo somos lo que pensamos, peor, que solo existimos por ello, como lo sostiene el fundamentalismo racionalista de Descartes; sino que fundamentalmente, el sentido de lo humano está en la afectividad, no solo somos seres racionales, sino que somos también sensibilidades actuantes, o como nos enseña la sabiduría shamánica, *somos estrellas con corazón y con conciencia*. (ARIAS, 2007, p.58-59).

Esse poder do coração é o dínamo propulsor do movimento, considerado como fundamental para a transformação pessoal. O ensinamento surge dos povos originários que não sofreram a quebra do princípio comunitário. Mantém vivo no humano o pensar-sentir como parte de uma capacidade natural do viver comunitário quando o outro não foi colonizado. *O corazonar* no movimento *Nación Pachamama* surgiu com os ensinamentos de Paolos, que teve sua vivência junto à etnia quéchua na região de Q'eros, nos altiplanos andinos. Entre essa comunidade não existe a denominação *corazonar*, mas utilizo esse conceito lembrado por Arias (2007) por se adequar ao presenciado durante o meu contato com a comunidade campesina do movimento *Nación Pachamama*.

O movimento ganha força nas comunidades campesinas, em regiões onde são requisitados, como no caso do Peru, Índia e África, ultrapassando fronteiras por entender que compomos uma única humanidade, sem limitações territoriais. Estas para os integrantes do movimento são ficções jurídicas delimitadas pela mente humana, mas não por *Pachamama*<sup>33</sup>. O movimento encontra-se situado geograficamente nas comunidades campesinas<sup>34</sup> que ainda estão em fase de gestação-organização, visa a auto-sustentabilidade e possui representantes em várias cidades do Brasil do mundo como Índia, Austrália, Barcelona, África, Peru e Washington.

---

<sup>33</sup> Planeta.

<sup>34</sup> As comunidades campesinas situam-se nas seguintes cidades: San Marco Sierra (Argentina), e Pelotas, Rio Grande do Sul, Curitiba, Paraná, Fortaleza, Ceará (Brasil).

## 4.2 A Mística andina no Brasil

Os ensinamentos andinos originários ao movimento *Nación Pachamama* chegaram ao Brasil por meio de Gerardo Bastos<sup>35</sup>, conhecido pelo nome espiritual de Lucidor Flores. Em 2001 veio ao Brasil difundir a sabedoria andina a pedido de seu *maestro* Paolus. Em Porto Alegre iniciou seus trabalhos com técnicas de cura próprias desses povos. Junto, proferiu palestras na UNIPAZ-SUL cujo tema convergia para o modo andino de perceber e sentir o mundo. Esses primeiros contatos geraram grupos de estudo e de meditação, que foram os primeiros passos para o início do movimento espiritual da Mística Andina que, por vezes, é chamado de escola espiritual Mística Andina – base do movimento social *Nación Pachamama*.

Bastos (2008) narra em seu livro passagens da vida de seu *maestro* chamado Paolus. Farei brevemente um comentário por não ser o tema principal, mas importante para compreender o traço intercultural que Flores apresenta na sua prática-espiritual. Assim, explica Bastos (2008) que seu *maestro*, de nacionalidade austríaca, era uma criança superespiritualizada. Filho de cristãos luteranos, Paolus era visitado por seres angelicais desde cedo. Aos doze anos, passeava num bosque austríaco e viu a quem denominou de seu *maestro*. Dele recebeu várias instruções naquele momento e, desde então, Paolus tornou-se um buscador espiritual. Seus pais entraram em pânico com a atitude do menino. Assim, este pediu ao seu *maestro* que se apresentasse aos progenitores. Seu pedido foi atendido e seus pais foram colocados a par do caminho espiritual que ele deveria percorrer. Desse modo, o jovem Paolus cresceu tranquilo, circulando entre diferentes ambientes espiritualizados onde buscava treinamento. Aos dezoito anos viajou sozinho para o Oriente e ali recebeu diversas iniciações<sup>36</sup> como de *Kriya* pelo mestre Sri Yukteswar<sup>37</sup>. Durante um ano ficou em retiro espiritual na nascente do rio Ganges, na Índia, onde permaneceu em uma cova por três meses

Figura 6 - Símbolo Mística Andina



<sup>35</sup> Gerardo Bastos, nascido na Patagônia – Argentina, pertence às etnias mapuche e tehuelche.

<sup>36</sup> Por iniciação, Eliade (2008) explica que, filosoficamente falando, o termo equivale a uma mutação ontológica em relação à direção existencial. As iniciações compreendem um conjunto de ritos e ensinamentos orais que ao final das provas leva o neófito a se converter em outro.

<sup>37</sup> Sri Yukteswar nasceu na Índia em 10 de maio de 1855 em Serampore e faleceu em 09 de março de 1936 em Puri. Foi um *Jyotisha*, um *yogui*, grande conhecedor do *Bhagavad Gita* e da Bíblia. Foi guru de *Paramahansa Yogananda*. Fonte: <<http://pt.slideshare.net/IgorDuarte2/sri-yukteswar-a-cincia-sagrada>>. Acesso em: 23 abri. 2014.

meditando. Ao voltar para a Áustria, a Alemanha havia entrado em guerra, prendendo-o em um vórtice de escuridão, segundo Bastos (2008).

Desde a modernidade os ritos iniciáticos se perderam e com eles as preparações individuais para o enfrentamento de novos ensinamentos considerados importantes para o convívio na coletividade (ELIADE, 2008). A função psicológica da iniciação é marcar no consciente a necessidade de desviar a energia psíquica dos hábitos afetivos e cognitivos vivenciados no momento (PIERI apud OLIVEIRA, 2012). A iniciação é uma das formas de dar vazão às demandas da psique. Flores recebeu vários ensinamentos e iniciações ligados à cultura Oriental e à andina em seu treino com Paolus, mostrando-se presente na espiritualidade do movimento como uma vivência e diálogo intercultural (JUNG, 2011a).

No trecho destacado por Oliveira (2011) aparecem registros dos ensinamentos da Mística Andina. Nele verifico pontos significativos presentes no eixo da cosmovisão andina como: simplicidade, afetividade por *Pachamama*, responsabilidade em viver num planeta vivo, indivíduos considerados como um grupo, o amor à vida e aos seus mistérios.

A MÍSTICA ANDINA é um movimento destinado à expansão da consciência e à educação espiritual das pessoas, com o objetivo de melhorar a relação dos seres humanos com a vida. Acreditamos em uma só raça, a humana, e em uma só condição, a liberdade... Essa é a nossa canção, nossa música; ensinamos lições e técnicas, aprendendo em unidade grupal. Acreditamos nas velhas verdades, faladas em uma linguagem nova, mas que conservem a luz do eterno. Esse é nosso propósito como recipiente do misticismo humano em todas as épocas.

Nosso movimento ajuda seus membros a conectarem-se, efetivamente, com seus corações e a escutarem o suave murmúrio desta voz interna, ajudando-os a confiarem na voz do coração, que é a voz de *Pachamama*.

Nossas palavras são simples e diretas, nossa energia é o carinho e a simplicidade. Não temos pretensões de seguir nenhuma tradição, apenas usamos o jeito andino de leveza e carinho pela Mãe Terra, *Pachamama*, a quem nos consagramos como seus filhos e jardineiros. Nosso movimento está em contínua renovação, como a vida, como as flores. Tentamos manter este inocente olhar, para não perder a condição de filhinhos do agora, filhos da vida, aprendendo diretamente destas lições para sermos mais humanos.

Gostamos dos gestos antigos de reverenciar a família, os amigos, os costumes saudáveis de cada povo, sentindo, como nossa missão, o resgate dos valores vigorosos do carinho e da responsabilidade por viver em um planeta que está vivo e é nossa mãe, tentando cuidá-lo em todos os nossos dias, e ajudando os amigos e as pessoas que nos rodeiam a aumentar sua responsabilidade e consciência do cuidado que se há de ter com esse ser precioso que nos hospeda.

Somos somente uma pequena flor no jardim da vida, e nós sabemos e gostamos disso. Queremos continuar sendo um movimento artesanal, solidário, fraternal, de pessoas unidas no propósito de semear consciência e carinho, crescer como indivíduos grupais, no amor à vida, a esta vida maravilhosa e misteriosa... (OLIVEIRA, 2011, p.10).

A Mística Andina, trazida por Lucidor Flores, possui preceitos básicos como a simplicidade, o carinho e a paixão pela vida. Através destes valores, a escola da Mística

Andina leva o indivíduo ao auto-eco-conhecimento e à responsabilidade com o coletivo, representado pela figura de *Pachamama*. Segundo Munay Flores (apud OLIVEIRA, 2011), o propósito da Mística Andina não é converter as pessoas a nada, se não torná-la um ser humano melhor, independente de crença ou profissão. Munay Flores é um membro do movimento *Nación Pachamama* desde 2003. Ele é considerado um dos três *maestros*<sup>38</sup> menores. Tem percorrido vários países como Peru, Índia e África numa missão<sup>39</sup> de ajuda mútua.

O trabalho de Oliveira (2011) sobre a Mística Andina registra a pedra fundamental da cosmovisão andina que embasou o movimento *Nación Pachamama*. A partir dessa cosmovisão, uma das divindades andinas trazida por Lucidor Flores foi *Pachamama*. Outros diferenciais educativos dessa escola estão ligados às práticas de meditação, técnica de *kriya*, limpeza energética, exercícios de *pranayama* e a prática dos 21 dias, realizada duas vezes ao ano nos equinócios, conforme orientação dos povos originários da etnia quéchua que habitam os altiplanos andinos na região de Q'eros.

Nessa proposta, o movimento aponta a meditação como prática básica. Segundo Johnson<sup>40</sup> (1995), a prática meditativa encontra-se registrada na história antiga do povo hindu entre mil e mil e quinhentos anos antes de Cristo, e do povo chinês por volta de trezentos anos antes de Cristo. Desse modo, percebemos que as práticas meditativas retomam diferentes culturas e dialogam com a Mística Andina devido ao anterior diálogo vivencial estabelecido por Paolus com essas culturas - hindu e andina. A interculturalidade ou a convivência de culturas só é possível através da vivência cotidiana entre povos culturalmente diversos, e com universos de sentidos próprios, quando se produz intercâmbios simbólicos, de significados e de sentidos (ARIAS, 2007). Essa convivência de culturas marca a interculturalidade do movimento que se manifesta a partir dos diferentes projetos desenvolvidos pelas áreas de serviço da ONG *Pachamama*, como também nas meditações e nas práticas dos vinte e um dias.

---

<sup>38</sup> O termo *maestro* está em espanhol para manter a originalidade dos termos utilizados pelos membros do movimento. É importante destacar que esse termo é utilizado no sentido daqueles que percorreram um pouco mais o caminho andino e estaria na posição de irmã mais velho.

<sup>39</sup> Como exemplo das ações do movimento como ponto de cultura, no caso da aliança estabelecida com a África, dentro do Brasil foram promovidas ações como a realização de artesanatos junto aos quilombolas na região de Paredão Baixo em Taquara, Rio Grande do Sul e promovidos espaços de discussão no Brasil onde a preocupação focava a decolonização do ser com o tema consciência negra. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt/s%C3%B3-descoloniza%C3%A7%C3%A3o-da-subjetividade-trar%C3%A1-mudan%C3%A7a-%C3%A0-am%C3%A9rica-latina-diz-walter-mignolo/a-5285265>>. Acesso em: 22 abri. 2014.

<sup>40</sup> O autor relata que as primeiras experiências de estado alterado da consciência podem ter ocorrido há cerca de oitocentos mil anos por indução espontânea diante de alguns fatores como a descoberta do fogo, a experiência sexual e o exercício da caça.

Os membros que compõe a Mística Andina desde o início, perceberam a importância dos ensinamentos devido a sua aplicação prática, tanto em nível individual como grupal, considerando-os valiosos trabalhos para a sua expansão. Assim, deram surgimento a ONG *Pachamama*.

Nossa organização é um coletivo de sonhadores, que caminham semeando e despertando consciências às maravilhas deste lar, a la Madre Tierra, *Pachamama*. Levamos os ares latinos, originários como um tom de serviço a Vida, cuidando de *Pachamama* baseado pelos princípios do Bem Viver e trabalhando para uma integração humana, ligada aos pilares da vida, seja ela ecológica, social e humana. (ONG PACHAMAMA, diário de campo, 2015).

A ONG *Pachamama*<sup>41</sup> existe desde 2006 em várias cidades brasileiras e foi criada como ferramenta de atuação na sociedade (OLIVEIRA, 2011). Antes da sua criação, os membros do movimento se colocavam a serviço da expansão da consciência sobre alguns temas importantes para a manutenção da vida como a ecologia, movendo ações de proteção dos rios, como exemplo. Atualmente a ONG é considerada ponto de cultura, sendo sua criação aprovada no Diário Oficial do estado no dia vinte e três de abril de 2014. A vigência do período de contrato conta-se a partir de quatro de abril de 2014.

O sonho decolonial dos integrantes da Escola Espiritual Mística Andina visa por seu trabalho a serviço da preservação da vida, em vez de pôr a serviço das instituições públicas ou privadas. Esta fórmula de servir às instituições é a base da retórica moderna e da lógica do colonialismo, a qual Mignolo (2010) ressalta que é preciso nos desprender a fim de permitir mudanças radicais necessárias. Tanto na Escola Espiritual da Mística Andina como no movimento *Nación Pachamama*, procura-se alcançar um autoaprimoramento a partir da prática pessoal em uma área de atuação que lhe agrade, responsabilizando-se pela mesma. A ONG *Pachamama* mantém projetos em diferentes áreas de atuação, abrindo espaço para o trabalho prático da escola espiritual, dentre eles destaco:

- PROJETO SOY LOCO POR TI QUEROS: A missão Q'ueros visa preservar a nação Q'eros por ser a última comunidade – *ayllu* - descendente da linhagem Inca que ainda fala sua língua de origem, *q'echua*, e mantém seus cultos originários como o culto aos Apus – espíritos das montanhas - e o culto à *Pachamama* - Mãe Terra. Esta nação ficou escondida durante 500 anos do colonialismo e, como resultado, carrega sua ancestralidade viva e mantém preservada a sua sensibilidade com *Pachamama*, que existia antes da invasão espanhola. Segundo relatos dos membros do movimento, o povo de Q'eros ainda guarda o

---

<sup>41</sup> A ONG *Pachamama* tem sua inscrição na cidade de Pelotas. Para maiores informações, acessar: <<http://www.ongpachamama.com/>>.

amor, o respeito e a comunicação com a terra: o *sumak kausay*, o *ayni*<sup>42</sup> e o *ayllu* são considerados meios de interação e de plenitude com a vida.

- PROJETO REVOLUÇÃO ALIMENTAR: a ONG *Pachamama* visa proteger e resgatar os valores relativos à terra devido ao risco de ficarmos sem alimentação ou sem a sua diversidade. Incentiva o consumo e a produção de agriculturas familiares devido à dominação das grandes corporações. Esse projeto de revolução alimentar encontra-se organizado em quatro frentes de ação:

- a) semeadura de sistemas agrícolas sustentáveis como a Agrofloresta;
- b) empoderamento social no cultivo de alimentos;
- c) respeito e proteção das sementes crioulas;
- d) conscientização e consumo de alimentos orgânicos.

- PONTO DE CULTURA: em conformidade com o *caput* do artigo 215 da Constituição Federal, o Ministério da Cultura através do Plano Nacional de Cultura (PNC), Lei 12.343 - aprovada em dois de dezembro de 2010 - instituiu a política nacional de cultura viva, a qual foi regulamentada pela Lei 13.018, de vinte e dois de julho de 2014. Essa política pública em 2014 passou a considerar a ONG *Pachamama* como um ponto de cultura mediante aprovação de edital em concorrência pública, cuja promoção ocorreu no estado do Rio Grande do Sul. De acordo com o Ministério da Cultura, o ponto de cultura

é a entidade cultural ou coletivo cultural certificado pelo Ministério da Cultura. É fundamental que o Estado promova uma agenda de diálogos e de participação. Neste sentido os Pontos de Cultura são uma base social capilarizada e com poder de penetração nas comunidades e territórios, em especial nos segmentos sociais mais vulneráveis. Trata-se de uma política cultural que, ao ganhar escala e articulação com programas sociais do governo e de outros ministérios, pode partir da Cultura para fazer a disputa simbólica e econômica na base da sociedade. Esta base social também se amplia para outros segmentos sociais, alcançando os setores médios, em especial a juventude urbana, periférica, universitária, jovens artistas, novos arranjos econômicos e produtivos, toda uma nova economia que vem sendo inventada e experimentada daqueles que encontram no fazer cultural uma alternativa de trabalho, vida e inserção social. (BRASIL, 2015).<sup>43</sup>

Esse projeto é realizado nas cidades de Pelotas e Gravataí. Seu objetivo é ensinar, sentir, sonhar e expressar a cultura do amor à vida e a devoção à terra. Busca, também, conectar a genialidade individual e coletiva dos participantes, promovendo a sustentabilidade socioeconômica e ambiental a crianças, jovens, idosos, mulheres e afrodescendentes. A comunidade campesina do movimento *Nación Pachamama*, em Gravataí, desenvolve um dos

<sup>42</sup> *Ayni* é um princípio de ética relacional que abordaremos no capítulo 6.

<sup>43</sup> <http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura>



projetos do ponto de cultura junto à comunidade quilombola de Paredão Baixo. Eles procuram desenvolver um trabalho de resgate da identidade simbólica através de elementos que transmitem o Bem Viver. Esse espaço cultural se expressa em oficinas, cursos, saraus, celebrações multiculturais, teatro do oprimido e clown, empoderamento feminino em encontros de mulheres, meditações, artesanatos, aulas de capoeira, criação de poesias e aprendizagem de ritmos em instrumentos musicais e, também, através da educação ambiental.

- PROJETO ÁFRICA: segundo informações retiradas do site<sup>44</sup> do movimento, Munay, um dos membros do movimento relata que:

Ser o porta-voz da Nación na Mama África não foi só uma aventura sagrada, senão uma graça de poder estar entre eles e conviver com essa Mama Ancestral. Perceber que as diferenças, trazemos dentro e que se nos alinhamos com a consciência inocente e desprovida de pudores e medos, simplesmente somos mais um deles, vivendo entre eles. A maravilha já conhecida acontece. (MUNAY, Diário de Campo, 2015).

Esse projeto visa colaborar em longo prazo com a difusão da consciência ecológica, estreitar as relações entre o coletivo *Nación Pachamama* e a aldeia *Madinatu Munawara* do Senegal facilitando o diálogo intercultural entre África e Brasil. As crianças da aldeia solicitaram a construção de uma escola. Para a etapa inicial, duas pessoas foram até aquele país para acompanhar a aquisição de cimento e outros materiais para a execução da etapa inicial da construção da escola. Nesse contato, foi divulgada a cultura senegalesa no Brasil.

#### 4.3 Nasce o Movimento *Nación Pachamama*

Na foto ao lado, Lucidor Flores e sua companheira *mama* Isolda, em Paris, participando da 21ª Conferência do clima, a #COP21, realizada em 2015.

Nasce no estado do Ceará, em 2012, do sentimento comum de cuidado, amor e devoção à mãe Terra, o Movimento *Nación Pachamama*. Seu

Figura 7 - Foto Lucidor Flores e companheira na #COP21



<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.ongpachamama.com/#!africa/c22kp>>. Acesso em: 22 abril 2014.

nome indica a integração do Planeta Terra em busca de um novo jeito de viver. Segundo informações fornecidas pelos membros do movimento registradas no Wikipédia<sup>45</sup>,

O nome denota a integração do Planeta Terra para a afirmação de um novo jeito de viver, em uma nação sem fronteiras, seja sem fronteiras físicas, com a formação de uma comunidade planetária; seja sem fronteiras emocionais e mentais, dentro de cada ser humano, com a erradicação das diversas formas de separatividade e de competitividade.

*A Nación Pachamama* nasce do sentimento comum de amor, cuidado e devoção a Mãe Terra e compreende todos os seres viventes; *Pachamama*, significa Mãe Terra ou Grande Mãe, na língua dos povos quéchua advindos da Cordilheira dos Andes na América Latina. (MOLINA, diário de campo, 2013).

O principal objetivo do movimento é difundir os ensinamentos dos povos originários andinos que guardam os antigos segredos de cuidado com *Pachamama*. Contudo, para compreendê-los é necessário, acima de tudo, despir-nos de nossos conceitos ocidentais construídos a partir de um modelo cultural individualista. Este impede compreendermos a rede da vida que funciona junto a todas as dimensões, humana ou não humanas.

Alguns desses segredos encontram-se no princípio comunitário, do *ayllu*, na reciprocidade do *ayni* e na devoção ao símbolo de *Pachamama*. Olhar sem os olhos do ocidente é, para Barcellos (2012), um mergulho no Sul, ou seja, deixar o nosso território psicológico e seguir outra rota mesmo sob o risco de desorientação psíquica. Desse modo, alguns recursos se fazem necessários para evitar uma desorientador. O autor cita fatos de vários personagens e dentre eles o caso de Pierre Verger, o qual precisou assumir outro nome para encontrar a Si-mesmo, e não desorientar-se diante do enfrentamento do seu sul.

#### **4.3.1 O encontro com o movimento *Nación Pachamama***

O primeiro contato, geralmente, ocorre de modo informal. Segundo o entrevistado Munay Flores (diário de campo, 2015), ele acontece através de convites para participar das meditações, das vivências, dos cursos ou das práticas dos vinte e um dias. Diferente de uma escola ou universidade onde decidimos a matrícula pela via racional, no movimento isso ocorre através da escuta do chamado da alma, que se apresenta a partir do reconhecimento de uma emoção ou atitude não compreensível para a mente lógica. Entre os relatos dos membros do movimento apresentados nas entrevistas, há o encontro por via de autorreconhecimento em relação à simplicidade e ao desprendimento material, ou quanto à forma amorosa de se relacionar com os outros. Segundo Arthur Molina (diário de campo, 2015), a ligação também

---

pode ocorrer por impulso de fé em Cristo<sup>46</sup>, bem como por desilusão dos dogmas religiosos, como foi para Nuit Sandoval (diário de campo, 2015).

Diz Arthur Molina:

Quando eu conheci a Mística, eu fui levado na marra do mesmo jeito, eu era casado com uma discípula, a Afrodite Cruz, e ela vivi falando da mística, mística, ... então eu vô, mas depois não me fale mais nesse assunto. Eu tinha aversão a esse negócio de misticismo. É a cultura, né, foi o que eu aprendi. Aí deu no que deu, né. Conheci o maestro e to aqui até hoje. Me encantei. Eu sempre senti no maestro uma coisa bem maior que juntar pessoas. É uma coisa que me encanta. A Mística tá muito além de juntar pessoas, porque se fosse isso, muita coisa que a gente faz e diz, a gente não diria para não machucar as pessoas. O mestre tá preocupado em seguir aquilo que ele sente, que o mestre dele passou para ele, que é despertar as consciências. Amanhã, se tu quiser sair da Mística tu sai. Se quer voltar, tu volta. Eu acho isso muito legal, porque a ideia é semear realmente. É levar essa ideia de consciência nova, a possibilidade de um mundo diferente sem ter a necessidade de lotar um estádio de futebol para, quando ele entrar, todo mundo levantar e reverenciar. Eu acho isso fantástico, é uma característica de liderança brilhante que ele tem, sabe. Claro, ele tem o ego dele como um ser humano qualquer, privilegiado na luz, mas eu acho isso fantástico. E eu digo: eu tenho mil e quinhentos motivos para sair da Mística, mas eu tenho um para ficar, que é essa possibilidade da minha transformação, e da transformação de muita gente. Eu to há oito anos na Mística e só agora eu to começando, agora que eu dei o primeiro passo. Cada 21 dias eu vejo exatamente isso. (MOLINA, diário de campo, 2015, p. 4).

Através das entrevistas percebemos que o encontro com o movimento, mesmo antes quando era chamado de Mística Andina, ocorre de diferentes formas, mas a espiritualidade através da compreensão do sistema que compõem *Pachamama* é a causa principal da ligação. As transformações psíquicas acontecem para aqueles que não temem o desconforto da mudança íntima e as mudanças são contínuas, declara Nuit Sandoval (diário de campo 2015). Após o encontro com o movimento, há o reconhecimento do trabalho autoeducativo e podemos perceber sua proposta educativa. Continua Nuit Sandoval:

É a *Nación* a nossa casita, onde podemos ser e ter nosso ser individual e grupal em harmonia, enquanto aprendemos a desenvolver as nossas duas asas: amor e liberdade. [...] Nessa casita aprendemos a gratidão por nossa Mãe Divina que tudo nos dá e o *ayni* (reciprocidade) por tudo o que Dela recebemos, sendo filhos devotos e gratos. (SANDOVAL, diário de campo, 2015, p. 23)

Após esse contato inicial, as pessoas mantêm-se no movimento *Nación Pachamama* como simpatizantes, aspirantes ou discípulos, conforme o grau de ensinamento o qual desejam receber. Não existe uma ordem hierárquica, mas aos aspirantes e aos discípulos existem funções que são assumidas no interior do movimento no intuito de auxiliá-los no

---

<sup>46</sup> Cristo é um mito vivo até hoje, um herói, o qual encarna a ideia do homem primordial. Para Jung (1990) é o símbolo do homem imortal no homem mortal.

trabalho de decolonização do ser. Isto envolve a educabilidade do movimento que ao promover o despertar da consciência através do processo próprio de individuação, leva os indivíduos a perceberem em que dimensão encontram-se colonizados. Isso ocorre nas diferentes práticas do movimento já citadas, inclusive no diálogo intercultural promovido pelas viagens iniciáticas ou, ainda, nas viagens que estabelecem laços cooperativos entre Brasil, Índia, Peru e África. A interculturalidade é entendida por Kusch (1978) como um diálogo entre culturas as quais se encontram encarnadas no indivíduo, proporcionando aprendizados quanto ao modo de agir.

#### 4.3.2 O nome espiritual

As pessoas iniciadas recebem um nome espiritual, o qual serve à formação de uma personalidade interna que logo se exterioriza, ancorando outra energia diferente das vividas até o momento. Esse nome, para o movimento *Nación Pachamama*, marca um renascimento, como uma nova oportunidade. Ele é dado por uma *mama* iniciadora do *ayllu*, que, através da sua forte intuição, sente o nome e a família desse novo integrante conforme as suas características. Este rito é muito parecido com o do povo guarani quando é realizada a cerimônia de batismo<sup>47</sup> chamada de *nimongarai*. A partir desse nome, a pessoa integra no *ayllu* uma família que servirá de espelho.

Através da minha vivência com o grupo passo a relatar uma situação ocorrida a cerca de um ano, quando eu já estava realizando o mestrado. Como o caso envolve um adolescente que passava por constrangimento escolar, ausência paterna e superproteção materna, será usado um nome espiritual fictício, contudo resguardará a mesma intensidade do nome recebido.

O adolescente não gostava de estudar, sentia-se mal e inferiorizado. Naquele ano de 2014, em setembro estava certo que não passaria de ano na escola. A mãe, incansável, o levava para tratamento psicológico, neurológico e diferentes professores particulares. Por parte do médico, foi receitado Cloridrato de Metilfenidato, vulgo Ritalina. No mesmo ano, recebeu seu nome espiritual: Valente. Um dia antes do exame definitivo, para baixar a ansiedade, o adolescente tomou a dose dobrada da medicação. Após um tempo, seu coração disparou. O adolescente, em desespero, na tentativa de reverter o seu processo, tomou outra medicação, a qual servia para baixar a pressão do seu pai. Vendo que não teria solução, sentiu

---

<sup>47</sup> Explicada no início do trabalho.

que iria morrer. Com um caderno em punho, trancou-se no banheiro e começou a escrever uma despedida para os progenitores. Dentre suas escritas, as quais me foram entregues pela sua mãe, percebi o desejo de viver entre despedidas e conselhos profundos aos seus pais. Havia como duas personalidades: uma fraca chamada X, sua personalidade civil, e a espiritual chamada Valente. O desejo de viver aparecia entre o pensamento de vida e de morte, mas quando parecia lutar pela vida, identificava-se com o seu nome espiritual dizendo: eu me chamo Valente e nada vai me derrubar, eu vou sair dessa. Eu sou Valente! Escreveu quase 30 folhas em poucos minutos até sua mãe conseguir abrir a porta e levá-lo ao hospital. Hoje, Valente está bem e tomou outro rumo em seus estudos, percebeu que a superação das dificuldades ocorrem a partir do seu esforço de lutar pela vida.

O caso citado descreve uma situação na qual o nome espiritual foi a força de superação. Leva-nos a refletir sobre a função do nome espiritual no movimento *Nación Pachamama* como um símbolo de força e de superação da energia da personalidade enfraquecida. O fenômeno psíquico ocorrido com o nome espiritual mostra que este guarda um sentido a mais que a mera junção de letras e significado linguístico, tornando-se um potencial centralizador, por isso o entendo com um símbolo que exerce uma mediação entre os conteúdos psíquicos, neste caso presentes na escolha entre a vida e a morte. Percebo, ainda, o nome como o símbolo de uma consciência viva em busca da vida.

### 4.3.3 O que se busca?

O movimento, segundo Munay Flores,

busca acordar a necessidade de cuidarmos e reordenarmos a nossa relação como seres humanos protagonistas desse tempo de *Pachamama*. Ele tem uma visão integradora e simples, como os camponeses andinos os quais compreendem que foram criados pela vida, por *Pachamama*, o aspecto feminino de Deus. (FLORES, diário de campo, 2015, p. 33).

Para Nuit Sandoval (diário de campo, 2015), o encontro com o movimento se deu como um encontro marcado há muito tempo; uma busca a qual ela não consegue explicar o que seria, apenas reconhece esse fenômeno. Expressa:

*Nación Pachamama* para mim é o nosso compromisso como uma alma grupal, de plasmar neste plano físico e denso um novo modelo de vida iluminada para nossa época que inclua a divindade em nosso cotidiano. (SANDOVAL, diário de campo, 2015, p. 23).

O encontro com o movimento *Nación Pachamama* provoca no indivíduo como educação ou educabilidade o confronto entre consciente e inconsciente, pois muitas sombras aparecem a partir da projeção. Segundo Arthur Molina (diário de campo, 2015), se a preocupação do movimento não fosse a transformação humana e, sim, unir pessoas para outro enfoque, muitos diálogos seriam velados no intuito de manter ou convencer as pessoas no que seria a proposta, evitando o conflito. O enfrentamento das sombras no movimento é fundamental para o processo de individuação, pois elas comportam aspectos obscuros da personalidade, os quais podem ser reconhecidos sem ou com projeção. Quando a sombra é projetada, ela surge em outra pessoa ou situação para ser reconhecida pela consciência do ego. Após a lucidez da sua existência, essas frações sombrias da alma são integradas, levando o indivíduo a sentir uma experiência de síntese ou harmonia em si. Esta passa a ser compartilhada no coletivo e junto aos outros passa a perceber que todos passam pela mesma situação. Para Edinger (1989), esta é a experiência da Mônoda, que apresenta uma característica básica para todo o amor e a compreensão, aceitando a condição da alteridade entre eu e o outro. Assim, nossa individualidade, como um todo, chega a uma relação objetiva e compassiva com os outros.

A expressão alma coletiva, citada pela entrevistada Nait Sandoval, além da experiência da Mônoda, pode ressaltar a consciência do trabalho grupal cooperativo e em reciprocidade, tanto entre a comunidade como entre a sociedade em geral (EDINGER, 1989). O trabalho psíquico do indivíduo realizado a partir do descobrimento da sombra revela um trabalho com a consciência do ego. Reconhecer-se quem se é, para Lucidor Flores (diário de campo, 2015), revela a presença de um ser em contato com as grandes perguntas: quem sou eu? Qual o significado da minha existência? Entrar em contato com as grandes perguntas é considerado por Jung o verdadeiro processo educativo (JUNG apud DORST, 2015) quando o ego começa a percorrer o caminho em busca do seu centro arquetípico maior.

No movimento, o ego individual é provocado a buscar algo maior a partir do coletivo e de experiências típicas da cultura andina, a qual percebe o mundo a partir da complementaridade e da reciprocidade, princípios pelos quais a existência decorre segundo a cosmovisão andina. Para os andinos, a união das energias telúrica (feminino) e cósmica (masculino) traz a síntese da vida. Elas compõe partes de uma realidade que penetra todo o cosmos e se revelam através de expressões como: mulher e homem, dia e noite, estrela matutina (como sinal da morte da lua e do nascimento do sol), estrela vespertina (sinal da morte do sol e do nascimento da lua). No movimento cósmico existe essa relação de complementaridade entre os opostos (ESTERMANN, 1998). Na psique elas correspondem, a

*coniunctio*, ou seja, a união dos opostos, consciente e inconsciente. Estes se opõem como inimigos ou se atraem amorosamente um ao outro. Vale lembrar que os arquétipos também são duais, pois apresentam sua face obscura e a sua face iluminada. No movimento *Nación Pachamama*, se busca essa união na psique para o desenvolvimento de atitudes mais ternas, amorosas e inclusivas. Mais adiante veremos essa representação no mito de *Pachamama*, quando ela repele a figura de *Wakon* e se une a *Pachacamac*. Os opostos masculino e feminino desse mito também aparecem no final por meio das figuras do sol e da lua, que são as faces dos gêmeos *Wilkas*, filhos de *Pachamama* com *Pachacamac*.

A parte seguinte abordará a visão de mundo e de homem, aspectos relacionados com o processo de individuação que leva à decolonização como percurso educativo.

#### **4.4 A visão de mundo e a visão de homem para o movimento *Nación Pachamama***

O movimento apresenta uma visão ampla e integradora, contudo olha com olhar simples de campesino. Compreende que construímos a humanidade integrada à comunidade planetária complexa, onde interagimos com diferentes espécies, desde minerais até humanos, cujo cuidado deve ser um valor perpetuado entre gerações. Além do cuidado, o movimento busca como fundamento chamar a atenção do ego para a necessidade de reorganizar a nossa relação como seres humanos e como protagonistas desse tempo chamado de *Pachamama*. Visa neste intento formar alianças com povos de diferentes tradições a fim de mantermos a cosmovisão da vida simples e grupal dos campesinos, os quais são guiados pelos ritmos de *Pachamama* sem interferência e sendo respeitosos (MUNAY, diário de campo, 2015). Na *Nación Pachamama* é possível mostramos quem somos, pois conseguimos nos abrir conforme declara Arthur Molina (diário de campo, 2015).

O movimento *Nación Pachamama* percebe o ser humano como uma expressão de vida e, portanto, impermanente, sempre nova e com capacidades ainda não desenvolvidas. Esse humano pode melhorar e a *Nación Pachamama* acaba sendo o campo onde o por vir é fertilizado, expressando o melhor que existe em nós. Eles partilham ideias para a construção de ações sociais entre pessoas, as quais o sistema exploratório das teorias econômicas ainda não robotizou, a fim de pensarem novas possibilidades de coexistência baseadas na amorosidade e fé poética desenvolvida através da cosmovisão andina.

Para os membros do movimento *Nación Pachamama*, este representa uma casa onde eles podem aprender a se autoconhecer e a praticar a convivência a partir da vida em comunidade. Compreendem que os seres humanos são aparentemente diferentes, mas

guardam em comum aspirações de felicidade. Olhando para dentro de si ou em relação com o mundo externo, os membros buscam essa aspiração chamada de *Pachamama*. Para Ifigênia,

Temos procurado por ela no olhar para fora, para as conquistas materiais, intelectuais e emocionais. Temos esquecido de olhar para dentro, para o nosso íntimo, para o profundo de nós mesmos e das pessoas que nos cercam. A *Nación Pachamama* é um intento de despertar-nos e despertar aos que estão em nosso entorno a fim de que todos nós percebamos a riqueza da vida. É nos possibilitar perceber a importância fundamental que tem a vida em todas as suas formas. E nossa sobrevivência enquanto raça se dará a partir do momento que nossa consciência se expanda e atinja essa compreensão. (SANDOVAL, diário de campo, 2015, p.28).

Para Arádia (diário de campo, 2015), o movimento *Nación Pachamama* é um aprendizado ecoespiritual vivencial de partilha ensinada por Cristo como arquétipo do Si-mesmo.

A Nação *Pachamama* é mostrar essa possibilidade de que, parodiando o lema do Fórum Social Mundial, “um outro mundo é possível”... o que antes era utopia, está chegando próximo de se plasmar... o mundo como está não sustenta mais, as mudanças são prementes, são urgentes, a cada dia mais, mais e mais seres se conscientizam dessa premissa: HAY QUE CAMBIAR... e a Nação *Pachamama* para mim é isto, esta possibilidade de vivenciar novos rumos, novos valores, ressignificações para a vida pessoal, social e cósmica com um aprendizado espiritual que o movimento da Mística Andina vem proporcionando, associando espiritualidade com ecologia, com cuidados pessoais, sociais e planetários bem orientados pela mão do maestro Lucidor Flores. A Nação *Pachamama* traz o ser Crístico à tona, viver essa experiência da partilha que Cristo nos ensinou, de repartir o pão, de compartilhar os saberes, as alegrias. (IRIARTE, diário de campo, 2015, p.30).

Cristo é um mito ainda vivo de nossa civilização, é o herói da nossa cultura por encarnar o homem primordial, o arquétipo do Si-mesmo (JUNG, 2013).

Ele está dentro de nós e nós estamos nele. Seu Reino é a pérola preciosa, o tesouro escondido no campo, o pequeno Grão de mostarda que se transforma na grande árvore; é a cidade celeste. Do mesmo modo que Cristo, assim também o seu reino está dentro de nós.

Acho que estas poucas referências universalmente conhecidas são suficientes para caracterizar a posição psicológica do símbolo do Cristo. *Cristo elucida o arquétipo do Si-mesmo*. Representa uma totalidade de natureza divina ou celeste, um homem transfigurado, um Filho de Deus *sine macula peccati*, que não foi manchado pelo pecado. Enquanto *Adam secundus* (segundo Adão) Ele constitui uma equivalência do primeiro Adão antes da queda original, isto é, quando ele possuía ainda a pura semelhança com Deus [...]. (JUNG, 2013, p. 52-53).

O mito possui várias funções segundo Mircea Eliade (1980), constituído de uma narrativa de acontecimentos, marcam a gênese da criação do mundo e o surgimento dos costumes sociais. Os povos antigos possuem seus mitos, que são lembrados a partir de seus



ritos. O mito é relativo, ele explica algo que para uma dada civilização aconteceu, mas necessariamente o fato narrado não aconteceu. O mito não deve ser interpretado como uma mentira, pois carrega em si uma fonte de arquétipos, sendo o Cristo um deles.

A alma possui uma função religiosa natural, a qual possui a tarefa mais nobre de toda a educação do adulto: a tarefa de transpor para a consciência o arquétipo da imagem de Deus, suas irradiações e seus efeitos. Os valores supremos estão na alma. Contudo, quando Deus é deixado de fora como um objeto, não é possível viver a experiência como alma e ela se esvazia, congela-se em exterioridade e formalismo dogmáticos. Essa função religiosa é realizada pela própria alma, ou seja, ela não é influenciada por qualquer sugestão externa. Viver os ensinamentos de Cristo é deixar a alma ser tocada, exteriorizando as irradiações desses ensinamentos (JUNG, 1991).

Inspirado pela espiritualidade prática dos ciclos da terra e pelo sentido religioso dos camponeses andinos, o movimento *Nación Pachamama* sustenta uma cultura comunitária a partir da imagem simbólica de *Pachamama*. Entende-se como um movimento feminino que encerra um ideal de justiça social, mas acima de tudo procura trabalhar com a ampliação da consciência e a transcendência do ego.

A transcendência ocorre a partir da função da imaginação ativa realizada por meio do potencial criativo da psique, a qual busca viver com mais plenitude, libertando-se das sombras individuais e coletivas e aproximando-se do arquétipo do Si-mesmo, centro ordenador da totalidade psíquica. O Si-mesmo é uma imagem arquetípica da totalidade, do potencial pleno do homem. Ele é amoral, por não haver divisão entre opostos, ou seja, não há masculino ou feminino, nem bem ou mal. É uma imagem interior influenciada pela cultura e pelo meio onde vive. Toda a pessoa possui essa imagem do divino dentro de si. Esta é a fonte da individuação, seu fim e, também, origem de um novo percurso. Esse caminho é percorrido por poucos devido ao medo do enfrentamento do inconsciente e da morte da consciência do ego que passa a ser regida pela consciência do Si-mesmo JUNG (2013).

Nessa perspectiva de mudança do centro da consciência, do ego para o Si-mesmo, o movimento *Nación Pachamama* formula ações junto à sociedade, buscando como pano de fundo o Bem Viver. As comunidades camponesas priorizam a vida e focam como atitude de serviço a reciprocidade com *Pachamama* através da manutenção do seu equilíbrio que é externalizado através da recuperação da terra para o plantio. Além disso, protegem e difundem a cultura orgânica, o cuidado com a água e a preservação das sementes crioulas, mantendo o sistema agroflorestal em busca do equilíbrio e sustento do ritmo de *Pachamama*.

É um modo de viver sentindo-se parte da comunidade planetária, abastecendo-se da sua proteção e procurando-se manter em harmonia com a natureza.

#### 4.5 Como e onde se organizam?

Atualmente, o movimento possui cinco pontos na geografia onde encontram-se situadas as comunidades campesinas, as quais estão em fases distintas de desenvolvimento. Algumas estão sendo gestadas e outras já nasceram, mas estão ainda em fase inicial de construções. Dentre elas podemos citar:

- a) Comunidade Campesina *Aoniken*, em Morungava/RS;
- b) Comunidade Campesina Vale Sagrado do Arco-Íris, em Pelotas/RS;
- c) Comunidade Campesina *Nhanderu-Etê*, em Curitiba/PR;
- d) Comunidade Campesina *Shangrilá*, em Guaiúba/CE;
- e) Comunidade Campesina Casamama, em *San Marcos Sierras*, na Argentina<sup>48</sup>.

As comunidades campesinas são comunidades rurais, sustentáveis, que chegaram a Mística Andina a fim de que cumpramos nossos sonhos de convivência, de vivência do amor e da liberdade entre os companheiros de jornada e da unidade com a *Pachamama*... para que aconteçam as revoluções do cotidiano, para que nasçam e se desenvolvam as crianças-arco-íris, para que a terra seja trabalhada e reverenciada, para que voltemos a aprender e a desaprender com Ela! (Site<sup>49</sup> da *Nación Pachamama*, 2016)

Olhando sobre o ponto de vista das relações, o Bem Viver dos povos andinos retrata uma postura individual que deve ser externalizada no ambiente social, dentro ou fora da comunidade. Os recursos usados pelo movimento ampliam a consciência a partir do desenvolvimento de uma atitude individual e coletiva de auto-observação sobre as contradições do ego e sobre as sombras pessoais. Eles procuram entrar em contato com energias psíquicas mais compassivas compreendidas pelo mundo andino como refinada. Desse modo, o movimento visa as relações comunitárias como um instrumento de fricção da psique, facilitando o processo de conscientização das frações conhecidas como sombras<sup>50</sup>. Nas comunidades campesinas este trabalho é intensificado a partir do convívio no *ayllu*.

<sup>48</sup> Esta foi a comunidade onde vivenciei uma iniciação da deusa hindu *Kali Ma* – destruidora do mal e das sombras, contraparte feminina do Deus hindu chamado *Shiva*. *Kali-Ma* representa o arquétipo do cuidado e da destruição do mal para o novo renascimento.

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://www.nacionpachamama.com/#!o-ayllu---a-familia-estendida/c7o9>>. Acesso em: 19 abri. 2014.

<sup>50</sup> Para Jung (2013), o arquétipo da sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendar energias morais.

Abrir-se ao reconhecimento de seus recalques escondidos e de suas sombras projetadas é um ato, segundo Jung (2013), indispensável para qualquer autoconhecimento e seu reconhecimento traduz em alívio das tensões provocadas pela energia densa e resistente do ego desequilibrado. No relato de Arthur Molina verificamos esse processo:

Antigamente [eu] era aquela [pessoa] de bateu levou. Hoje, eu já consigo pisar na embreagem, botar no ponto morto e dar uma pesadinha. E isso eu tenho aprendido muito com o maestro. Eu sempre coloquei, para ele, que a gente precisa ter coragem de se abrir. Ele sempre foi muito carinhoso comigo e eu digo para ele que: nem toda hora eu preciso de carinho, não. Tem horas que eu preciso que tu chegue e fale comigo, direto mesmo, na testa. Eu não vou me aborrecer com você, não. Eu confio na tua guia, nos teus interesses, na tua vontade, na tua intenção – melhor dizendo. E ele aprendeu direitinho. Tem dia que ele me pega que é para tirar do rumo. Aí eu digo: nem tanto, né! Mas essa bondade dele, o que ele faz para mim, essa entrega... então, ele tem as formas dele de ensinar, sabe, mas com muito carinho. Por mais que ele seja duro, é com muito carinho. E a *Nación* é exatamente isso. A *Nación Pachamama* não é moleza. (MOLINA, diário de campo, 2015, p. 5).

A declaração de Arthur Molina mostra, a partir dos ensinamentos andinos, que o movimento trabalha a consciência do ego a partir da compreensão de dois tipos de energia: a refinada e a densa. Elas se encontram presentes no cotidiano e se qualificam conforme o tipo de ação, se ofensiva ou não para a pessoa em si e para a vida. O movimento busca manter atenção plena sobre a consciência a partir da prática meditativa, dos rituais e do convívio em comunidade ou na vida prática. Neste último caso, o movimento mantém o envio de lições semanais escritas por pessoas mais antigas do movimento como um rito. A energia densa pode ser encontrada na ação, no pensamento e na emoção. O trabalho com o ego também recai sobre os aspectos ansiosos presentes no ato da alimentação e da fala. O desfrute, como chama Lucidor Flores, é imprescindível para manter a atenção plena no agora. Sentir o alimento escorregando pela língua, saboreando-o, faz parte desse autoconhecimento do corpo e dos sentidos, conectando ao prazer de viver que se apresenta através da alimentação.

#### **4.5.1 Comunidade Campesina *San Marcos Sierras***

A comunidade de San Marcos Sierras é constituída por uma casa comunitária principal, onde todas as atividades diárias como o preparo de alimentos e limpeza são compartilhadas. A casa dos residentes encontra-se em etapa final de construção que foi efetuada pelos moradores da comunidade campesina a partir de técnicas de bioconstrução<sup>51</sup>,

---

<sup>51</sup> A bioconstrução é a construção de ambientes sustentáveis por meio do uso de materiais de baixo impacto ambiental, adequação da arquitetura ao clima local e tratamento de resíduos.

sendo os materiais considerados descartáveis pela comunidade, reaproveitados. Como exemplo cito o sistema de garrafas pet para reforçar as paredes. Abastecidas com areia ou terra e, posteriormente, usadas na estrutura das paredes. Para cobrir as garrafas, o uso de palha especial foi utilizado na misturada do barro durante a construção das paredes. Para os povos originários, a construção com barro e palha carrega o sentido de proteção e acolhimento por *Pachamama*, a qual se estende nas paredes. Os banheiros são secos. No ambiente específico para o preparo das refeições há a construção dos fogões chamados de *invernadeiros*, os quais possuem um sistema de aproveitamento do calor típico para o aquecimento do ambiente. Nela também existe coleta natural de água da chuva. Esta casa destina-se à realização de reuniões para meditações, estudos e, também, possui quartos para receber pessoas que buscam uma experiência comunitária, ligados ou não ao movimento *Nación Pachamama*, chamados de residentes. As comunidades campesinas objetivam autonomia, satisfazendo suas necessidades sem depender de recursos ou de grupos externos à comunidade.

O trabalho na comunidade se mostrou no contexto do Bem Viver diante de duas dimensões: do trabalho individual e do coletivo, porém, apesar destes serem bem específicos, os princípios andinos não surgem de modo fracionados, devendo funcionar em reciprocidade no *ayllu*. Para seus membros, viver como família estendida é reaprender a conviver e por si só traz a arte da escuta, da sensibilidade e do respeito pelo jeito do outro, o que inclui os animais, as plantas, florestas, peixes, os sonhos de cada um.

Na senda sagrada da Mística Andina descobrimos que os outros são também os animais, as árvores, as florestas, os peixes, os sonhos e os jeitos diferentes. Na nossa caminhada aprendemos assim, e somos gratos pela aventura de criar um jeito de sentir e refletir sobre o convívio e a família. A criação de nosso *Ayllu*, em 2004, pelo mestre Lucidor, nosso inspirador, criou em nós um profundo autoquestionamento sobre o convívio, a harmonia e o equilíbrio nos vínculos com todos os seres vivos. (SITE<sup>52</sup> DO MOVIMENTO, 2016)

O *ayllu* é uma forma de organização típica andina, e foi passado por Lucidor Flores. Esses ensinamentos correspondem a uma mudança de paradigma. Para os povos ancestrais originários, o paradigma antigo assenta-se no preceito comunitário da cultura da vida – *Pachamama* – para o Bem Viver. A cultura da vida, para Fernando Mamani (2010), é uma cultura de paz por reconhecer que somos parte da natureza e que ela é vital para a nossa existência, sendo esse feito celebrado constitucionalmente no preâmbulo da Constituição do Equador, aprovada em 28 de setembro de 2008. Os ensinamentos ancestrais andinos trazem

---

<sup>52</sup> Ibidem.

ao movimento o sentido de ser e fazer parte da natureza. O dia a dia nas comunidades campesinas resgata a ideia de *Ayllu*.

O *Ayllu* ao longo desses anos, tem sido uma escola viva e poderosa que vem polindo as arestas da incompreensão e da ignorância, próprias e alheias. A Mística Andina, como movimento, vem nos ajudando a não resistir ao diferente, nem aos questionamentos de valores distintos. Se colocamos atenção amorosa, desde o coração, perceberemos que somos tão luminosos como as mais lindas criaturas que nos rodeiam. O grande desafio está nas pessoas que encontramos mais dificuldade em aceitar e amar, ali está o aprendizado em potencial. O trabalho divino é para desenvolver o amor incondicional, a solidariedade, a fraternidade. Esta diversidade, este amor ao que não é parecido, vem criando um jardim colorido e alegre que carinhosamente chamamos de Nação *Pachamama*. Uma Nação de respeito e carinho pelos vínculos. Sejam estes entre pessoas, ou entre os reinos humano, vegetal ou animal, ou das mil variedades de vínculos que podemos encontrar na vida. O *Ayllu* nossa família estendida, está parindo um momento de consciência da Unidade, de abertura com outros grupos, convivendo e reaprendendo a conviver não desde a carência e o medo, mas sim desde o aprendizado e a compaixão. Aqui temos uma oportunidade única de desenvolvimento mútuo daqueles aspectos da alma que amamos. (SITE<sup>53</sup> DO MOVIMENTO, 2016)

Segundo Esterman (1998), a figura do *ayllu* na cosmovisão andina representa uma identidade coletiva fundamental. Ele não é uma categoria genealógica e nem uma entidade exclusivamente sócio-política, mas sim uma célula da vida que se celebra e se ritualiza, porém também é a base econômica de subsistência e trocas internas. O povo andino encontrava sua identidade a partir dos laços com o *ayllu*, que, segundo Ciampa (apud FARIAS & SOUZA, 2011), é o resultado provisório da inserção entre a história da pessoa, seu contexto histórico, social e seus projetos. O *ayllu* tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe a vivência pessoal de um papel determinado pela cultura. Essa identidade pode se desenvolver por nascimento no *ayllu* ou pela vivência na *marka* (aldeia). Se o indivíduo é expulso do *ayllu*, perde a sua identidade e se transforma em um nada socioeconômico para os andinos.

El individuo que rompe con los lazos intrínsecos del *ayllu*, prácticamente firma su propia sentencia de muerte, pero sobre todo distorsiona severamente el orden socio-económico, ritual y celebrativo, y por tanto, el orden cósmico (*pacha*) holístico. [...] El *ayllu* como entidad económica básica es el lugar de la producción colectiva, a través de formas de trabajo que se basan en el principio de reciprocidad. (ESTERMAN, 1998, 204).

Segundo a entrevista com Arthur Molina, percebemos que não existe um impedimento quanto à entrada ou à saída de pessoas. Como as comunidades campesinas ainda encontram-se em construção, a localização dos membros mantém-se de duas formas: aqueles que participam do movimento, mas moram nos centros urbanos e os que moram direto nas comunidades

---

<sup>53</sup> Ibidem.

campesinas. Não há impeditivo para deixar de participar do movimento *Nación Pachamama*, basta sentir vontade, mesmo sendo morador das comunidades campesinas. Conforme Nait Sandoval (diário de campo, 2015), o movimento é uma adaptação para o nosso momento atual, portanto a constituição do *ayllu* não ocorre do mesmo modo do *ayllu* andino.

O exercício da reciprocidade para os andinos ocorre de duas formas: mediante a *mink'a* e o *ayni*. *Mink'a* quando a colaboração ou participação do indivíduo ocorre nas obras do *ayllu*, mas se destina ao benefício comum da comunidade. A colaboração a partir do *ayni* é imprescindível para o sustento da vida e pode ocorrer entre integrantes do *ayllu* e não para todos. As formas de trabalho e ajuda recíproca são elementos que compõem a identidade do homem andino. Desse modo, podemos dizer que no *ayllu* existe a construção de uma identidade funcional. No movimento *Nación Pachamama* as duas modalidades de reciprocidade são entendidas como *ayni*.

#### 4.6 O movimento *Nación Pachamama*: uma resposta ao chamado dos *abuelos* andinos

No site<sup>54</sup> do movimento, Flores descreve sua percepção a respeito do *ayllu* formado pelo movimento *Nación Pachamama* como a construção de um antigo sonho dos *abuelos* andinos,

A Nação *Pachamama* surge de uma inspiração dos avós dos Andes, dos homens e mulheres que nunca deixaram de compreender que precisamos valorizar à Vida como uma Mãe, que ternamente nos provê tudo, e sermos compassivos, respeitosos e ter reciprocidade com ela.

A Nação *Pachamama* não é um movimento político, ainda que tenha opinião política; não é um movimento religioso, ainda que tenha jeito religioso; não tem fronteiras e margens.

A Nação *Pachamama* é redonda, pois assim, roda e se mexe e muda regularmente de pele, assim nos ensina nossa mãe terra.

Somos um movimento que surge do movimento harmônico e equilibrador da mesma *Pachamama*... aprendemos dos pássaros, das nuvens, da água, do vento, do avô fogo, do bater do coração, dos tambores, e de toda a existência bebemos inspiração.

Pois, somos seres humanos sensíveis e preocupados com o que está passando, sem ter uma postura rígida sobre comida, bebida, sexo, religião, raça, política, nem nenhum aspecto do viver humano; estamos claros no rumo e na práxis...para ali caminhamos, com o coração pleno de esperança, em transformar-nos e inspirar, polinizar, semear bondade com a Vida e suas criaturas, entregues à revolução pacífica de condutas e temperamentos, e paixão por mudar tudo para nossos netos, para que ao olharmos as estrelas sintamos que nossa vida tem significado e sentido...(FLORES, site do movimento, 2015).

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://www.nacionpachamama.com/#!/home/mainPage>>. Acesso em: 22 abri. 2014.

A inspiração dos avós dos Andes, descrita por Flores, surge de uma profecia andina chamada *Pachakuti*. Arias (2010) explica que desde o colonialismo<sup>55</sup> espanhol, expresso através da conquista e da submissão do poder, do saber e do ser, todos os povos de *Abya Yala* se dedicaram a tecer, entre as comunidades, uma rede de resistência capaz de perdurar através do tempo. Os sábios andinos, chamados de amautas<sup>56</sup>, previram as invasões espanholas, então criaram a ideia de redes e em cada povoado colocavam um tipo de sabedoria a fim de preservar a tradição, os símbolos da cultura para preservar a memória coletiva dos povoados. Essas redes permitiram a resistência e a insurgência frente à dominação. Para os andinos, a formação dessas redes seria fundamental para resguardar sua sabedoria até o início de um novo ciclo que seria chamado de *Pachakuti*. O ingresso deste ciclo foi reconhecido com a eleição do primeiro Presidente indígena na Bolívia<sup>57</sup> recebendo esse fato como um ciclo de transformações nas dimensões civilizatórias, sociais, históricas e cósmicas.

#### 4.6.1 O tempo de Pachakuti

O tempo para os andinos é percebido como uma serpente, pois existe um tempo considerado de crescimento e, logo em seguida, inicia o de decréscimo (ARIAS, 2016, diário de campo).

Segundo Arias *Pachakuti*,

es un tiempo en el que “...empieza a amanecer en mitad de las tinieblas...”, y que hace posible que toda esa sabiduría preservada desde lo más ancestral del tiempo emerja a la luz, para poder enseñar a la humanidad, dimensiones de un sentimiento y un pensamiento ligados a formas distintas de tejer la vida, como la que podemos encontrar en la profunda sabiduría ancia [...], redes que para enfrentar la muerte y poder preservar la vida, sólo podían ser tejidas desde la fuerza insurgente de la vida misma, desde la cotidianidad, que es, como dice el anciano “... el lugar de nuestra existencia...”; y es justamente, desde la lucha por la existencia que es tan llevando adelante los pueblos para quienes la colonialidad del poder, del saber y del ser, no fue una mera abstracción, si no que la vi – vieron y viven, la sufrieron y siguen sufriendo la en sus propios cuerpos y subjetividades, de donde surge un horizonte otro, diferente de humanidad, de civilización y de existencia. Tejer una red para la vida [...]. (ARIAS, 2010, p. 16).

<sup>55</sup> Segundo Costa (apud BALESTRIN, 2013, p. 2) colonial ou colonialismo alude as situações de opressão diversas, definidas a partir de fronteiras de gênero, étnica ou raciais. Nem todas as situações de opressão são consequências do colonialismo, mas no colonialismo sempre haverá opressão ou exploração.

<sup>56</sup> Nas antigas civilizações dos Andes existia a figura dos amautas. Eram considerados grandes sábios, porém, não existia idolatria quanto a sua figura. Serviam como trabalhadores à comunidade. Suas características eram a sensibilidade, a humildade e a disposição para abrir o coração. No dicionário quéchua a palavra amauta significa homem sábio.

<sup>57</sup> Evo Morales foi eleito Presidente da Bolívia em dezembro de 2005.

## Na língua *quéchua-aymara*, o termo *Pachakutik*

proviene de la palabra Pacha que significa Tiempo-Espacio, dos categorías íntimamente unidas, que recién a finales del siglo XX el mundo occidental, a partir de la Física cuántica logra comprender la indisolubilidad de estas dos categorías; cuando en el mundo kichwa-aymara su uso y vivencia ha sido de manera cotidiana desde hace muchos siglos atrás. Del mismo modo Kutik, que es una raíz que proviene del verbo Kutina, se describiría como la transformación, el cambio, la vuelta, el nuevo ciclo.

En definitiva por la acción kutina se entendería todo acto que se inicia y en un determinado momento o ciclo, que vuelve a cambiarse a transformarse. Pues Pachakutik indica entonces ese cambio necesario e impostergable, porque "Pacha significa espacio y tiempo por el cual todos debemos transcurrir [...] El espacio y el tiempo, esa totalidad andina con sus dos universos que no pueden separarse, están íntimamente ligados", una especie de destino no entendido como fatalidad sino como ese recorrido natural que pese a cualquier resistencia se lo tiene que realizaré, Así, Pachakutik, se ha podido entender más claramente en el sentido de un ciclo que dura aproximadamente 500 años; como en una especie de "destino?", porque eso significa "pachá" tenemos que cumplir el paso hacia el nuevo tiempo, hacia lo nuevo que todos estamos esperando, no como una ilusión, sino como una realidad; que resultan de la expresividad del movimiento del sol y de la luna. (AMANGUANA, 2005, p.62).

As civilizações andinas se constituíram em integridade com a natureza e o cosmos e detinham conhecimento sobre a astronomia, gerando previsões de alguns fenômenos cósmicos que ingressavam ou poderiam ingressar no planeta como o chamado fenômeno da escuridão ou das trevas, representado através da colonização espanhola. Desse modo, os andinos entenderam que a sua sabedoria deveria ficar resguardada até o ingresso de um novo tempo, quando *Pachamama* passaria por outro ciclo. Este seria considerado como um despertar, ou seja, quando ingressaria um estado de maior compreensão sobre a importância da sabedoria dos povos originários para o equilíbrio e o cuidado de *Pachamama*.

Como já foi abordado, a eleição do presidente Evo Morales, na Bolívia, marcou o início desse novo ciclo. Sua posse ocorreu normalmente dentro dos ritos burocráticos quando assumiu o seu exercício, mas ela também aconteceu de forma ritualística com os *yatiris*<sup>58</sup> andinos durante o Encontro Internacional de *Pachakuti*, na *Isla del Sol*, onde houve o ritual sagrado andino de sua posse. Relatam testemunhas do evento que o presidente chegou à ilha de *Tupuna*<sup>59</sup>, dançou com o povo e participou de um pago com os amautas. O movimento

<sup>58</sup> É um termo *aymara* que designa uma pessoa curandeira.

<sup>59</sup> Embarcação típica dos *uros*, etnia que habita regiões dos Andes e da Bolívia. A pesquisa foi realizada com os que habitam as ilhas flutuantes do Lago Titicaca no Peru. Despertam grande interesse dos pesquisadores científicos por possuírem um DNA bem diferente das etnias *quéchua* e *aymara* conforme o pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais Fabrício Rodrigues dos Santos do Departamento de Biologia Geral do Instituto de Ciências Biológicas. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/ndc/noticias/pesquisadores-da-ufmg-revelam-ancestralidade-dos-uros-indigenas-habitantes-dos-andes-no-peru-e-na-bolivia>>. Acesso em: 13 mai. 2014.



*Nación Pachamama* estava presente na *Isla del Sol*, junto ao Lago Titicaca, a convite das forças sociais e do governo da Bolívia, onde foi plantada a semente da *Nación Pachamama*, segundo Violeta Molina. Esta descreve a celebração como emocionante na qual puderam se sentir irmanados com milhares de pessoas vindas de todos os lados do mundo, emocionados em testemunhar e vivenciar a chegada do Tempo de *Pacha*, do novo ciclo de vida em plenitude e harmonia entre todos os seres.

Que alegria ouvir o anúncio para a humanidade de uma boa nova: a revalorização da Vida e da Harmonia; o triunfo da esperança no lugar do medo do fim dos tempos; o retorno do Tempo de *Pacha*; da Vida em plenitude, do Tempo da luz e do amor! Que satisfação receber de um governo oficial o convite de compromisso com a recuperação dos sentimentos de pertinência com la Madre Tierra e de unidade com ela... sentimentos matrizes da la *Nación Pachamama*. (MOLINA, 2013, p. 5).

E dentro dessa responsabilidade social, o movimento *Nación Pachamama* escreve a sua história de compromisso com a decolonização do ser, do saber e do poder consideradas matrizes colonizadoras da vida. O movimento realiza projetos culturais junto às diferentes etnias como a africana, indígena e asiática, formando alianças de mútuo serviço. A principal ação é construir uma história de autoafirmação desses povos, que por séculos têm sofrido a opressão do sistema do pensamento europeu e do capitalismo.

Após a apresentação do movimento *Nación Pachamama* e de seu contexto baseado na cosmovisão andina, passamos a compreender os primeiros passos dentro do movimento para que o percurso educativo de individuação e de decolonização aconteça.

## 5 BEBENDO NA FONTE: VIVÊNCIAS EDUCATIVAS NO MOVIMENTO *NACIÓN PACHAMAMA*

Figura 08 – II encontro do Movimento Nacion Pachamama

Ressalto alguns pontos importantes já abordados durante a escrita no intuito de facilitar a introdução e a compreensão das vivências educativas a partir das lições do *ayni*, de *Pachamama* e da *chakana*, os quais são temas desencadeadores dos processos educativos de individuação, de reorganização do feminino e da espiritualidade, dentro do processo de decolonização do ser que o movimento *Nación Pachamama* provoca.



Como vimos anteriormente, o campo pesquisado apresenta como ponto de partida a sabedoria espiritual andina, a qual é ligada à terra que nutre e mantém a vida. Esse modo de compreender a espiritualidade estabelece uma relação entre a fertilidade da terra e a fertilidade da mulher que gera e sustenta a vida. Esses povos compreendem que a terra é mãe e não só da humanidade, portanto deve haver respeito e reciprocidade com essas duas figuras representantes da vida.

Segundo a teoria junguiana, o feminino é considerado como energia psíquica presente tanto no homem como na mulher. Ela se manifesta com maior intensidade na mulher devido a sua constituição biológica e cultural. A condição do aspecto feminino no homem não é reconhecida tão facilmente devido a sua constituição. O reconhecimento se torna mais difícil devido à constituição patriarcal que impõe um padrão de inferioridade de pensamento, o qual produz e sustenta o complexo cultural feminino. Nessa ausência de reconhecimento da energia feminina, há o desenvolvimento de atitudes de inferioridade da mulher, diante do homem, tanto no âmbito interno humano como no social. Desse modo, levando em conta a condição de gênero imposta socialmente, para o homem resgatar essa condição feminina lhe é exigido um superesforço para superar esses modelos oriundos da sociedade, através da educação familiar, escolar e cultural, que envolve a questão de gênero. Para a mulher o

esforço é um pouco menor por essa energia psíquica estar próxima das condições da maternidade.

A seguir passo a detalhar os princípios andinos os quais fundamentam as lições percebidas no movimento *Nación Pachamama*.

## **5.1 Os princípios andinos**

A lógica da cosmovisão andina se manifesta a partir de uma série de princípios que sustentam as relações comunitárias típicas dos povos originários. Dentre eles podemos citar os princípios do parentesco, da correspondência, da complementaridade e da reciprocidade. O mundo manifestado é resultante da atuação desses diferentes princípios e a forma de trabalho é através do *ayni*. Não aprofundarei cada princípio por não ser o objetivo do trabalho, toda via, destacarei o da reciprocidade, o qual se mostrou com maior intensidade e em dois níveis de profundidade psíquica.

### **5.1.1 Princípio do parentesco ou da relação**

Este princípio afirma que tudo está relacionado, vinculado ou conectado com o todo. A entidade básica andina é a relação. A realidade para o andino é um conjunto de seres e acontecimentos inter-relacionados. O princípio do parentesco ou da relação ressalta que cada ser, acontecimento, estado de consciência e sentimento está imerso em múltiplas relações com outros seres, acontecimentos, estados de consciência e sentimentos (ESTERMANN, 1998).

### **5.1.2 Princípio da correspondência**

O princípio da correspondência deriva do princípio anterior. Aquele explica que os diferentes aspectos, regiões ou campos da realidade se correspondem de uma maneira harmoniosa quando inclui nexos relacionais de tipo qualitativo, simbólico, celebrativo, ritualístico e afetivos. Não é uma correlação causal, mas uma correlação simbólica representativa. Diz Estermann (1998) que o que está em cima encontra-se embaixo. A realidade cósmica das esferas celestes (*hanaq pacha*) corresponde à realidade terrena (*kay pacha*) e até os espaços inferiores a terra (*ukhu pacha*), também encontramos correspondência entre o cosmos e o humano, o humano e o extra-humano (ESTERMANN, 1998).

### 5.1.3 Princípio da complementaridade

A complementaridade especifica os dois anteriores. Nenhuma ação ou pessoa existe sozinha, senão em relação com o seu complemento específico. O individualismo torna o ser incompleto, mas em conjunto se torna pleno. Esse princípio enfatiza a inclusão dos opostos complementares em um ser. A complementaridade é vista através do símbolo chinês do Yin e o Yang. Tudo no cosmos é o próprio cosmos, segundo Needham (apud Estermann, 1998). O princípio se manifesta em todos os âmbitos da vida como nas dimensões sociais, éticas, cósmicas, psíquicas. O ideal andino é a integração dos opostos (ESTERMANN, 1998).

### 5.1.4 Princípio da reciprocidade

O princípio da correspondência se expressa em nível objetivo e ético como reciprocidade. Cada ação corresponde a uma contribuição complementar, um ato recíproco. Esse princípio compete às inter-relações entre pessoas ou grupos ou ainda entre humanos e extra-humanos, entre humanos e natureza, entre humano e divino. A reciprocidade é uma categoria cósmica antes de ser um conceito econômico. O equilíbrio cósmico requer a reciprocidade das ações (ESTERMANN, 1998).

## 5.2 A lição do *ayni*

O *ayni* é uma forma de trabalho cooperativo que é imprescindível para a vida de cada membro do *ayllu* andino. Ele se estabelece na relação de troca de esforço para o trabalho, sobre o qual existe uma conexão entre o trabalho realizado no presente e o que poderá ocorrer no momento oportuno. Na lição do *ayni*, o princípio andino da reciprocidade é adotado no movimento *Nación Pachamama*. Aquela é responsável pelo desenvolvimento da co-responsabilidade entre indivíduo, comunidade e ecologia. Há um grande esforço na aplicação desse princípio devido ao modelo individualista do ocidente o qual se encontra enraizado no inconsciente coletivo.

Assim como no mundo andino, os membros do movimento entendem que os indivíduos se relacionam através do exercício de funções no *ayllu*, como um colaborador. Essa relação colaborativa praticada pelo movimento *Nación Pachamama* ocorre nas dimensões sociais, comunitárias e cósmica. Existem diferentes níveis de colaboração, os quais

são dirigidos para a construção das comunidades campestinas, para o sustento do *ayllu* e para os projetos da ONG *Pachamama*.

O fenômeno psíquico do trabalho coletivo na proposta do *ayni* desperta uma corresponsabilidade com o entorno, bem como um compromisso com a família estendida na expressão de Munay Flores (diálogo informal, diário de campo 2015). A família estendida, compreendida como a Nação *Pachamama*, representa uma família diferente por ter sido escolhida por nós.

O *ayni* no movimento se expressa em duas dimensões: individual e coletiva. O *ayni* individual ocorre através de doações do trabalho individual - chamado serviço. No momento atual em que se encontram as comunidades campestinas, esse tipo de *ayni* atravessa a promoção de recursos de modo que o movimento possa promover as ações sociais como as doações de manuais para a prática dos 21 dias que é realizada com os adolescentes detidos na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE) do Rio Grande do Sul. Outra modalidade de *ayni* encontra-se nas doações espontâneas para ajudar o projeto *Soy loco por ti Q'eros*, e o pagamento dos cursos desenvolvidos no movimento, todos realizados de forma espontânea. O trabalho irradiatório para o planeta ou para alguém que solicite de forma individual. Também, encontramos na promoção de cursos dirigidos pelos membros do movimento em sua cidade ou em outra. A abertura e coordenação espaço de meditação ou até como suporte logístico para os palestrantes, também são considerados serviços. O *ayni* coletivo encontra-se relacionado ao trabalho conjunto no desenvolvimento e envolvimento com projetos sociais, ecológicos, educacionais e exige o exercício de um esforço conjunto quanto ao planejamento e a execução das ações.

Além de o *ayni* apresentar-se nessas duas características, individual e coletiva, para o movimento *Nación Pachamama*, ainda existem outras duas dimensões interpretativas as quais o *ayni* é usado para aprofundar a psique. Uma dimensão refere-se a um nível de interpretação de dar e receber, ou seja, existe uma relação de troca. Estamos acostumados com o mundo da mercadoria quando compramos e entregamos o dinheiro em troca. A lição do *ayni* quando levada num grau psíquico de compreensão mais profundo busca colaborar sem esperar algo em troca, mas também em não se sentir explorado, significando uma profunda compreensão de integração ao todo. Neste último tipo de compreensão da lição *do ayni*, há uma provocação ao desprendimento dos modelos psíquicos criados pelo espírito do capitalismo, o qual cultiva valores como a competição, a guerra, o preconceito, a violência, a ambição de ter.

Durante a pesquisa de campo, durante uma palestra pública assistida em Caxias do Sul, foi solicitado pelo anfitrião um *ayni* livre para doar ao palestrante. Naquele momento o

palestrante não cobrava um valor fixo. Observei a reação e muitos ficavam sem jeito diante da situação. Cito abaixo algumas falas com nomes fictícios. As pessoas citadas não pertenciam ao movimento *Nación Pachamama*:

- Eu tô guardando *ayni* para pôr as minhas contas em dia – disse X.
- Quanto que precisa? – Sem jeito pergunta a pessoa Y para a anfitriã.
- É espontâneo? – Retirou parte do que tinha no bolso, sem perguntar o valor – pessoa Z. (CAXIAS DO SUL, diário de campo 2015, p. 46)

As falas acima demonstram como o molde ocidental não compreende o princípio da reciprocidade. Há um constrangimento em relação ao dinheiro, o qual se expressa através do corpo ou da fala. A visão capitalista, neste caso, demonstra desenvolver uma visão de mundo e de homem que não propicia o reconhecimento do trabalho do outro através de um pagamento justo. Nesta situação percebi o mundo econômico capitalista e o não reconhecimento do princípio da reciprocidade. O comportamento individualista se expressou naquele momento através do comportamento evasivo ou sem jeito.

O *ayni* integral, mencionado por último, é entendido como um grau mais elevado de educação e de desenvolvimento psíquico. Esse é visível entre os discípulos mais avançados nos ensinamentos espirituais andinos. Estes trabalham em prol da vida, o grau de controle do ego individual é menor. Entregues às ações do movimento, a consciência se expressa através da proximidade da consciência do Si-mesmo, centro organizador da totalidade psíquica. Os membros permitem-se estar em comunidade, reconhecendo-se parte desta totalidade a qual lhe faz parte e ora se apresenta ordenado como o reino celestial, ora como o caos. Esse processo demonstra uma atitude individuada e voltada para o coletivo. Compreendeu a sua importância como parte do todo, a Mônoda, como cita Edinger (1989).

A relação cooperativa pode acontecer sem vínculo com as comunidades, mas, segundo Edinger (1989), fazer afirmações não é suficiente para assimilar novos níveis de consciência. Apenas saber que existe um princípio na cosmologia andina chamada *ayni*, o qual se refere à ideia de reciprocidade, não basta para constituir uma vivência do *ayni*. Desta forma, o *ayni* seria apenas mais um vocábulo no dicionário, um signo, quando o pensamento linear traz o entendimento - dou e recebo. Esta atitude não aprofunda a consciência, limitando o princípio a um mecanicismo reprodutor de conceitos. Contudo, para os povos originários, e para as comunidades do movimento *Nación Pachamama*, o princípio não é mecânico. Ele é posto em prática a partir dos laços de vivência e experiência estabelecidos entre os membros do movimento e entre estes e a sociedade. Na palestra abaixo citada, verificamos que o

palestrante se refere ao *ayni* como um aprendizado, também, com a vida. Nele aprende-se a receber os presentes da vida, e ao recebê-los deve agradecer como *ayni*.

A vida é igual a uma mãe, precisa de algo que nós temos que é a percepção da gratidão. A percepção de que o que chega é um presente. As nuvens são um presente, o banho é um presente, a comida é um presente, o amor é um presente. Eu posso ignorar as nuvens ou posso encontrar as formas nela. A causa original de todos os presentes é sempre a vida; e a vida pede uma só coisinha: a gratidão. Mas a gratidão não é ensinada nas escolas. Perdemos o bom hábito de agradecer pelo que recebemos. Há diversos tipos de gratidão: há a gratidão mecânica que diz: gracias. Como beijo de marido, assim... pim (faz um gesto rápido e o público ri), mas há a gratidão por inteiro, como o beijo de um amante. (FLORES, 2015, diário de campo, p. 57).

Não podemos deixar de observar que, mesmo entre os moradores da comunidade campesina, cada indivíduo está vivendo o seu modo de compreensão do *ayni*. Este ensinamento requer cuidado quando o analisamos, em razão do nosso modelo psíquico ocidental, o qual foge da ideia e do estar-sendo comunitário dos povos andinos. Para pensarmos comunitário precisamos retirar, em primeiro plano, os nossos conceitos pré-existentes para abastecer-se do espírito comunitário. Estar-sendo comunitário faz parte dos enfrentamentos do movimento como meio educativo para a individuação e a decolonização, pois o estado individuado pressupõe um pensar coletivo. Algo que parece ter deixado de existir devido a matriz colonial-ocidental.

Segundo Arias (2007), uma expressão do exercício da matriz colonial encontra-se na colonialidade da subjetividade ao eleger o pensamento racional como o universo de sentidos e explicação da verdade sobre a condição humana.

La colonialidad ya no sólo opera en lo estructural, desde la exterioridad y a través de sus instituciones y sus aparatos represivos, sino que se instaura en lo más profundo de nuestras subjetividades, de los imaginarios, la sexualidad y los cuerpos, para hacernos cómplices conscientes o inconscientes de la dominación. Para la imposición de la colonialidad del poder y del saber se tienen instituciones y aparatos represores como el Estado, los tribunales, los bancos, las ONG, la Iglesia, las escuelas, las universidades, el ejército, la policía, los medios de des-información, etcétera, que operan desde la externalidad. Pero para el ejercicio de la colonialidad del ser el poder instala el represor dentro de nosotros mismos, manipula desde lo más íntimo de nuestras subjetividades y cuerpos, ahí radica la eficacia que tiene la colonialidad del ser pues así se construyen subjetividades alienadas, sujetos sujetados, se impone un ethos útil a la dominación para la imposición de la razón colonial en las subjetividades, que hace más viable la colonialidad del poder y del saber. (ARIAS, 2012, p.13).

Arias (2012) deixa claro que a colonização do ser aliena o que existe de mais importante e íntimo no ser humano. A decolonização da subjetividade do ser ocorre a partir

do processo de individuação quando o ego ultrapassa seus estágios de desenvolvimento que são: inflação, alienação e passa a estabelecer contato com o Si-mesmo. No primeiro momento, sair da inflação é perceber o ego como um servidor do Si-mesmo e não como a própria totalidade. Pude observar no movimento *Nación Pachamama* devido à imagem simbólica de *Pachamama* que os membros do movimento são guiados por um arquétipo feminino. Não julgam ser *Pachamama*, mas expressam o reconhecimento de ser parte dessa comunidade planetária – *Pachamama*. No final da fala de Ifigênia Sandoval podemos perceber a compreensão de se sentir parte e todo:

vindo de uma vida muitíssimo conturbada, com um trabalho extremamente estressante dentro de uma Instituição Financeira, com problemas de relacionamento familiar e outros, passei a almejar viver em uma comunidade camponesa. Sentir a benção de amanhecer, avistar e reverenciar o dia, faça sol ou chuva. Conviver com os companheiros, aprendendo e ensinando. Consumir alimentos saudáveis e cheios de energia. Sentir-me uma pequena, mas importante parte dessa grandiosa e calorosa casa planetária que nos acolhe, ampara, nutre e ensina. (SANDOVAL, diário de campo 2015, p. 28).

Ifigênia demonstra angústia diante do viver no padrão ocidental, o qual deriva do sistema de trabalhar e produzir. O seu envolvimento com as comunidades campesinas lhe fez despertar para a energia feminina que recebe o dia, que compartilha e se nutre com alimentos saudáveis.

Os membros do movimento *Nación Pachamama*, ao estabelecerem essa visão de serem parte de um todo maior, desenvolvem um vínculo firme com o símbolo de *Pachamama* e o rememoram através das meditações, dos pagos e das diversas ações propostas pelo movimento que visam o seu cuidado (ZAFFARONI, 2012). Esse símbolo pode ser considerado como cimento comunitário o qual transforma as comunidades campesinas em um espaço de autoaperfeiçoamento, de serviço e de aprendizado não massificador, isto é, apresentando uma relação dialógica entre consciente e inconsciente individual. Trabalha com os princípios andinos, dando ênfase ao *ayni*, a consciência do ego inflado ou alienado, e a consciência individuada<sup>60</sup>. Na dimensão da comunidade, desenvolve-se entre os membros um sentimento de vínculo a algo maior, *Pachamama*, sustentado por um espírito comunitário planetário. Deste modo, algumas demandas precisam ser assumidas juntas, mesmo havendo uma entrega maior ao trabalho entre membros diferenciados.

Assim, a lição do *ayni* é básica para o movimento *Nación Pachamama* tanto no aspecto individual como no aspecto coletivo. Nessa lição, o ego não individuado luta entre os

---

<sup>60</sup> No sentido junguiano e não de individualidade.



conceitos e os símbolos: do modelo capitalista e do movimento *Nación Pachamama*. Ao desenvolver o estar-sendo comunitário, o *ayni* com *Pachamama* se constrói a partir do sentir-pensar sobre o modo matrístico<sup>61</sup> de viver (ARIAS, 2007), o qual veremos em ponto específico.

Passaremos a compreender como se dá a segunda principal lição no movimento *Nación Pachamama* como caminho grupal.

### 5.3 A lição da *chakana*

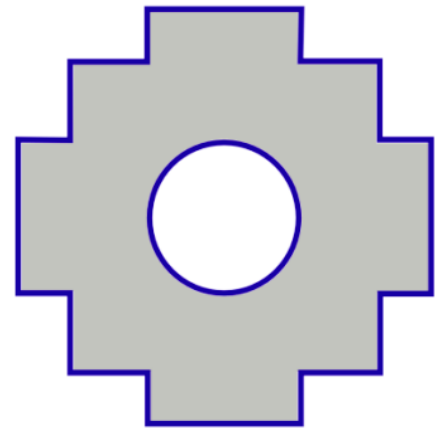
A *chakana* andina representa uma mandala que para Jung é uma imagem da totalidade da psique ou do Si-mesmo. É um arquétipo que organiza todos os conteúdos conscientes e inconscientes. Sua manifestação na consciência se faz a partir da *imago dei*, imagem representante do potencial humano. A mandala se apresenta empiricamente através de símbolos específicos como o círculo e o quadrado juntos, que aparecem

de modo espontâneo e autônomo (JUNG, 1990). Para Chevalier (1986), a mandala representa a imagem do mundo ou uma imagem psicológica, que ao mesmo tempo eleva ao divino.

A *chakana* é um símbolo cultural, diferente dos símbolos naturais que são produzidos espontaneamente pelo indivíduo. Os símbolos culturais foram guardados para expressar verdades *eternas*. Segundo os estudos arqueológicos, a idade da *chakana* chega a cinco mil anos. A origem do nome é *quechua*, segundo Estermann (1998), e refere-se a uma escada que transporta. A etimologia da palavra nasceu da união de *chaka* (ponte de ligação) e *hanã* (alto). A *chakana* representa um meio de união entre o mundo humano e o mundo superior chamado *Hanan Pacha*. A cultura *quechua*, *aymara* e *puquina* mantêm em suas tradições o culto à *chakana*. É um símbolo espiritual-político do mundo andino. A imagem das mandalas convoca o trabalho com o mundo inconsciente.

Ao ingressar no movimento *Nación Pachamama*, no momento da iniciação, em nome da comunidade, *ayllu*, o iniciado recebe de presente das mãos do iniciador um colar com o

Figura 9 – *Chakana* andina



<sup>61</sup> Veremos suas características em ponto específico.

símbolo da *chakana* andina em forma de pingente. Para o movimento o colar simboliza o ingresso do iniciado na família da *Nación Pachamama*, uma família guiada pelo coração andino. O colar além de representar um símbolo de proteção, também representa as famílias que trabalham em cooperação e reciprocidade num esforço conjunto.

Assim como o símbolo andino, a *chakana* para o movimento é um símbolo de organização política-espiritual. Cada indivíduo possui os quatro elementos, mas encontra mais facilidade em trabalhar com um elemento e de acordo com essa característica pertence a uma família para trabalhar com os membros mais parecidos e facilitar o trabalho em grupo. A família Iriarte, tem o ar como elemento sobressalente e se caracteriza pelas ideias e criatividade. Os Obelares e os Molinas são os impulsionadores, entusiastas e espontâneos e seu elemento é o fogo. Os Cruzes, Dédalos e Aguilares são da água e suas características são a fluidez e a emoção. E, por fim, os Flores são identificados com o éter e sua característica é a liberdade, o estado de transmutação da personalidade.

Nessa conformação, o processo de individuação é auxiliado de duas formas, sendo uma individual e outra coletiva. Na individual o processo é facilitado pelo efeito espelho quando os indivíduos encontram-se reunidos na mesma família por apresentarem afinidade entre traços físicos, psíquicos e emocionais. Ao se relacionarem, podem perceber através do outro os seus aspectos sombrios e as suas qualidades positivas - *a luz que habita nele*.

A única forma de nos conhecermos é através do outro<sup>62</sup>, contudo a alma permanece com conteúdo fracionados quando, no interior do movimento, alguns membros ficam fixados nas sombras de cada um ou de cada família, como se a sombra fosse uma normose<sup>63</sup> a ser suportada e não trabalhada. Esse modo de compreensão dificulta o processo de individuação pessoal. Entretanto, no movimento, o dragão<sup>64</sup> da crítica é trabalhado através da auto-observação e da observação do outro. Busca-se silenciar o excesso de julgamento tido como uma característica da *mente falante*.

Como prática que caracteriza o feminino, a meditação trabalha a introspecção, técnica utilizada para sanar o vício da agitação mental e do excesso de julgamentos. Contudo, saindo desta visão patológica da crítica, o ensinamento produzido a partir da constituição de famílias

---

<sup>62</sup> Compreendido a partir da cosmovisão andina que considera qualquer ser: pessoas, rios, montanha, estrelas, animais, vegetais.

<sup>63</sup> Normose foi um termo utilizado por diversos pensadores como Roberto Crema, Pierre Weill e Jean-Ives Leloup. Refere-se à chamada doença da normalidade. As pessoas normóticas fazem uso de conceitos, normas, valores como um hábito de pensar e agir que foram aprovados em consenso pela sociedade e provocam sofrimento e doença. Uma pessoa normótica vive o padrão da massa e não passa pelo processo de individuação detalhado por Jung, ela simplesmente se adapta com o contexto elegido pela maioria.

<sup>64</sup> Termo utilizado pelo movimento significando aquilo que é monstruoso, quase insuperável. Um monstro inconsciente.

demonstra ser um importante instrumento de autoconhecimento através de dois princípios: contato com o igual e ao mesmo tempo com o diferente. Esse trabalho desenvolve outra visão de mundo estabelecida a partir das relações comunitárias e das relações de ajuda mútua. Nesse exercício, os princípios andinos da complementaridade e da reciprocidade são praticados nas comunidades campesinas. O indivíduo amplia suas relações reconhecendo as diferenças entre ele e o outro e ao tomar consciência desse processo, desvincula-se de atitudes inconscientes. Suas relações também se ampliam saindo do individualismo para a co-responsabilidade com o *ayllu*, com a sociedade e com o cosmos. Somos seres gregários e desta forma, a ideia de onipresença e onisciência relegada pela cultura ocidental são subsumidas pelo sistema de aprendizado comunitário, o qual pratica a inclusão do outro na vida coletiva e individual.

A *chakana*, como *ayllu*, revela o ensinamento da cooperação e do convívio como família estendida. Devido ao seu movimento circular entre famílias, revela que precisamos uns dos outros para viver e para realizar projetos nas diferentes dimensões. Para executar um projeto, necessitamos em cada etapa uma característica do elemento da natureza: da ideia - ar, da intensidade - fogo, do material para a consecução - terra e do envolvimento - água. Dessa forma, não existe liderança ou competição, mas cooperação de atributos presentes em cada um que se unem em reciprocidade para vivenciar o grupo. Nessa organização há o reconhecimento da individualidade, distinguindo cada um em seu modo de expressão, contudo essa expressão é colocada a serviço do grupo.

A *chakana* é uma mandala e como um todo representa a união das quatro famílias e do centro vazio. Desta união surge o *ayllu*, a família, a casa e isso demonstra o sentimento de existir uma alma grupal ou coletiva.

Descobrimos que no centro da experiência da individualidade está a percepção de que todos os indivíduos compartilham da mesma experiência, a experiência de viver num mundo próprio, fechado, e de que essa percepção nos vincula de forma significativa às demais unidades de vida. O resultado disso é que realmente experimentamos a nós mesmos como partes de um contínuo. [...] A luz se compõe de partículas ou de ondas; ou seja, é composta de unidades individuais ou é um contínuo? Os dados de que atualmente dispomos requerem que ela seja considerada, paradoxalmente, como composta tanto de partículas como de ondas. E é isso que ocorre com a psique; somos tanto, unidades indivisíveis únicas de ser, como partes de um contínuo que constitui a onda universal da vida. (EDINGER, 1989, p. 241)

Para o movimento, o símbolo da *chakana* leva a conexão com o espiritual, com o sentido de pertencer a algo maior que o ego individualista.

A experiência com a *chakana* deflagra o processo de individuação como processo descolonial, é a libertação do eu dos seus próprios processos internos de opressão. A

libertação, para Freire (1985), ocorre em comunhão. Afirma o autor que ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão.

O processo de conhecimento do mundo é uma relação entre a parte e o todo, a individualidade do ego que se conecta com o todo - com o que está em cima - o Si-mesmo como o ser em totalidade. O processo de individuação e mesmo de decolonização parte da educação que reconhece a inconclusão do ser e da permanência desse processo (FREIRE, 1985), dentro de um esforço vitalício em busca de sentido e, por isso, é chamado por muitas pessoas de busca espiritual.

A *chakana* estabelece ligação com outra imagem arquetípica feminina de Deus presente no símbolo de *Pachamama*. Segundo o movimento, para se chegar ao centro vazio, que é o ponto central da *chakana* ou o Si-mesmo, deve-se enfrentar os desafios apresentados pela sombra inconsciente. Essas sombras surgem não só das subjetividades individuais, mas também das sombras culturais as quais surgem dos processos históricos culturais. Para o movimento *Nación Pachamama*, conforme palestra de Flores na comunidade campesina de Morungava (diário de campo, 2015, p. 51), o feminino nos últimos cinco mil anos (representado por *Pachamama*) tem sido dominado por políticas masculinas que se identificam pela figura do guerreiro armado e dominador. Contudo, entende que para cuidarmos do planeta durante essa era de crise, o masculino deve assumir a conduta do campesino, que representa a figura do masculino em contato com *Pachamama*, subordinado aos seus ciclos e a sua nutrição, cabendo a ele agir em reciprocidade para retirar os seus nutrientes e subsídios a partir do seu ritmo, dos seus ciclos na sua sincronia. O posicionamento do campesino não é somente o de ficar à espera do recebimento de nutrientes como um filho que aguarda, mas o de cooperação conjunta, trabalhando em plena reciprocidade com *Pachamama* através da compreensão dos seus ciclos. E desse modo passamos a próxima lição do movimento: *Pachamama*.

#### **5.4 A lição de *Pachamama***

Quem é *Pachamama*? Adorada pela cultura aymara e com a expansão do império inca, *Tahuantisuyo*, *Pachamama* foi acolhida pelos quéchuas nos rituais dos filhos do sol. Segundo a cosmovisão andina, *Pachamama* é o símbolo da mãe divina que representa o mundo tangível e o espiritual. Mamani (2010) expressa a necessidade de recuperarmos essa fonte de identidade cultural com *Pachamama*, a qual emerge da profunda relação com o lugar onde habitamos, América Latina. Esse símbolo feminino, segundo Lucidor Flores (diária de campo,

2015), encontra-se em diversas culturas e religiões com variados nomes. Na Grécia, ela era considerada a Mãe de Todos como *Gea* ou *Gaia*. No Oriente, teve inúmeras expressões como *Tara*, *Kwan Yin*, *Mahamati*, *Aditi*, *Durga*, *Devi*, *Maya*, *Kali*, *Parvati* e outras. Na África era *Mag*, no Havaí chamava-se *Haumea*, na Austrália era a Mãe serpente. Para os Cristãos, se expressava como Nossa Senhora e para os povos primogênitos era a Virgem Negra, pois unia a devoção à Virgem unida à Mãe Terra. *Ñuke Mapu* para os *Mapuches*, *Ixchel* para os Maias, *Coatlícue* para os Astecas, *Nuna* para os esquimós e *Mika Ina* para os Sioux. Também é conhecida como *Yemanjá* na religião afro *Yorubá*.

Las naciones aymara y quechua conciben que todo viene de dos fuentes: Pachakama o Pachatata (padre cosmos, energía o fuerza cósmica) y *Pachamama* (Madre Tierra, energía o fuerza telúrica), que generan toda forma de existencia. Si no reconstituimos lo sagrado en equilibrio (Chacha Warmi, Hombre Mujer), lo espiritual en nuestra cotidianidad, definitivamente no habremos cambiado mucho, no tendremos la posibilidad de concretar ningún cambio real en la vida práctica. (MAMANI, 2010 p.19).

Em seu nome, *Pachamama* comporta muitos significados. *Pacha* para os linguistas representa tempo e espaço, contudo para os andinos ela deflagra a compreensão do universo voltado à preservação da vida (MAMANI, 2010).

Segundo Mamani (2010), *PA* vem de *paya*, e quer dizer dois, novo, novamente, outra vez, mais, e *CHA* vem de *chama*, força. Duas forças cósmico-telúricas que interagem para expressar a vida. *MAMA* significa mãe. *Pacha* é tudo o que existe no universo, o material e o imaterial, o terreno e o celestial, o profano e o sagrado. *Pacha* é o cosmos inter-relacionado e *Pachamama* é a fonte principal de vida, representa o princípio que se mantém em correlação com o cosmos, sendo o planeta Terra o emanador da força telúrica do princípio feminino vital que se une ao cósmico. Os *apus*<sup>65</sup> ou a *chakana* são os mediadores sagrados entre esses dois polos energéticos no mundo andino.

A *chakana* e os *apus* estabelecem uma ponte entre o mundo que está em cima e o mundo que está embaixo. *Pachamama* vive nesses e entre esses mundos, e se estabelecermos a sua metáfora com a psique, podemos compreender a ligação do ego com o infinito para Jung (2011). Significa uma ampliação na consciência, quando o ego aproxima-se de dimensões mais profundas da psique. Para o autor isso tem um significado cósmico quando o criador conhece a criação e o ser humano a si mesmo (JUNG, 2011; DORST, 2015). O Si-mesmo é um conceito que abrange dimensões espirituais e transcende as possibilidades racionais meramente descritivas. *Pachamama* como Si-mesmo torna-se o centro regulador da totalidade

<sup>65</sup> Nome espiritual dado pelos povos andinos para as cordilheiras andinas.

da psique. Esse símbolo feminino não instaura uma autoridade religiosa, mas trata de fazer o ser humano manifestar o máximo da sua genialidade encontrada no potencial criativo da psique, um encontro com a nossa natureza original.

É no confronto do ego com o Si-mesmo que ocorre o amadurecimento psíquico humano, o qual organizado pode levar ao encontro do estado numinoso que é uma experiência do sujeito, independente da sua vontade. No movimento, Nuit Sandoval, uma das entrevistadas, diz perceber o estado de graça (numinoso) após ter conhecido o símbolo de *Pachamama*, o conhecimento abstrato de *Pachamama* tornou-se uma devoção que chegou para ficar, segundo ela.

No movimento *Nación Pachamama*, o tempo chamado *pachakuti*, é o tempo de *Pachamama*, quando as dimensões sociais, política, educacional devem olhar para o planeta como um ser e não mais como um objeto. Para o movimento, *Pachamama*, é a grande tecedora que compõe a vida. Mamani (2015, diário de campo, p.3) aborda que *Pachamama* se comunica constantemente, mas não a compreendemos devido a nossa desconexão com a terra. Sobre o nosso modo de relação, diz que precisamos voltar a sentir *Pachamama* e através de uma linguagem não racional. Aos camponeses essa linguagem é mais perceptível, pois assumem a sua qualidade de agricultor e não produtor. Através da agricultura essa correlação com *Pachamama* se estabelece através dos seus ciclos de plantio, momentos de fertilidade da terra, a chegada da chuva e a influência da lua. Contudo, à medida que a modernidade se expande a partir da ciência, da tecnologia, da indústria, do progresso, da coisificação da natureza e da manutenção do sistema de consumo, o ser humano volta as suas costas para *Pachamama*, perdendo essa sutil comunicação.

Os membros do movimento *Nación Pachamama* relatam que de todas as viagens iniciáticas, a do Peru trouxe esse símbolo marcante e transformador de reconhecer *Pachamama* como uma mãe, sentindo e respeitando o seu corpo como filhos que somos. Essas compreensões vividas durante a viagem modificaram o jeito de se relacionar das entrevistadas Nuit Sandoval e Caridad Mendizabal.

Aradia Iriarte, outra entrevistada, reflete sobre as transformações que repercutiram em diferentes dimensões do seu cotidiano, como na sua forma de se vestir, a qual se tornou mais leve, simples e coloridas. As relações como mãe, como professora, também surgiram em sua fala. Diz ter se tornado mais compreensiva e terna, contudo mantendo-se firme dentro de suas convicções educativas. Todos os seis entrevistados ressaltaram o ensinamento da integração com *Pachamama*, o qual proporcionou o desenvolvimento da percepção de sermos partes integradas ao todo, isso marcou a mudança de olhar que de individual passou para o coletivo.

Caridad Mendizabal relata as mudanças a partir dos ensinamentos andinos:

A sensação que tive, foi de estar acordando de um sono profundo. Não sabia como tinha vivido nos anos que antecederam minha entrada neste movimento. Sei que representou um marco, como se uma luz tivesse acendido e passei a ver uma realidade antes escondida de mim. Vi que faço parte de um todo que é a vida e que cada agir meu, inconsequente, compromete o todo. Vi a necessidade de pessoas equilibradas, que espalhem, através das suas ações, o que é importante a um ser humano, estar juntos a serviço da preservação do nosso planeta. (MENDIZABAL, diário de campo, 2015, p.21)

Para Munay Flores *Pachamama* lhe ensina,

a ir lento, a não acompanhar os tempos artificiais que criamos e as pressas que a mente te impõe, mas me ensinam que há tempo de semear, há tempo de florir, há tempo de frio, que há um tempo para cada coisa e se nos apressamos na ignorância de dar conta a responder no tempo da mente, perdemos a maravilha que se percebe nas nuances, nos detalhes da obra, a vida, existência, *Pachamama*, esse tempo e espaço que vivemos é ritmo. (FLORES, diário de campo 2015, p. 35).

A vivência no território Peruano, para Arádia Iriarte, a levou a sentir-se parte da vida, bem como parte da vida do outro, como dissera: parte da amada vida, a qual

*Pachamama*, como Mãe, Taita Inty, como pai, se unem em Munay – amor – e nos fazem crescer como seres humanos mais despertos em perceber nossa pequenez; uma pequena vida em um pequeno planeta que está ligado ao Sol nesta grande galáxia que é o universo. (ARÁDIA, diário de campo 2015, p.31).

Nesse relato percebemos a matriz da vida exercendo a função transcendente que surge a partir do contato dos entrevistados com o símbolo de *Pachamama*. Este trouxe um sentido de viver para eles, o qual provocou a transcendência<sup>66</sup> do seu ego individual. Para a psicologia junguiana, transcendência é uma função criativa da psique capaz de estabelecer uma ponte de compreensão entre o individual e o coletivo. Essa ponte é chamada no mundo andino de *chakana*, uma mandala organizadora do inconsciente caótico. O mundo físico dos sentidos físicos e psíquicos age em totalidade indivisível quando o ponto de referência *Pachamama* tornou-se um aspecto transformador para a entrevistada.

---

<sup>66</sup> Segundo Dorst (2015) etimologicamente a palavra transcendência está ligada às expressões latinas *trans* = por cima, além de, e *scandere* = acender, galgar, escalar.

O aspecto devocional do símbolo de *Pachamama* me levou a pensar sobre o aspecto feminino de Deus, quando observei a visão biocêntrica<sup>67</sup> como referência para o movimento. Para Cavalcanti (2015),

o conhecimento e a própria sociedade se apoiam em paradigmas (incluindo seus valores) que não só procuram explicar a realidade, como também buscam organizar (cognitiva e afetivamente) nossa percepção em relação a ela. Na aparência, paradigma e realidade se confundem, se fundem impedindo o observador de ver a realidade e mesmo de vivê-la de outros modos não configurados, não hegemônicos. O desafio para qualquer um de nós é o de distinguir a realidade do conceito, ultrapassar a inércia conceptual e existencial para vislumbrar os arranjos fenomênicos e vivenciais (epistemologia e ontologia), assim fazendo avançar a Ciência, a Sociedade e a nossa própria vida particular e cotidiana. Significa o desafio negar a fusão do conceito com a realidade e também enfatizar a interação criativa entre o método, o empírico e o teórico, entre o sujeito, o cotidiano e o conceito. (CAVALCANTI, 2015, p. 27).

Segundo Coimbra (apud LOBO, 2004), a percepção é o primeiro passo no processo de aprendizagem e dela dependem aspectos teóricos e aplicações práticas. Se a percepção é falha, os juízos e raciocínios chegarão a conclusões falhas e equivocadas, ou seja, enquanto ainda nos mantemos dentro de uma percepção cartesiana da vida, não nos percebemos como parte da matriz da vida e enxergamos *Pachamama* como meio ambiente, como recurso o qual os seres humanos podem aviltar sem piedade e sem preocupação com o ecossistema a ele ligado. A educação desenvolvida no movimento *Nación Pachamama*, ao elevar o símbolo de *Pachamama*, busca o feminino pertencente à alma para um profundo despertar interior quando podemos nos reconhecer como parte da vida, desenvolvendo nosso protagonismo e corresponsabilidade com todo esse sistema.

A dimensão feminina da matriz da vida surge como um contato com o potencial criativo do humano, capaz de transcender a unilateralidade da consciência e da inconsciência e trazer a ideia de passagem de uma mentalidade à outra. No presente estudo, junto ao campo de pesquisa, refere-se à capacidade de transpor a fronteira do ego para um eu maior estabelecido pela vivência de conexões mais profundas com a vida denominada *Pachamama* em sua visão celeste, quando o infinito se torna a referência. Esse era o objetivo de Jung, aproximar a psique humana do numinoso que demanda a individuação, quando o contato com o símbolo de *Pachamama*, como alma, é uma forma de descobrir quem se é a partir da valoração de si que surge a partir da conexão com fatores transcendentais. E nesse sentido, os

---

<sup>67</sup> No movimento existe uma discussão ainda não esclarecida e que gira entorno dos termos biocêntrico e ecocêntrico. Alguns entendem que o movimento possui uma posição ecocêntrica devido a sua visão de ecologia profunda, expressão de Arne Naess, filósofo norueguês, quando a vida tem um significado mais profundo quando vê o homem apenas como um fio na teia da vida, devendo posicionar-se conforme a tessitura desta. Como percebo o princípio biocêntrico como a própria tessitura, opto no trabalho pelo princípio biocêntrico.



relatos apresentados no movimento sobre essa corporeidade de *Pachamama* como deusa mãe, demonstram uma percepção e uma compreensão diferenciada do mundo, revelando o aprendizado com a dimensão feminina do ser.

No movimento, *Pachamama* é lembrada através das danças, da meditação, dos pagos, da reverência (não só à mulher, mas principalmente à gestante), dos rituais de cura no círculo de mulheres, dos rituais das *Shakit*, e da técnica da limpeza do *cosco*,<sup>68</sup> que leva o confronto psíquico sobre a base energética feminina e masculina da psique humana. Esse arquétipo feminino se expressa como força vital, como fonte da vida e vive unida ao corpo numa unidade indissolúvel, como uma alma *Pachamama*.

Não podemos esquecer que vivemos numa cultura patriarcal que valoriza o pensamento linear e desqualifica as qualidades femininas ou, então, usa-o no sentido da exploração sexual. A percepção desenvolvida no contexto ocidental do ter nos ensina a explorar, a tirar vantagem, porque o individualismo é ressaltado pela existência objetual da vida. O feminino em *Pachamama* chama a repensar esse formato a fim de verificarmos a relação matrística em nossa interconexão cósmica. *Pachamama* exerce sobre os andinos e sobre o movimento uma forte influência, sendo o tema mais aprofundado no tópico seguinte.

---

<sup>68</sup> *Cosco* em quéchua significa umbigo. Essa técnica faz menção a um ponto energético no corpo chamado de *cosco*, localizado abaixo do umbigo, como sendo um ponto de concentração da energia densa captada ou produzida pelo indivíduo. A partir de um exercício de enraizamento com *Pachamama*, nele são aplicadas massagem e visualizações para limpeza. Posteriormente, para a reenergização é realizado um exercício de visualização para captar a energias refinadas, sua indicação é diária.

## 6 A LINGUAGEM SIMBÓLICA DOS MITOS E DOS ARQUÉTIPOS

*Os mitos despertam no homem pensamentos que lhe são desconhecidos.*  
*Levy Strauss*

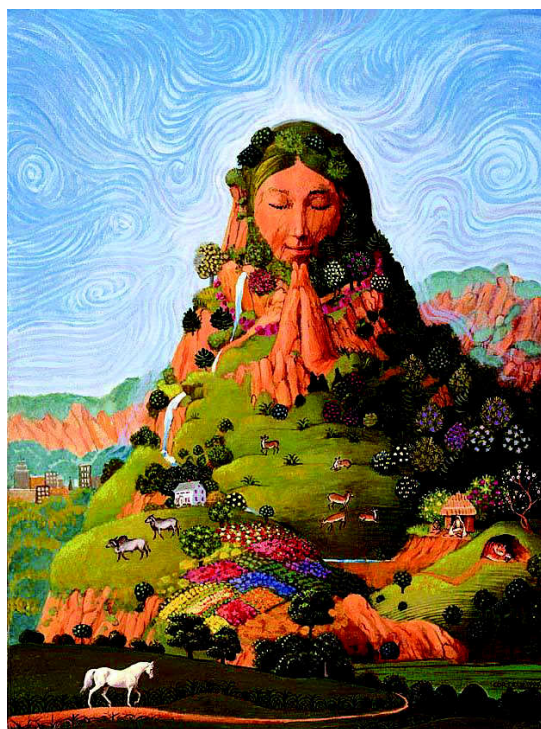
**Figura 10 - Pachamama**

Analisando os povos originários, podemos observar que sua sabedoria ancestral é passada oralmente através das histórias míticas, as quais buscam explicar fatos da realidade, como a origem do mundo, do homem e os fenômenos da natureza não compreendidos.

A estrutura dos mitos apresenta uma diferença em relação aos contos e as lendas. Além dos personagens serem deuses e entes sobrenaturais, dizem respeito a mudança da condição humana e, devido a sua sacralidade, os mitos não são narrados em qualquer momento.

Os mitos tiveram uma grande influência sobre os povos desde antes da filosofia científica.

Eliade (1986) explica que a palavra mito designa uma história verdadeira e sagrada para os povos. Para o autor, o mito fornece um modelo para o comportamento humano e, por isso, confere significado e valor à existência. Compreender a sua estrutura e função significa compreender a própria história, pois como confere Eliade (1986), o mito fala apenas do que realmente ocorreu, ou do que se manifestou plenamente.



O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. (ELIADE, 1986, p.11). A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria. (ELIADE, 1986, p.13)

Para a filosofia, o pensamento mítico antecedeu a filosofia-científica. Marcondes (1997) aborda que o povo explica, através dos mitos, os aspectos essenciais da realidade como a origem do mundo, o funcionamento da natureza e os processos naturais, as origens dos povos, bem como seus valores básicos. O mito caracteriza-se, sobretudo, pelo modo como

estas explicações são dadas, ou seja, pelo tipo de discurso que constitui. O próprio termo grego *mythos* significa um tipo bastante especial de discurso, o discurso fictício ou imaginário, sendo por vezes até mesmo sinônimo de “mentira”.

Joseph Campbell (1991) explica que o mito somente pode ser traçado por alguém que *empreendeu* a viagem; a mitologia é como uma *canção do universo* que todos dançamos mesmo quando somos incapazes de reconhecer a melodia. Compreender os mitos, para o autor, é procurarmos uma *experiência de estar vivo*, de modo que as experiências, puramente físicas, tenham ressonância no interior do ser. Para Eliade (1989), o comportamento mítico moderno pode ser reconhecido pela obsessão do sucesso o qual traduz o desejo obscuro de transcender os limites da condição humana.

Com a velocidade dos processos informativos, via internet, houve a diminuição do tempo de interação entre familiares, quando os valores deveriam ser repassados de geração a geração. A ideia de comportamento e modelo perpassada pelos antigos mitos nos leva a refletir sobre os atuais deuses criados pelo marketing e presentes nos mitos modernos. Imersa em mitos criados pela propaganda, a sociedade moderna não acredita em outra forma de viver diferente da apresentada pelo mercado. A psique enclausurada no sistema capitalista, o qual vende desejos criados pela indústria e pelo comércio, produz um consumo sem medida. Tipicamente campesina, a cultura andina revela a existência de outro modo de viver e de se relacionar com a vida, mas logo surge o questionamento: até que ponto estamos dispostos a essa entrega que significa entrar em contato direto com a *ira divina* (caos)? Conceito desenvolvido por Rodolf Kusch, significa compreender a vida dentro de sua própria ordem e desordem e aceitar a nossa impotência frente a ela.

Devido ao desenvolvimento tecnológico e científico, o ser humano, imagina ser onipotente, busca controlar a força da natureza, contudo enxerga sua pequenez diante dos grandes cataclismos.

Jung (1973) afirma que o mito é um dos requisitos mais importantes da vida, por apresentar produtos procedentes do inconsciente coletivo. Neste os arquétipos se apresentam a partir dos símbolos produzidos pela psique.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de

complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído de arquétipos. (JUNG, 2002, p.53)

Para Boechat (2004; 2014) o pensamento inconsciente é circular ou mitológico, e formaliza toda a conceituação junguiana dos arquétipos e do processo de individuação. Todo arquétipo é dual, apresenta a energia no sentido de valor ou de desvalor (BARRETO, 2009). Jung (1990) ressalta que [...] “O valor é uma possibilidade pela qual a energia pode se desenvolver, a contrário senso, o desvalor perturba o humano ao se manifestar”. O mito de *Pachamama* representa o arquétipo feminino (*anima*), uma ideia preexistente e supraordenada aos fenômenos em geral para os andinos. Sua simbologia apresenta um alto valor que se relaciona a própria existência. Abrange duas manifestações principais: como a mãe, o arquétipo encontra-se relacionado com a terra, a fertilidade, com o ser companheira, gerar vida. Esse aspecto se relaciona com o homem. Outra manifestação se correlaciona com a senhora. Deusa-Mãe, como se refere Jung (2013), sua existência feminina, apresenta fragilidades, vicissitudes, poder de nutrição e destruição e de constante autotransformação. Este aspecto arquetípico não se relaciona com o homem. Nenhum caos é capaz de destronar a capacidade de autogeração de *Pachamama*, que neste adjetivo apresenta sua força. *Pachamama* é o universo vivo, um conceito complexo que se traduz em: universo, tempo-espaco e criação.

No mito de *Pachamama* que veremos a seguir, podemos observar essas duas versões dessa energia arquetípica, a qual eu relaciono como uma dimensão terrena e outra celeste.

## 6.1 O mito de Pachamama

No céu surgiu uma rivalidade entre dois irmãos, Pachacamac e *Wakon*, pelo amor de uma encantadora jovem chamada *Pachamama*, Deusa Mãe Terra. Ela elegeu por esposo Pachacamac o Deus Criador do mundo, provocando a ira do outro irmão, *Wakon*, Deus do Fogo, Deus do mal. *Pachacamac* expulsou *Wakon* do reino celestial, o qual, furioso com o veredito, ocasionou inundações, secas, fome e morte sobre a Terra. Compadecido com tudo o que acontecia sobre o planeta, *Pachacamac* tornou-se mortal e desceu do céu para exterminar *Wakon*, condenando-o a viver no submundo da Terra.

*Pachamama* e *Pachacamac* reinaram na Terra e, durante a primavera, nasceram os gêmeos Wilkas, um menino e uma menina. A felicidade encerrou com a morte de *Pachacamac*, que ao subir na serra de Canta em Lima, escorregou e caiu no mar. *Pachamama*, então, vagou sobre a terra com seus filhos e se esconderam de monstros.

Subindo as serras de Canta em Lima, Peru, *Pachamama* e seus filhos viram uma chispa de fogo surgir de uma cova profunda, mas não imaginavam que era a cova de *Wakon*. Seguiram em sua direção e ao entrarem foram surpreendidos pela presença de *Wakon* que ao vê-los, entregou aos gêmeos uma vasilha rachada para buscar água. Com a saída das crianças, *Wakon* tentou seduzir *Pachamama*, mas esta não aceitou. Ele ficou furioso e a matou a golpes. Durante o rito antropofágico, o espírito dela se elevou e se converteu na cordilheira andina.

Ao voltar, as crianças não encontraram a mãe e choraram. *Wakon* disse que os cuidaria até sua mãe voltar, mas pensava em engordá-los bem para mais tarde devorá-los, todavia chegou o *Haychao*, ave andina que revela a saída do sol, e avisou que sua mãe fora assassinada e devorada pelo tio. Os gêmeos fugiram de *Wakon* e os animais interferiram no caminho na tentativa de atrapalhar o perseguidor. Uma raposa os escondeu em seu ninho. *Wakon* perguntou à serpente, ao puma e ao condor, mas nenhum lhe deu uma pista dos gêmeos, então pergunta a raposa. Esta conta que eles foram até o monte mais alto. *Wakon* saiu atrás dos gêmeos e subiu o monte, escorregou, caiu e morreu devido a uma pedra solta pelos animais. Os gêmeos se salvam, mas ficaram órfãos. A raposa os protegeu para que não morressem de fome, dando até o seu sangue. Eles achavam que sua sorte não mudaria, mas tudo na terra muda.

Um dia, os Wilkas foram brincar e colher batatas, mas quebraram o seu brinquedo e choraram muito, caindo no sono. Pachacamac se compadeceu com o sofrimento de seus filhos e resolveu levá-los consigo. Então, ao acordarem, a menina contou ao irmão que havia tido um sonho e ficam a interpretar. Quando perceberam, desceram do céu duas cordas douradas, pelas quais eles imediatamente subiram e ao chegarem ao céu, encontraram o seu amoroso pai Pachacamac, o qual lhes premiou com um lugar especial: transformou-os em sol e lua. Desde esse dia, os dias de escuridão sobre a terra acabaram, porque nasceu o dia e a noite.

## **6.2 Algumas observações sobre o mito de *Pachamama***

O mito nos leva a diferentes interpretações devido a mágica presente dos diferentes sentidos enviados pelo inconsciente. Cada leitura traz um novo significado, abrindo as caixas do pensamento linear. Esses momentos me levaram a perceber a necessidade de largar os conceitos de modo a compreender essa linguagem para, posteriormente, trazê-los de volta.

O mito de *Pachamama* me levou a perceber a relação do mundo andino com o símbolo da *chakana* e a correlação com a expressão “como é em cima deve ser embaixo”. Isto me fez sentir e refletir sobre os seguintes aspectos: quando nos relacionamos com o mundo na

consciência do ego, estamos levando em consideração uma dimensão estreita de consciência; em contrapartida, a consciência do ego em companhia da alma encontra-se em expansão, mas ao se aproximar do Si-mesmo, sua expansão é maior devido a coordenação dos conteúdos inconscientes e dos arquétipos que passam a ser coordenados por uma visão de totalidade e, não mais, por uma visão estreita puramente racional. Nessa correlação conseguimos compreender a ideia junguiana sobre espiritualidade e educação da personalidade no encontro e guia da alma. O crescimento humano ocorre a partir do desenvolvimento da personalidade, que passa da consciência do ego para a do Si-mesmo.

O mito fala sobre as dimensões do amor dentro de variadas dimensões. Uma apresenta a visão que denominei de celeste e a outra de terrena.

*Pachacamac*, *Pachamama* na visão celeste são figuras representantes de um estado arquetípico que se correlacionam em síntese. *Pachamama e Wakon*, na visão arquetípica terrena onde o ego encontra-se envolvido, não há síntese. *Wakon*, como representante do ego, busca dominar a energia da síntese que ocorre entre os outros personagens.

*Pachamama e Pachacamac* representam uma síntese harmônica psíquica entre aspectos energéticos masculino e feminino, uma dimensão de amor refinado denominado pelos quéchua de *Munay*. É a representação do amor ligado ao pulso do coração em estado de liberdade, parecida com a expressão que usamos *de coração para coração*, ao expressar o estado de desprendimento. Para o trabalho pesquisado, vejo como a dimensão matrística, a qual existe cooperação entre o masculino e o feminino. É a relação onde não há hierarquia ou antagonismo.

A dupla *Pachamama e Wakon*, representariam o amor humano na dimensão da posse, expresso pelo patriarcalismo onde há a presença de um *animus* sombrio. As duas figuras masculinas - *Pachacamac* e *Wakon* - também podem nos levar a refletir sobre o arquétipo masculino. Conforme a minha interpretação do mito, essas figuras masculinas expressam as versões, do campesino e do guerreiro. Estas refletem a ação característica da energia masculina de agir no mundo. A ação guerreira, destruidora, presente em *Wakon* está pronta para o domínio e a defesa, portanto, encontra-se próxima da visão egóica da consciência que apenas racionaliza para saciar o seu desejo. Na versão campesina, a característica do masculino se apresenta como força compassiva. Nesta, existe uma dimensão de ação conjunta com a terra, pois sabe que precisa agir em comunhão com *Pachamama* para o desenvolvimento dos frutos plantados. No campesino a dimensão masculina, encontra-se mais conectada com o arquétipo da totalidade quando o amor liberta-se da posse, pois compreende que a união em harmonia frutifica. Ele não precisa da posse. Cuida para viver em harmonia.

Entretanto, esse cuidar não significa controle. A visão campesina traz em si uma expressão de amor refinado próprio da cultura matrística, voltado ao cuidado para o bem viver.

A sincronia entre as figuras de *Pachamama* e *Pachacamac* trazem os gêmeos como fruto e por eles conhecemos os pares complementares: o dia e a noite, representantes do estado psíquico consciente ligado ao sol, a luz, a razão e o inconsciente, a sombra do desconhecido, o intuitivo da lua. Estes complementos se encontram em harmonia quando atuam juntos e em sintonia. Os gêmeos levaram-me a compreender a importância de estabelecermos uma relação a partir do *corazonar*, ou seja, funcionando em equilíbrio entre pensamento e intuição. O sentir para Arias (2007) é um sentir que não está apenas correlacionado com um estado sensorial de percepção. O sentido para o autor, conforme a minha interpretação, envolve também as funções sensoriais, emotivas e intuitivas as quais devem unir-se a consciência racional para tocar o território do Si-mesmo.

A luta na narrativa do mito entre as figuras masculinas revela o campesino com mais força do que o guerreiro. Fiz essa correlação a partir da capacidade de inclusão do diferente, presente na relação de *Pachamama* e *Pachacamac* e presente no contexto externo da vida diária do campesino, o qual atua em comunhão com *Pachamama*. Enquanto *Wakon* usa como arma o desejo do ego, parte menor da psique, busca apenas possuir *Pachamama*. A síntese das forças cósmica e telúrica, metaforicamente representantes do consciente e do inconsciente<sup>69</sup> são obtidas a partir do refinamento do amor, este compreendido como força e resistência. Nas comunidades andinas isso se revela na prática do princípio da complementariedade, resultando no reconhecimento da alteridade.

A morte de *Pachamama* representa a transfiguração da personalidade frente ao processo de metanóia da alma, que ao enfrentar os tormentos e seduções presentes nos conteúdos, nas imagens e nos arquétipos inconscientes e nos padrões conscientes, passa por uma etapa evolutiva, perdendo seus limites expressos simbolicamente pelo corpo físico conforme explica Jung,

na medida em que o corpo é o limite dos símbolos individuais da personalidade consciente, sua decomposição pode ser então compreendida como uma dissolução do indivíduo consciente no “inconsciente”. Tal fenômeno é vivido positivamente como uma libertação fora do “sepulcro” dos limites conscientes, como o instante da união com a totalidade interior, onde os contrários não existem mais. Na concepção cristã, esta união só se produz após a morte, na ressurreição do corpo glorificado. (JUNG, 1985, p. 405).

---

<sup>69</sup> As energias psíquicas conscientes e inconsciente metaforicamente correspondem as energias cósmica e telúrica.

O mito também pode nos levar a reflexão do feminino aprisionado pelo poder patriarcal, quando na versão do arquétipo da grande mãe, vive o aspecto do aprisionamento da sua autonomia como mulher, capaz de realizar suas escolhas. A relação de *Wakon*, o reflexo do patriarcalismo, as diferentes figuras masculinas e o feminino me levaram a buscar o assunto sobre o matrístico e o patriarcalismo para melhor compreender essa visão de mundo e de homem produzidas por essas culturas, tema abordado a seguir.



## 7 COMPLEXO AFETIVO E CULTURAL: O FEMININO COMO REFÉM DO PATRIARCADO

Jung iniciou os estudos sobre os complexos afetivos por meio do seu teste de associação de palavras, em 1902, no hospital público de Zurique. Esses estudos foram publicados em 1910. Freud, mais tarde, apropriou-se desse termo e desenvolveu sua teoria sobre o complexo de Édipo.



Figura 11 - Representação de Mamacocha

Os complexos são fenômenos psíquicos que possuem valor ou energia própria. Um núcleo inconsciente ainda não tão carregado de energia para tornar-se consciente, mas capazes de bloquear o fluxo da libido na psique, levando o indivíduo a passar por algumas situações como gafes, esquecimentos e descuidos. Os complexos se constituem de forma automática a partir da aglutinação de processos psíquicos, imagens e ideias com forte tonalidade emocional e são provocados por situações exteriores. Toda a constelação (aglutinação e exteriorização) de um complexo implica um estado perturbado da consciência que dificulta a intenção da vontade (JUNG, 2012). Esses complexos individuais são chamados de complexos afetivos de tonalidade emocional. Os complexos ainda apresentam outras características como a inflação e o enfraquecimento do eu. Quando o complexo é tomado por outro complexo como, por exemplo, o materno ou o paterno, ele assume a voz do pai ou da mãe impondo os desejos desses, como se fosse uma voz interna. O objetivo de uma educação para a personalidade é dar conhecimento ao ego da existência do inconsciente, incluindo a existência dos complexos e das sombras, além disso, o modo como se constituem, proporcionando espaço ao reconhecimento do ego. Desse modo, é possível se autoconhecer.

Ser um adulto amadurecido significa reconhecer as diferentes partes da psique como tais e saber relacioná-las entre si de maneira justa. Para chegar a um concurso harmonioso dessas partes da psique, é indispensável primeiro saber distingui-las e delimitá-las entre si. Isso permite que as influências e irrupções do inconsciente possam ser distinguidas do que o consciente já esclareceu, quer dizer, que elas já não possam mais ser confundidas com isso. Portanto, saber discernir é a condição prévia não só de um eu pessoal e que não se repete dentro de sua delimitação, mas, no fundo, é também a condição prévia de qualquer cultura superior. (JACOBI, 1990, p. 26).

Os complexos afetivos evoluíram e deram origem aos estudos junguianos sobre os complexos culturais. Isso surgiu a partir de Joseph Henderson, o qual procurou definir o inconsciente cultural de uma nação a partir de seus símbolos, valores coletivos e representações. Das ideias de Jung sobre os complexos afetivos e do inconsciente cultural de Joseph Henderson, os analistas Thomas Singer e Samuel Kimbles definiram os complexos culturais como as experiências significativas ou traumáticas da história de um povo (BOECHAT, 2012).

Refletindo sobre a alma americana, os complexos culturais que lhe constituem encontram-se correlacionados com os abismos traumáticos causados pela conquista europeia (BARCELLOS, 2012). Nela os fatos narrados apresentam o enobrecimento do europeu ao invés da sua pequenez diante da crueldade exercida nesse fato. A história narra a conquista como um efeito grandioso. Além desse abismo traumático latino americano, encontramos outros como o nazismo alemão e a ditadura brasileira como cicatrizes profundas no nosso inconsciente. A energia desses fatos históricos sustenta complexos culturais que dialogam e se tornam uma voz na atitude do indivíduo, do grupo ou da nação. A atual situação política do Brasil marca o complexo de inferioridade do feminino e de outros tipos de inferioridade causados pela invasão portuguesa no Brasil e pela europeia no resto da América Latina.

Toda a situação de impedimento da Presidenta do Brasil em 2016, marca a situação do patriarcado. Não coloco essa situação para defender questões partidária, mas em razão dos aspectos ofensivos amplamente divulgados durante esse período e que remeteram à condição de ser mulher. A situação nos mostra duas posturas evidentes. Por um lado, o complexo de inferioridade sobre o feminino, que esbanja críticas e agressões na imagem da presidenta Dilma Vana Rousseff (mandato de 2015-2018). Por outro, podemos interpretar o mesmo complexo de inferioridade enobrecendo uma época extremamente negativa da história brasileira que foi a ditadura, marca do ápice do patriarcado no Brasil. O complexo de inferioridade toma a psique e, no primeiro caso, não abre espaço para a presidenta agir sem críticas<sup>70</sup>: Na nota de roda pé, podemos averiguar um exemplo da agressividade apresentada

---

<sup>70</sup> Os adjetivos de insatisfação dispensados à presidente se referem, –  *muitas vezes*  –, à sua condição feminina. Puta, rapariga, vagabunda... E não é só isso. Referências às suas características físicas –  **como os dentes**  – deixam claro que ter “defeitos” na aparência é muito mais difícil e significativo para uma mulher do que para um homem. As brincadeiras em relação ao seu corpo não têm fim. Um chefe de Estado covarde nunca teve sua sexualidade tão discutida quanto ela, por ter fama de durona.

Dilma sabe disso tudo. Em entrevista ao *The Washington Post*, nesta quinta-feira (25), ela afirmou acreditar na existência de um “viés de gênero” nas avaliações que sofre; dizendo ser definida como “uma mulher de personalidade forte que põe o nariz onde não é chamada e que é cercada por caras boa pinta”. Numa reflexão honesta, é difícil imaginar os mesmos comentários em relação a uma autoridade masculina, até porque, em termos de proporção, não há tantas mulheres assim ocupando cargos de poder próximos à presidência,

pela reportagem mencionada na época, revelando a atitude patriarcal como padrão de emocionar-se e a necessária insurgência da ternura (ARIAS, 2002), como motor transmutador dessa colonização expressa a partir do complexo cultural feminino. Explica Barcellos (2012) que um complexo cultural demonstra a sua atividade através de alguns comportamentos como o humor forte, sendo este a sua carta de apresentação no cenário político atual.

O trabalho não discute a questão de gênero, numa perspectiva clássica, mas busca perceber dentro do processo educativo do movimento *Nación Pachamama* a libertação dessa colonização do feminina na psique humana. Energia que quando negada, tanto no homem como na mulher, dificulta a expressão do afeto, típica da energia feminina. Arias (2012) defende que a decolonização através do *corazonar* recupera a sabedoria dos sentidos e das emoções, pois nossa condição humana nos faz portadores de afeto, de sensibilidades que foram extirpadas pelo racionalismo embrutecedor.

Hoy sabemos que existimos, no solo porque pensamos sino porque sentimos, porque tenemos capacidad de amar; por ello, hoy se trata de recuperar la sensibilidad, de abrir espacios para corazonar desde la insurgencia de la ternura, espacios que permitan poner el corazón como principio de lo humano, sin que eso signifique tener que renunciar a la razón, pues de lo que se trata es de dar afectividad a la inteligencia. Desde las sabidurías ancestrales siempre se supo que nuestra humanidad no reside sólo en la razón, sino que el ser humano, desde lo más ancestral del tiempo, tejió la vida desde el corazón, desde la afectividad, desde los cosmos de sentido que hacen posibles las emociones. (ARIAS, 2012, p.40).

Maturana (2004), sobre o patriarcado como cultura, reflete sobre o modo patriarcal de se emocionar o qual se apresenta de modo muito diferente do matrístico. Não diferenciá-los, significa permanecer insensível diante da vivência das emoções que são aprendidas desde a infância, conservando o patriarcado como um modo adequado de sentir e se emocionar. Segundo o autor, a maternidade é uma relação de cuidado e não tarefa atribuída a um sexo determinado. Nesse viés, percebemos a cultura andina como fator de aprendizado da ternura e do afeto no movimento *Nación Pachamama* devido à expressão de *Pachamama* como uma deusa mãe capaz de amar, cuidar e educar.

---

principalmente antes da era Dilma. Não é impossível, porém, que ela tente utilizar esse problema como um fator atenuante para sua reprovação massiva. Mas o sexismo ainda está lá – na verdade, está bem aqui. Não é nada pessoal. Não é especificamente contra a pessoa Dilma Vana Rousseff. Mas é a favor da ideia de que a mulher carrega a obrigação de ser bonita, delicada, frágil e muda – menos na cozinha ou na cama. Ideia que não se manifesta pelo nome original, cuja perniciosidade é tão discreta que penetra até a cabeça de outras mulheres. A sociedade ainda é machista. (LIRA<sup>70</sup>, 2015, n.p).

## 7.1 O matrístico no movimento *Nación Pachamama*

O movimento *Nación Pachamama*, por meio da visão biocêntrica<sup>71</sup>, coloca a vida no centro das ações e almeja o Bem Viver a partir da busca do cuidado do planeta, valor presente na energia feminina. Guerrero Arias (diário de campo, 2016) explica que a matriz colonial, como processo histórico, somente pode se impor quando o feminino foi extirpado e enfraquecido na psique humana. O campo de pesquisa, através da espiritualidade andina, busca reverter o processo a partir da decolonização do ser, a partir do fortalecimento da expressão do feminino. Caridad Mendizabal em sua entrevista cita algumas técnicas usadas neste resgate:

Através da meditação, de práticas energéticas, como *pranayamas*, *kriyas*, passo do puma e tantas outras, constatei em meu corpo físico, que é possível vivermos uma vida de melhor qualidade, se estivermos equilibrados. Fiquei livre de uma asma que me incomodava desde os quatro anos de idade e de dores de cabeça quase que diárias e aprendi que somos filhos da mãe natureza, ali está tudo que precisamos, toda a nossa cura. (MENDIZABAL, diário de campo, 2015, p. 21).

A importância de sermos femininos, receptivos, e não sermos possuidores de verdades se revela na fala de Munay Flores como o seu principal aprendizado junto ao movimento *Nación Pachamama*. Nesta o entrevistado revela o desenvolvimento da face campesina no arquétipo masculino, que neste trabalho trago como a capacidade de inclusão do outro e não como fator de guerra, como no caso da figura do guerreiro.

Aprendi a importância de não esquecer que NÃO SABEMOS nada ou quase nada. De perceber que a sabedoria está em não resistir ou mostrar-se um sabichão, mas experimentar falar do que não sabemos, e desde o espaço do não saber, iniciar qualquer movimento, fala e compreensão, assim nos mantemos como eternos aspirantes. Esse mistério está ligado à criativa postura de sempre estarmos renovado e não firmados em verdades eternas. O maior ensinamento que um maestro pode deixar é seu exemplo. Assim, em aprender a observar ele me faz acordar ao que ele mais quer compartilhar e isso me exercita no sagrado instrumento da auto-observação e auto superação, percebendo o potencial que está por ser explorado, na medida em que não negocio com a mediocridade de fazer o mínimo ou justificar-me nas circunstâncias que a vida traz. (FLORES, diário de campo, 2015, p. 35).

---

<sup>71</sup> Para a visão biocêntrica cuidar da educação é cuidar da germinação humana, é cuidar do amor. Não é um caminho fácil, é preciso sentir o coração da natureza e perceber a profunda e sutil realidade do desdobramento do mundo em diversidade, conexão, complexidade, autocriação e transcendência. A educação é isso: uma educação permanente, biocêntrica, um vínculo de diálogo e amor gerado e sustentado na vida. Educar assim é participar por inteiro. Quem educa é mestre e este, antes de tudo, é a Natureza em nós. (CAVALCANTI & GÓIS, 2015).

O feminino novamente se apresenta no movimento *Nación Pachamama* através de outra fala de Munay Flores. Nesta ele mostra o legado do movimento para a educação, a partir do estar-sendo de uma escola de valores viva e não apenas intelectualizada e técnica.

Trazemos como legado uma escola de valores, um experimento vivo de anos de convívio, de ensinamentos práticos de melhoramento da vida, que uma vez mais tem seu poder pela experiência e vivência comunitária. Colaboramos na medida em que mostramos caminhos para uma nova humanidade, quando não nos satisfazemos com o que está dado pelas propostas já estabelecidas e estamos sempre nos renovando com a vida, com *Pachamama*.

Colaboramos na medida em que criamos espaço para viver e discutir, e sobre tudo escutar as novas e emergentes experiências difundidas, principalmente, na latino América, donde está surgindo indícios de por onde podemos ir.

E se estamos atentos vemos que esse momento está apontando pra uma só direção: a volta ao original, aos povos originais, aos valores e a educação ancestral, desde ali bebemos, nos nutrimos e nos voltamos pra fora a compartilhar.

O movimento pode e está compartilhando uma experiência inacabada e viva; e colabora na medida em que convida à reflexão em todos os âmbitos dessa humanidade que vivemos. Traz uma visão universalista e espiritualista que orienta temas que, muitas vezes, são abordados somente pela ciência ou pelo racionalismo excessivo. Nos orientamos pelo exemplo que deu origem ao movimento, *Nación Q'ueiros*, uma comunidade viva, o último *ayllu* vivo dos Incas, a educação andina campesina, que vive totalmente integrado com *Pachamama*, talvez esse seja o modelo de educação integralista e harmônica que buscamos.

Será que realizaremos os sacrifícios necessários, se não, dizer indispensáveis, para compreendamos os povos originários, e seremos capazes de ser agentes dessa deseducação individual? Pois, as mudanças se dão por uma atitude individual ou de pequenos grupos decididos pela mudança. Que venha a mudança! (FLORES, diário de campo, 2015, p.35-36)

O filósofo Ordine (2016) revela que o capitalismo, na sua visão objetual da vida, nos determina como seres ou nações úteis ou inúteis, descaracterizando dimensões fundamentais como a arte, a poesia, a música, pois estas impedem de ganhar dinheiro. Assim, os pais que têm filhos com alma de artista fracionam essa alma por não render lucros. O autor enfatiza que não há problema com o lucro, o problema encontra-se no excessivo lucro. Reflito, diante da dimensão econômica e da produção do consumismo, como escola, o que podemos fazer para estabelecer um meio termo a respeito desse tema? A marginalização de uma alma artista revela a educação que promovemos devido a correspondência com o sistema econômico global. Revela a dissociação da psique, bem como, a ausência de um relacionamento integrado e intenso com *Pachamama* como cita Munay Flores. Para compreender a linguagem de *Pachamama* é preciso estabelecer uma relação intensa diz Mamani (diário de campo, 2015).

O feminino, como cultura da vida, sustenta e mantém a matriz da vida. Durante milênios tem sido mantido subordinado ao patriarcado que dominou e domina o ocidente. Este se constitui a partir da coordenação de ações e emoções que promovem as hierarquias, a

autoridade, o poder, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e dominação dos outros por meio da apropriação da verdade. Suas ações visam combater, competir, usar da força, enfrentar, controlar condutas e emoções ou lutar contra. Desacordos não são aceitos como situações legítimas das relações interpessoais. O patriarcado faz uso de justificativas racionais como se fossem fundadas em princípios e em verdades unilaterais. O modo de corrigir uma situação ocorre a partir da coerção. Nesse tipo de relação, existe a desconfiança da autonomia do outro (MATURANA, 2004). É importante ressaltar que suas ações também são educativas, contudo desenvolverem atitudes como a competição, a insensibilidade que facilitam à guerra e a submissão de povos e do feminino.

Neste trabalho, o masculino apresenta polaridades a partir das figuras do guerreiro e do campesino. O patriarcado promove a ação do guerreiro. Seu punho se caracteriza pela destruição, mesmo para exercer a defesa usa a força, proporciona a fragmentação e o esvaziamento da alma humana devido aos caminhos da opressão, da insignificância e da violência. Uma sociedade ou escola regulada pelo princípio patriarcal é violenta, agressiva e provoca a fragmentação da alma o que gera no meio social agressão, corrupção, *bulling* e o estado de morte em vida, pois nega a existência da alma, que dá sentido à vida.

O masculino expresso pelo campesino encontra-se em relação cooperativa com os ciclos vitais da terra, sabendo que deve agir em reciprocidade com a matriz da vida. Sua ação é de inclusão, pois não precisa dominar nada e nem ninguém, apenas compreende que é necessária a reciprocidade para bem viver. Esse masculino se fortifica pela inclusão.

## 7.2 O matrístico e o feminino na decolonização do ser

No movimento *Nación Pachamama* é realizado um trabalho de decolonização, a partir da ordem matrística de cooperação e da energia feminina representada pela intuição. Esta para Jung (2011) é uma função irracional pela qual a consciência se orienta. Como instinto de criação, a presença da intuição<sup>72</sup> estabelece um elo com a natureza, associando a terra com a fertilização e a gestação. A figura matrística de *Pachamama*, como matriz da vida, apresenta em seu contexto o amor, a espiritualidade e à sabedoria, os quais também se encontram

---

<sup>72</sup> Jung para entender os tipos psicológicos, introversão e extroversão, precisou valer-se do conceito das funções psíquicas. Verificou em seus estudos que estas poderiam variar tanto entre pessoas do tipo introvertidos como entre os extrovertidos. Quatro funções pelas quais a consciência se orienta para reconhecer o mundo foram identificadas: sensação, intuição, pensamento e sentimento. As duas primeiras são irracionais - as situações são aprendidas sem a mediação do julgamento e avaliação, aprende diretamente. Enquanto as funções sentimento, por apresentarem um caráter de julgamento e de reflexão para a tomada de decisão, são consideradas racionais. Para aprofundar mais esse tema, ler a obra tipos psicológicos de Jung.

associados aos ciclos da natureza. Jung (2013) se refere aos traços essenciais do arquétipo feminino como:

ao “maternal”: a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal. (JUNG, 2013, p. 88).

Essa mágica é a função espiritual da alma que promove o exercício do *corazonar*. Este é a forma mais elevada da consciência política (ARIAS, 2011). Os povos originários entendem que a espiritualidade não tem o mesmo sentido da religião, pois esta se encontra ligada às instituições e ao poder político, os quais, dependendo da forma de organização, podem refletir a sombra masculina da dominação da subjetividade pela prisão mental em dogmas. Para Arias,

si partimos de que la espiritualidad ofrece a los seres humanos y a las sociedades posibilidades para construir una visión totalizadora y cósmica de la existencia, sentidos distintos del vivir; y si como sabemos, la antropología, busca transitar por el mundo del sentido para tratar de comprender el sentido del mundo; entonces la espiritualidad es, sin lugar a dudas, una cuestión profundamente antropológica, a la que debemos mirar con más atención desde perspectivas no solo teóricas, sino sobre todo éticas y políticas, que es lo que pretendemos conversar en este texto. (ARIAS, 2011, p. 21).

Ao refletirmos sobre o modo como o movimento *Nación Pachamama* se constitui, podemos verificar os princípios andinos. Estes sustentam o contexto do Bem Viver em base matrística quando as lições educativas são instituídas através do *ayni*, da espiritualidade ligada à terra- *Pachamama* e da constituição das famílias na *chakana*, as quais veremos em ponto específico. O reflexo desse trabalho se apresenta a partir da construção de ações que se voltam para a sociedade como atitudes de cooperação e de inclusão. Atitude, para Jung (2012), é uma constelação especial de conteúdos psíquicos voltados para um fim ou para uma ideia-mestra. No contexto do movimento, essa ideia-mestra leva a construção de uma cosmovisão matrística a partir da consciência *Pachamama*. Contudo, para o desenvolvimento dessa consciência, no movimento *Nación Pachamama*, a prática ocorre no enfrentamento das sombras de modo a sintetizar os conteúdos conscientes e inconscientes. Deste modo, o feminino e o masculino, chamados pelo movimento de deusas e deuses, podem se equilibrar na psique individual.

Em Jung,

a pessoa é masculina e feminina, não é só homem ou só mulher. De tua alma não sabes dizer de que gênero ela é. Mas se prestares bem atenção, verás que o homem mais masculino tem alma feminina, e que a mulher mais feminina tem alma masculina. Quanto mais homem és, tanto mais afastado de ti o que a mulher realmente é, pois, o feminino em ti mesmo te é estranho e desprezível. (JUNG, 2010, p.263).

Construir uma consciência superior é o desígnio da consciência do ego. Para isso, a cosmovisão auxilia na construção da imagem do que queremos, ou seja, do mundo desejado em todas as dimensões humanas e cósmicas. As referências ao matrístico em Maturana (2004) refletem uma sociedade nos moldes comunitários andinos, nos quais alguns princípios como a reciprocidade e a complementaridade auxiliam a construir uma imagem de homem não individualista e não violenta, pelo contrário, constrói a imagem de um ser mais compassivo e respeitoso, como o estar-sendo dos camponeses. As antigas sociedades matrísticas mantinham um modo de viver que abria,

um espaço de coexistência, com aceitação tanto da legitimidade de todas as formas de vida quanto a possibilidade de acordo e consenso na geração de um projeto comum de convivência. O modo de vida patriarcal restringe intrinsecamente a coexistência mediante as noções de hierarquia, dominação, verdade e obediência, que exigem a autonegação e a negação do outro. *A maneira matrística de viver nos descortina a possibilidade da compreensão da vida e da natureza porque nos leva ao pensamento sistêmico, permitindo-nos ver e viver a interação e a co-participação de todo vivente no viver de tudo o que é vivo.* A forma patriarcal de vida restringe nossa compreensão da vida e da natureza, ao levar-nos à busca de uma manipulação unidirecional de tudo, pelo desejo de controlar o viver. (MATURANA, 2004, n.p).

Segundo Arias (diário de campo, 2016), estamos passando por um momento em que precisamos voltar a sentir. Nesse vetor, precisamos reconstituir a parte psíquica responsável pela produção de imagens e símbolos. O autor (2004) explica que os símbolos são os construtores do sentido da existência, da sociedade, quando seus laços são construídos com uma razão de ser, um sentido sobre sua existência, movendo a possibilidade de pensar a utopia de uma sociedade diferente.

La conducta humana tiene que ser vista como acción simbólica, es decir, que está cargada de significados. Los símbolos no son simples construcciones metafóricas sobre la realidad, sino que son referentes de sentido de la acción social y política. [...]La cultura como construcción simbólica del mundo social, a la vez es el mundo del sentido; en consecuencia tiene que ser vista no solo como atributo natural, casual, acontecimiento, modo de conducta, instituciones o procesos sociales. La cultura es un contexto dentro del cual todos esos procesos encuentran significados; es un conjunto de interacciones simbólicas que hacen posible al mismo tiempo interacciones sociales que orientan el sentido de la vida, pero que están marcadas por el conflicto. En la cultura se expresan interrelaciones que están atravesadas por



relaciones de poder socialmente construidas. En consecuencia, la cultura también es un escenario de lucha de sentidos por el control de los significados, por el acceso a la hegemonía. (ARIAS, 2004 p. 42-43).

Para o movimento *Nación Pachamama*, a partir do resgate da energia feminina poderemos estabelecer uma revolução interior amorosa com as nossas sombras individuais e culturais. Contatando com a sabedoria feminina da intuição, do sentir e do afeto, percebemos que os fenômenos diários apresentados pela vida em nosso cotidiano, apesar da sua complexidade cosmológica, são mais simples que a complexidade imposta pela sociedade a partir de seus jogos progressistas, financeiros, industriais, tecnológicos e científicos. Segundo o movimento *Nación Pachamama*, esses jogos servem para roubar o tempo vivido, o qual dá o *sabor* da vida a partir do encontro com o outro. O tempo estabelecido pelo pensamento linear é diferente do tempo articulado pelo pensamento circular. Na linearidade encontramos tudo o que pode ser medido logicamente, é o tempo do relógio e do calendário. O tempo no pensamento circular é vivido e é no instante vivido que retiramos o sabor da vida, esse também é considerado como o tempo da alma (DYLTEN apud GONZALES, 2015; JUNG, 2012).

O relacionamento com *Pachamama* ocorre a partir da intensidade do instante (MAMANI, 2015). Não podemos nos relacionar ou nos comunicar com *Pachamama* se não vivemos nesse tempo cíclico. O tempo para os andinos é como a respiração ou o pulso do coração. Ele é visto como uma relação cósmica que utiliza duas categorias, as quais são o avançado e o atrasado. Não há passado ou futuro, se não o antes e o depois. Sua ordem é qualitativa ao fenômeno no qual se expressa. A temporalidade desse ciclo reflete a concepção grega de *kairós* (ARIAS, 2007). Não pretendo aprofundar a questão do tempo por não ser o foco específico do trabalho, contudo no movimento *Nación Pachamama* ele está diretamente relacionado ao ritmo da terra, ao ciclo de nascimento e morte. O tempo andino ocorre de modo circular e complementar. Para Munay Flores (diário de campo, 2015, p.40), resgatar o feminino é ingressar no fluxo ou ritmo natural de *Pachamama*. Significa sair do ritmo intenso criado pelo capitalismo, pela loucura do progresso intencionalmente desenvolvido pela matriz colonizadora com o intuito de nos desconectarmos da nossa relação de filhos com a mãe-terra, deixando de discernir o que quero e o que não quero.

Apesar do movimento *Nación Pachamama* desenvolver uma prática de reconexão com a terra e de observação dos conteúdos psíquicos como as sombras, esse processo somente se torna visível quando o indivíduo se dedica laboriosamente ao seu próprio desenvolvimento pessoal (EDINGER, 1989). A psique, para os povos originários, é a maior luta contra o

mundo, corresponde ao enfrentamento do fundo obscuro da alma, onde, segundo Kusch (1999) se encontram as soluções mágicas. Dessa forma vencendo o inconsciente, se vence o mundo. E nele também encontramos o complexo cultural feminino que aprisiona a alma humana.

A matriz colonial estabeleceu a dicotomia entre a energia feminina e a masculina, colonizando a afetividade e a ternura. ARIAS (diário de campo, 2016) diz que o humano é profundamente afetivo. O autor cita uma profecia dos *abuelos* andinos e revela que somente quando o condor e a águia voltarem a voar juntos no mesmo céu é que se dará o início de um novo tempo. O condor é o símbolo do coração da afetuosidade e a águia, é o raciocínio/intelecto. Somente na águia não há espaço para a afetuosidade. Para uma amauta andina, *abuela*, o problema das escolas está no diálogo entre professor e aluno, pois este diálogo ocorre apenas na cabeça e não chega no coração. Para ela, o sentido do ensino deve ser de atingir ou falar para o coração. Essa expressão é o chamado *corazonar* para Guerrero Arias (2013). Significa diluir a dicotomia criada pelo colonialismo epistêmico, unindo o pensar-sentir.

A forma como desenvolvemos a ciência não tem nos tornado mais felizes, diz Guerrero Arias (diário de campo, 2016), porque houve o roubo da magia e da intuição. Lucidor Flores busca trazer de volta essa magia e trabalhada com os grupos através da observação das formas das nuvens, das pedras, de conversarem com o espírito do rio, a buscarem os índios escondidos nas pedras ou, também, quando trabalha, no seu curso de literatura, com o realismo mágico através da leitura de autores latino-americanos como Gabo. Essa é a chamada linguagem simbólica. A mágica linguagem que *Pachamama* (MAMANI, diário de campo, 2015) compreende, a qual nos foi roubada pelas epistemologias. Para recuperá-la é preciso lidar com a linguagem simbólica que se encontra no pensamento circular, no feminino presente no inconsciente, e isso requer enfrentar os monstros do patriarcalismo que lá habitam. O realismo mágico fala da alma latino-americana, aquela que é repleta de sabedorias marginalizadas pelo pensamento ocidental, aquela alma que sabe que o humano é um ser incompleto que se constrói na medida em que está-sendo (KUSCH, 1978).

A América Latina, durante a conquista, perdeu sua alma pela imposição do saber europeu. A alma americana perdeu seu fator anímico de produção de imagens para uma concepção materialista - de um Deus de fora. As imagens da alma perderam o seu valor e os símbolos morreram por perderem seu profundo significado, aquele que se encontra oculto. Apesar do conceito de alma ser utilizado de diferentes formas nas obras de Jung, neste trabalho enfoco o sentido de arquétipo da alma.

Para Jung (2013), a natureza da alma não se revela na esfera pessoal, na dos instintos ou na esfera social, mas nos fenômenos do mundo em geral. Para entender a alma é preciso compreender o mundo e para compreender a alma feminina latino-americana é preciso lembrar o abismo criado com a colonização do feminino que se perpetua até os dias atuais, quando os telejornais nos mostram os massacres produzidos contra a mulher em diversos países. No Brasil, segundo dados do DIESE<sup>73</sup>, 40% das mulheres sofrem violência doméstica. A alma feminina é violentada, subjugada e menosprezada pelas culturas patriarcal e cientificista que se fixa, esta última, no rigor metodológico. Ao me referir sobre a hierarquia da cultura patriarcal, devo lembrar-lhe que o matriarcal é tão hierárquico quanto aquele, apenas diferindo na questão de gênero. A alma feminina busca o matrístico, como já foi abordado no trabalho e tão bem-conceituado por Maturana (2013).

Ao estudar a alma humana, Jung (2011) aprofundou a questão nos símbolos culturais e os define como uma figura, um conceito ou um nome que pode ser conhecido em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos, indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido. Neles há a presença de aspectos inconscientes que não podem ser definidos com exatidão. Para o autor, a compreensão racional dos símbolos é incompetente para definir ou demonstrar algo que não é conhecido por essa dimensão compreensiva. O autor explica que o simbolismo é um dado psicológico distinto da religião. No movimento *Nación Pachamama* o uso dos símbolos é intenso. Verifiquei que essa prática simbólica a partir de técnicas e lições pode fortalecer o processo de decolonização do ser através do fortalecimento e a libertação do feminino.

No mito de *Pachamama* estabeleço uma relação entre as duas versões, celeste e terrestre, apresentadas por seu símbolo, as quais representam diferentes dimensões arquetípicas do feminino. A terrestre como arquétipo da *animma*, alma, e a celeste como o arquétipo da totalidade que em síntese é atemporal. No interior do movimento podemos ver a construção de uma cultura diferenciada pelo eixo cósmico de *Pachamama* e *Pachacamac*. Uma realidade espiritual-psíquica e vivencial expressa na conduta diária dos participantes, nos rituais e nos pagos.

No símbolo da *chakana* existe um universo de sentidos ligados aos princípios da reciprocidade e da complementaridade que definem o ser humano. Por meio deles as inter-relações são legitimadas no campo de ação e a subjetividade individual apresenta-se integrada

---

<sup>73</sup> Disponível em: <<http://www.wageindicator.org/documents/publicationslist/publications-2011/anuario-Mulheres-Brasileiras-2011.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2015 ou <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>. Acesso em: 12 dez. 2015.

à realidade vivida. Nesse momento o símbolo mobiliza parte inconsciente do psíquico, alcançando o consciente e proporciona uma reflexão profunda que nem sempre pode ser compreendida racionalmente, se não intuitivamente.

Nuestra constitución como humanidad no sólo es racional, sino fundamentalmente afectiva, puesto que somos no sólo seres inteligentes, sino sobre todo seres sintientes, emotividades actuantes o, como dice la sabiduría chamánica, somos estrellas con corazón y con conciencia. (ARIAS, 2012, p. 30).

O modo matrístico de estar-sendo em comunidade deflagra o humano que se deixou ser afetado pela vida, e por se sentir incluído nesta mandala (KUSCH, 1999), busca aprender a *corazonar*. O sentido de ser humano encontra-se na afetividade, na intuição na ternura e no pensar. *Corazonar* significa um entrelaçamento do pensamento com o afetivo. Sentir envolve a nossa condição humana e está além da função orgânica sensorial (ARIAS, 2007; 2012). *Corazonar* pede um aprofundamento psíquico, pede que comecemos a viver com alma, e a cada um chegará seu tempo de abrir o coração e a mente, nós decidimos o tempo de *coracionar* o que nos toca. Descuidando um pouco do pensamento racional para sentir o que diz o coração (GOMEZ, apud ARIAS, 2011).

*Corazonar* representa a decolonização através da possibilidade do contato da alma com a visão totalizadora e cósmica. É verdadeira a medida que a psique se liga a camadas mais profundas de si mesma, aproximando-se do Si-mesmo. A imagem de Deus (a) não é uma invenção que chega ao humano espontaneamente, é uma necessidade psíquica (JUNG, 2012; DORST, 2015) de religação a algo maior. A psique com a ajuda da alma, estabelece raízes em zonas mais profundas do inconsciente coletivo do indivíduo, as quais tomam contato com a história da evolução da sua vida, o cultural. Desse modo, a educação para a alma, citada por Jung e vivenciada no campo de pesquisa, estabelece contato com a espiritualidade própria da alma.

### **7.3 O *Corazonar* como ação matrística de decolonização e individuação do ser**

Os estudiosos da colonialidade como Dussel, Mignolo, Walsch e Arias, têm promovido discussões sobre essa síndrome que assola nossa sociedade e cultura desde a expansão europeia. Os atuais fatos ocorridos na dimensão política afetam outras dimensões como jurídica, social, comunicação e educação. Eles têm revelado uma grande fragmentação entre o pensar e o sentir do povo brasileiro, oriundo de uma cultura patriarcal que rememora a

colonialidade europeia no Brasil, as mazelas da ditadura que desvelam o complexo cultural feminino sexista, da mulher dominada, inferior e incompetente, bem como o complexo masculino dominador, como violento e opressor. Estas visões têm se mostrado com maior evidência em nosso país desde as eleições presidenciais, quando reeleita a primeira mulher presidenta.

A insurgências dos povos originários retoma à sua expressão cultural e sua vivência cosmológica. Os estudos atuais sobre colonialidade procuram como objetivo refletir sobre os domínios europeus e euroamericanos sobre esses povos, considerados inferiores em razão da hegemonia do poder, do saber e do ser. Desse modo, o complexo de inferioridade da nação é o mecanismo usado para a manipulação e exploração desses povos. A colonialidade do poder construiu estas bases para sustentar a hegemonia da razão através da invenção das Américas. Nesta foi desenvolvido outro padrão de poder diferente do existente entre os povos originários. A hegemonia europeia e euroamericana passava a ser global, a fim de sustentar a expansão do sistema-mundo capitalista, o qual mantém a violência, a usurpação simbólica e material em todos os sentidos, do saber e do ser. A racionalização no lugar da sabedoria suprimiu o aspecto feminino no ser, o qual, baseado nos símbolos, na intuição, no afeto, na ternura e no sentido dificultava a conquista, retirando o aspecto feminino do sentir.

A educação nesse ingresso de tempo denominado de *Pachacuti* deve preocupar-se em voltar a sentir (ARIAS, 2007) a vida. O mundo racional, baseado na episteme e não na sabedoria, não tem espaço para o sentir. Segundo autor para realizar esses estudos, é preciso ter claro que a constituição da modernidade baseia-se na colonialidade e enfrentá-la é abrir espaço de decolonização na formação do imaginário, dos conhecimentos e na perspectiva da construção de um pensamento crítico que questione: para que tanto conhecimento? Para quem serve esse conhecimento? De quem é o conhecimento? Para quem deve ser esse conhecimento?

Nesse forte embate de conceitos faremos uma breve digressão baseada nos estudos de Eduardo Restrepo e Axel Rojas (2010) sobre os termos colonialidade, colonialismo, descolonização, decolonização:

Distinción entre colonialismo y colonialidad El colonialismo refiere al proceso y los aparatos de dominio político y militar que se despliegan para garantizar la explotación del trabajo y las riquezas de las colonias en beneficio del colonizador; como veremos, en diversos sentidos los alcances del colonialismo son distintos a los de la colonialidad, incluso más puntuales y reducidos. La colonialidad es un fenómeno histórico mucho más complejo que se extiende hasta nuestro presente y se refiere a un patrón de poder que opera a través de la naturalización de jerarquías territoriales, raciales, culturales y epistémicas, posibilitando la re-producción de

relaciones de dominação; este patrón de poder no sólo garantiza la explotación por el capital de unos seres humanos por otros a escala mundial, sino también la subalternización y obliteración de los conocimientos, experiencias y formas de vida de quienes son así dominados y explotados. La noción de colonialidad se remonta a los planteamientos del sociólogo peruano Anibal Quijano (1992, 2000a, 2000b), más concretamente a su noción de colonialidad del poder.

En términos analíticos, no podemos confundir el colonialismo (una forma de dominação político-administrativa a la que corresponden un conjunto de instituciones, metrópolis/colonias) con la colonialidad (que refiere a un patrón de poder global más comprehensivo y profundo). Una vez concluye el proceso de colonización, la colonialidad permanece vigente como esquema de pensamiento y marco de acción que legitima las diferencias entre sociedades, sujetos y conocimientos. (RESTREPO, E. & ROJAS, 2010, p. 17).

Para os estudiosos latino-americanos como Mamani (2015) e Arias (2007), a matriz colonial deve ser desfeita e, para isso, utilizam o termo descolonizar. Para Walsch e os autores americanos, o termo decolonizar visa, a partir da insurgência, transcender o colonialismo, ou seja, sua semente sempre existirá. Decolonizar é manter o pluriculturalismo, o qual mantém o neoliberalismo (ARIAS, 2007). Klein (diário de campo, 2016), da Universidade Federal do Paraná, prefere utilizar o termo anticolonial como uma luta contra o colonialismo, não o deixando penetrar no ser. Apesar desta discussão não ser o foco deste estudo, é necessário compreender sua interrelação para entender o método intercultural usado pelo campo, fazendo parte do seu processo educativo, com o qual busca perceber a influência dessa dominação na condição feminina da psique do ser, energia considerada por Jung (2013) como aquela que dá sentido ao viver e à sua decolonização como tenho relacionado.

No movimento *Nación Pachamama* percebeu que parte da decolonialidade está baseada na individuação do feminino, reconhecendo este como uma energia psíquica presente no homem e na mulher, o seu reconhecimento para o amadurecimento psicológico e para a proximidade com o Si-mesmo torna-se imprescindível no enfrentamento das sombras psíquicas. As sombras são entendidas por Jung (1987,1991) como um fragmento da nossa psique que se mantém ligado a nós, contudo vivendo num campo opaco, na sombra. O duelo provocado pelas sombras é estabelecido por aquilo que somos e aquilo que gostaríamos que fôssemos. O não reconhecimento dessa porção sombria em nós leva às projeções dessa imagem nos outros. Após o árduo trabalho de investigação da sombra, a personalidade se amplia em razão da integração daquela na consciência. Desse modo, a alma conduz o ego à individuação da psique em nível individual. Todo esse processo estabelece um movimento diferente na consciência, o qual levará, segundo Jung (1991), ao encontro do potencial criativo, libertando o ego das armadilhas da natureza instintiva. A ampliação da consciência

sobre os conteúdos presentes no inconsciente é um ato espiritual de clarificação. Neste ponto nasce o homem espiritual.

A decolonização pode ocorrer em nível racional através do pleito de direitos políticos. Arias (2011) reflete que a política deve deixar de ser vista como fonte de poder e a espiritualidade é um componente importante para sair dessa concepção individual para uma coletiva e mudar a vida.

La espiritualidad tiene una clara dimensión política, y como muy bien nos enseñaron los indios Pueblo, es su dimensión de conciencia más alta; esto se expresa en el hecho de que nos da una sensibilidad distinta frente a la vida y la fuerza para poder comprometernos con ella y luchar por transformarla; pues al vivir más allá de la estricta individualidad, y comprometernos con los dolores, sueños y esperanzas de los otros, o de la naturaleza, estamos llevando a cabo una actividad espiritual. Ese actuar 'para' y 'con' los demás, deviene en algo trascendente y por tanto, espiritual; es por ello que la militancia por la vida, en la que se pone todo el corazón, puede considerarse una forma de profunda espiritualidad política; de igual modo, la política se torna espiritual cuando hace de la existencia el horizonte y plantea no solo transformaciones sociales y estructurales, sino sobre todo transforma nuestras subjetividades, decoloniza el ser, y se plantea un horizonte civilizatorio y de existencia diferente, que apunte la vida. (ARIAS, 2011, p.26).

Comprender a influência da colonialidade como componente constituidor da cultura patriarcal foi importante para compreensão a função educativa do movimento *Nación Pachamama*, quanto a percepção do feminino e da espiritualidade como propulsores da individuação e da decolonização.

**Figura 12 - Foto by David Wolfe Adventure**



## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A VISÃO DAS CORDILHEIRAS

Em cima da cordilheira andina olho para o fim da pesquisa. Esta guarda perguntas que poderão me levar a outra jornada. Subir, mesmo que diversas vezes, e olhar o percurso percorrido me enche de vontade a buscar novas descobertas. As aventuras rumo ao desconhecido são viagens incertas e dentro desse sombrio caminho guardo apenas a clareza de não estar sozinha. Caminhei com a mochila cheia de conceitos e isso, por vezes, me sobrecarregou em frações do percurso. Aprendi sobre a importância de esvaziá-la e se pôr em estado de receptividade, abrindo espaço à alma e ao potencial criativo da psique.

Durante a trajetória verifiquei que o mapa era fiel ao percurso e, mesmo diante dos desfiladeiros, ele deu espaço para sentir as mudanças de direção quando esta exigia largar a bagagem. Somente dessa forma percebi a possibilidade de enxergar aquilo que se punham na paisagem e se mostrava diferente das minhas imagens, conceitos, sentidos e ideias. A mente lógica me levou a desfiladeiros. Nestes momentos, me despreocupar com o mapa abria espaço a outra guia para o ego. Assim, despreziosamente, descobri trilhas não previstas pelo projeto de pesquisa. Isso levou-me a encontrar fontes extras, como as entrevistas, as quais me abasteci até o fim do percurso. Em relação ao apego aos conhecimentos, ouvi Lucidor Flores falar sobre a necessidade de soltar as verdades. Eu não compreendi a profundidade da mensagem na época e nem como fazer. Então, outras vezes precisei ouvi-lo dizer: ponha-se em estado de receptividade, apenas receba a mamita (*Pachamama*). Somente depois com Jung descobri que era dar a mão para a minha alma, o lado feminino da psique.

Busquei olhar a atitude dos membros e deixei o aspecto feminino da intuição falar, porém o tempo do relógio me atrapalhava, os meses previstos no projeto corriam. Por vezes, percebi o pensamento lógico ansioso. No final, notei o desenvolvimento do tempo sem esforço promovido pelo pensamento circular (JUNG, 2011). O tempo deixou de me angustiar e a produção final da escrita para a dissertação aumentou. Ouvi, na comunidade campesina, que essa ação é normal quando se medita porque ingressamos no tempo de *Pachamama*, o tempo lento. Lembrei da expressão intensidade com *Pachamama*, a qual foi mencionada na entrevista com Mamani (diário de campo, 2015). Não consegui abordar esse ponto do tempo devido ao momento em que se encontrava a pesquisa. Apenas deixo registrado esse aspecto para ensejar novas dinâmicas de estudo.

A pesquisa qualitativa de viés fenomenológica facilitou a descrição dos símbolos e dos fatos empíricos encontrados no campo. Não trago verdades fechadas, mas um convite, a todos que desejarem, para mergulhar em seu interior a partir da função espiritual da sua alma, se



permitindo ingressar num processo autoeducativo diferenciado. Metaforicamente, o *faro* me levou a realizar o curso de mestrado em busca dos mistérios contidos nas montanhas e nos lagos azul-esverdeado, presentes no interior da cosmologia dos povos originários que há muito tempo habitam a América Profunda. Para compreender esse significado é preciso abrir-se a magia da alma que as cordilheiras chamam. Essa magia é o odor mencionado por Kusch (1978). Isso me fez perceber as imagens que vivem em nós e se relacionam com o cotidiano, mas por estarmos profundamente atarefados, aprisionados na dimensão consciente da psique não participamos dessa mágica da vida, ativa da alma. Para libertarmos o potencial criativo que habita a nossa psique, precisamos libertar a alma da prisão produzida pela colonização.

Pelos princípios andinos envolvidos, pelos símbolos e pela visão comunitária, não posso classificar o movimento *Nación Pachamama* como um movimento *new age*. Apesar de apresentarem algumas características próximas, como o universalismo espiritual, contudo no movimento as raízes andinas são reconhecidas como eixo organizador. O movimento *new age* carrega os ideais dos anos 60-70 como fruto dos movimentos *hippies*, encontrando as primeiras raízes nos ensinamentos esotéricos da russa Helena Petrovna Blavastky (1831-1891). O movimento *Nación Pachamama* devido a sua cosmologia andina se caracterizaria, então, como um movimento *old age*. Muito menos podemos caracterizá-lo como uma seita<sup>74</sup> que, segundo Boff (1994), se especifica como um grupo fechado o qual busca manter o poder sobre a verdade, mantém o controle sobre os adeptos ao manter o controle a partir de dogmas e negar-se ao diálogo. O movimento *Nación Pachamama* busca a partir do *corazonar* tecer diálogos libertadores. Ele busca decolonizar a alma, individuando o ser. Caracterizar como seita o processo de equilíbrio e libertação psíquica seria um erro grave. Esse movimento caminha a partir da escuta sensível das mensagens dos *abuelos* andinos que conhecem a importância de *corazonar* a vida, de amar a natureza por ser ela a mãe que produz o alimento e a cura. No movimento o caminho parte do encontro consigo. Primeiro é preciso reconhecer complexos e sombras para individuar-se e a partir daí sentir e construir o coletivo, o social, organizando a comunidade e o mundo de acordo com o eixo cósmico. O sistema capitalista roubou nossa alma, a episteme fechou o espaço do sentir, que nos é vital em seus variados níveis de percepção, tanto em nível biológico como o de sentir a alma através de imagens simbólicas.

Conhecer as raízes ameríndias através de dois sacerdotes da região de Q'eros, me levou a caminhar a partir do coração andino. O olhar inocente acendeu a minha curiosidade

---

<sup>74</sup> De acordo com o dicionário etimológico, on-line, seita deriva do latim *secta*, grupo religioso, seita, do verbo *sequi*, seguir, que veio do Indo-Europeu SEKW, seguir.

em compreender o que se passava naquele olhar tão impactante. Durante o percurso da pesquisa acabei a jornada sentindo a presença do fogo dos vulcões, dos *taitas* do Equador. A presença do grande *Cotopaxi* e dos xamãs da Amazônia também se apresentaram e me mostraram que eu também estava em processo psíquico educativo, no ponto zero do mundo.

A experiência amarga que encontrei em 2012, diante das máscaras sociais presentes no sistema escolar, busquei descobrir que tipo de educação partilhamos hoje e julgamos politicamente correta? Como nos posicionamos como pais? Neste ano senti, dentro do sistema escolar, uma pequena dor no centro do peito, a qual não foi encontrada a causa - mesmo passando pelo diagnóstico de quatro cardiologistas. Ela sinalizava a minha incompatibilidade com o ritmo profissional, mas eu não percebi o significado simbólico, sendo diagnosticado como *stress*. A dor me fez olhar para o entorno e me vi entre seres trabalhadores do sistema econômico, buscando a satisfação e a felicidade a partir de atos compatíveis com ele. Compreendi que as mudanças provocadas pela globalização têm nos tirado “o fogo dos deuses”<sup>75</sup>. A pesquisa me trouxe o calor do fogo, mas, diferente de Prometeu que o roubou dos deuses gregos, o fogo veio do coração das montanhas equatorianas onde habitam os povos originários.

As crises ambientais nos têm mostrado a imagem de mundo que criamos. *Pachamama* quando chama seus filhos a repensarem os seus atos apresenta sua face cataclísmica. Esse é o seu sistema educativo, o do arquétipo feminino quando na postura de mãe. O símbolo de *Pachamama* estabeleceu em mim uma ponte com os povos originário a qual tem me proporcionado uma visão de caminho possível de percorrer. O movimento *Nación Pachamama* retrata esse sentido de caminho. Refletir sobre o que nos leva a criar um sistema-mundo doentio me fez refletir sobre os humanos criadores desse mundo. Que imagens de mundo e de humano lhes tomam a alma? Frases como: eu preciso pagar as contas, foi a minha primeira observação. Não é um julgamento, mas uma reflexão sobre ao que esse pensamento responde. O campo de pesquisa me levou ao encontro daqueles que sonham e constroem um mundo diferente. Sonham... pois é... foi a primeira frase que ouvi: “aqui acreditam-se nos sonhos e no amor”. Qual o seu significado, refleti. Em princípio, surgiram inúmeros julgamentos e esse foi o meu primeiro grande desafio junto ao grupo: sossegar a mente linear e passar a sentir mais o mundo como algo poético. Nesse ínterim a poesia surge com sua relevância.

---

<sup>75</sup> “Fogo dos deuses” é uma expressão metafórica da mitologia grega a qual conta que Prometeu, um titã, defensor da humanidade, roubou o fogo de Héstia trazendo-a para a humanidade. Héstia guardava a chama do sol, a benção da iluminação. Prometeu foi condenado por Zeus, sendo preso em uma rocha onde uma águia vinha comer diariamente o seu fígado o qual se recompunha.

A leitura de Kusch (1999) mostrou-me que para conhecer esse povo só adentrando na América Latina, viver o que eles viviam para, então, compreender o significado de estar sendo. Vivenciar o que existia ali no campo *Nación Pachamama*, e a partir das técnicas<sup>76</sup> específicas que me foram sendo apresentadas, percebi o quanto eu aprofundava em mim, por vezes senti o contato energético à distância, revelando outro estado de percepção mais sutil e indescritível. A calma na mente e no corpo também se mostraram. Estabeleci mais foco, resultando em menor agitação mental. Eu conhecia o movimento desde 2010, mas somente diante da pesquisa é que adentrei em seus objetivos e práticas com intensidade. Senti necessidade de conhecer os símbolos do movimento os quais me levaram a selecionar três. Essas são as principais lições educativas que envolvem o desenvolvimento de outra visão de mundo e de humano: lição do *ayni*, de *Pachamama* e da *chakana*. Nelas a mudança integra o ser gradualmente de acordo com o sistema de funcionamento. Como um novo hábito, esse sistema comunitário integra a psique a partir dos símbolos, proporcionando a saída do egocentrismo. Essas lições provocam o diálogo entre o consciente e o inconsciente e o sentido oculto presente neste. Além disso, os rituais e pagos servem para reviver e rememorar o que nos faz sentido, ou seja, a existência do sagrado. Este rememora o que faz sentido para o ser.

A educação do movimento ocorre a partir do autoconhecimento, relacionamentos intersubjetivos, relacionamentos cosmológicos e da espiritualidade prática dos andinos. Os diálogos interculturais entre o Peru, a Índia e África apresentam um trabalho com o inconsciente cultural onde localizam-se as imagens arquetípicas de povos ancestrais. Podemos ver que o arquétipo da *anima*, alma, apresenta-se sob a forma de *Pachamama* uma imagem arquetípica dos povos originários andinos. Conforme a região na qual o grupo se põe em interação, o mergulho no inconsciente cultural leva a camadas profundas da psique e modificações energéticas ocorrem a partir da transcendência dos símbolos. O movimento segue como guia a energia do coração, isso significa dizer. Estes acreditam no amor-união entre duas energias, a telúrica e a cósmica, por serem a fonte de criação de qualquer forma de vida. Esses movimentos ocorrem na rotina de serviços prestados na sociedade e nas comunidades campesinas.

A proposta educativa do movimento inicia a partir da espiritualidade do povo andino, que acontece através da mudança de atitude, que passa a ser de cuidado e de humildade com o sistema de *Pachamama*, o qual encontra-se em conexão com o sistema cósmico. Os andinos através de sua sabedoria entendem que, com *Pachamama*, existe uma única lei, a do *ayni*, dar

---

<sup>76</sup> *Kriya, pranayama*, meditação, limpeza dos 21 dias, limpeza do *cosco*, limpeza energética realizada pelos curadores, iniciação ao mantra *gayatri*...

e receber. Se não cuidarmos de *Pachamama*, assim como ela nos cuida, ela virá “educar” na sua versão cataclísmica. – secas, inundações, temporais e tantas outras formas. Portanto, a proposta educativa do movimento *Nación Pachamama* enfoca uma estrutura diferente das escolares ou da universidade na formação dos profissionais por incluir o desenvolvimento da sensibilidade que está além das sensações corporais. O elemento espiritualidade foi o tema que ultrapassou todas as três lições citadas no desenvolvimento do trabalho. Esse elemento está relacionado com a composição de uma imagem do mundo a partir do Bem Viver.

Através da espiritualidade percebi o vivido e não o intelectualizado. Este ocorre posteriormente à vivência e não é o tópico principal, mas deve ser visto em equilíbrio, *corazonando*, se não dificulta o diálogo entre consciente e inconsciente, levando ao caos por ausência de um centro ordenador dos conteúdos psíquicos. No movimento o intelectual presente na consciência do ego é usado, mas adentrando muito no sentir. A atitude de se pôr em estado receptivo, abrindo espaço à alma, muitas vezes irrita os participantes do movimento que se mobilizam na vida a partir da intelectualidade. Dentro dessa condição, pude observar que a intelectualidade ou raciocínio nos leva a um automatismo de opiniões, nos acelerando. Muitas vezes ele leva a julgamentos baseados na verdade selecionada pelo indivíduo de modo precipitado. Esse ensinamento de desprendimento do raciocínio, como primeiro elemento, surge no primeiro dia de encontro com o movimento e se desenvolve a partir de muita meditação, técnicas de autoconsciência e peregrinações que integram o indivíduo a outra cultura. Jung, como estudioso da alma humana, me ajudou a compreender o tema da espiritualidade como um aprofundamento da psique. Boff (1994) ressalta que a ausência de conexão do ego com a espiritualidade é o nosso maior drama contemporâneo. Vivemos numa sociedade onde o lado sombrio impera e essa afirmação está escancarada na política brasileira.

A espiritualidade para Jung percorre os caminhos da individuação - do eu até o arquétipo do Si-mesmo, a *imago dei* a partir do descobrimento da energia feminina e circular. Pude verificar que a função exercida pela alma é valorizada no movimento *Nación Pachamama*, como um meio educativo da personalidade humana. Na alma existem todas as imagens positivas e negativas de nós que estão presentes no inconsciente. Trabalhar esses aspectos, são importantes para o desenvolvimento emocional harmonioso. No movimento as entrevistas mostraram o exercício da função espiritual da alma a partir do reconhecimento da figura de *Pachamama* como protetora e guia do movimento. Por esse motivo verifiquei a cultura matrística a partir do princípio biocêntrico que promove o aprendizado a partir do *corazonar* – na alteridade, na ambivalência enriquecedora que o outro proporciona.

A educação da personalidade no movimento *Nación Pachamama* revela que o ato de aprender é um ato de viver, de voltar-se para si e para o outro, mediante o diálogo, a ajuda mútua e humildade, de modo a não se perceber como o dono da verdade. O *corazonar* é uma sabedoria dos povos originários que carrega em seu movimento os polos feminino e masculino da psique, como força energética. Esses polos devem ser considerados como complementares e a vivência desses princípios andinos auxiliam no desenvolvimento educativo que leva a sínteses energéticas na psique.

O formato do movimento através das lições e dos princípios andinos para o Bem Viver promovem um mergulho no oceano da inconsciência fazendo erupcionar símbolos para a consciência esse é o enfrentamento que dirige ao encontro da totalidade. Arthur Molina (diário de campo, 2015) mostra os indícios desse movimento de ampliação da consciência a partir do aprofundamento em si mesmo como ato espiritual.

O bom que eu acho da *Nación Pachamama* é a possibilidade de resgatar o eu verdadeiro da humanidade porque enquanto a humanidade caminha, vamos dizer assim... dentro de um processo de criação absoluta de um personagem manipulado, a *Nación Pachamama* repensa isso, sabe. Me encanta muito a forma como ela repensa, sabe. A ideia que eu percebo, aquilo que eu sinto.[...] Me encanta muito a maneira com a *Nación* é conduzida, com uma leveza muito grande, é a construção de uma poesia, de você resgatar e voltar a ser a tua essência porque a gente vê a cada dia um monte de normas. Eu costumava trabalhar na empresa à vontade e o meu sobrinho que é meu sócio fica cheio de regras, eu só consegui recuar um pouco devido aos ensinamentos do maestro que diz: *despacito* e com muita tranquilidade. É partindo de um processo de consciência de que ou nós retornamos a cantar e recitar poesia ou o grito de violência, o grito de pânico vai tomar conta da humanidade. [...] a *Nación Pachamama* é uma semente que nasce muito forte, sabe, porque ela tá dentro de todo o ser humano, a humanidade não é o que ela vivencia no dia a dia, ela é o que tá dentro do coração da gente. [...] a gente pensa diferente do que age. [...] essa mudança suave é como um perfume novo que chega. A sociedade que está aí, ela nos obriga a nos defender desde a hora que a gente acorda. (MOLINA, diário de campo, 2015, p. 2).

A fala do entrevistado acima demonstra o processo de consciência que se amplia à medida que nos aproximamos da totalidade do que somos como seres singulares como originário. Relata a presença da alma quando percebe se acalmar e voltar a “fazer poesia”, ser mais leve no mundo. A energia feminina se revela através da frase que explica a forma como o movimento é conduzido, dentro de uma leveza onde a poesia se instala novamente no humano. A fala também se dirige a sociedade patriarcal que exige a necessidade de defesa por estar armada, afinal só nos defendemos porque sentimos que somos agredidos de algum modo. Assim, a fala nos revela na empiria a função da alma abordada na teoria junguiana, sendo o encontro com ela o primeiro passo nessa caminhada do ego à totalidade. Desse modo, compreendi a importância do feminino presente no caminho educativo da *Nación*

*Pachamama*. As técnicas apresentadas pelo movimento proporcionam facilitar esse encontro. O percurso, muitas vezes, torna-se delicado devido as imagens emanadas pela alma, pois o ego se defende frente aos assombros e repulsa a alma, reprimindo-a ao profundo da inconsciência. Nesse momento de repulsa, o ego ingressa no estado de negação ou de justificação racional, deixando de evoluir. Essa é uma situação de aprendizado que visualizei entre os membros do movimento, levando muitos a saírem do processo educativo a partir de mil *razões*.

A fala dos membros se expressa com um trato delicado. Não se privam de dizer o que pensam ou sentem, chamam atenção do *hermano*, se necessário, cuja delicadeza faz o tom. Os membros compreendem que estão no mundo e todos estão em aprendizado, facilitando a atenção para o ponto a ser modificado. Apresentam algumas discussões calorosas durante a construção de projetos ou da tomada de decisões sobre algo administrativo das comunidades, contudo quando surge uma conversa mais agressiva, dependendo do tom, ela sai da sintonia e só essa questão basta para o silêncio dos autores. Existe a consciência entre os membros, que em todas as questões existe uma lição, portanto dizer, ou não dizer, o que sente depende da autocondução de cada um e da intensidade emocional que está sendo trabalhada. Mesmo quando a fala é mais forte ou agressiva, buscam recompor a situação diante do outro a partir do diálogo.

Existe um trabalho constante e acredito que essa constância em torno do seu autoconhecimento é um fator importante, sabem que o grupo está junto não por um objetivo individual ou individualista, sentem que estão ligados a algo maior que diz respeito ao cuidado de *Pachamama* e esse cuidado começa consigo e com o outro. A ação comunitária é outro fator que modifica a compreensão, percebem que estão no mesmo barco. Existe um trabalho significativo sobre as personalidades e esse caminho educativo é assessorado pelas técnicas meditativas, autoconsciência de quem se é, de quem somos e o que estamos fazendo.

*Pachamama* também representa o arquétipo do Si-mesmo. Como uma deusa ligada à terra demonstrou auxiliar o desenvolvimento da consciência compassiva do campesino, que, em sua sabedoria, sabe que lidar com a terra vai além de enterrar a semente ou de plantar em qualquer momento. É preciso cuidar, conhecer o ciclo, nutrir a terra, plantar e ter paciência para aguardar a colheita ou afastar as pragas. *Pachamama* como arquétipo do Si-mesmo mostra a totalidade a qual fazemos parte como uma dimensão organizadora de todas as dimensões. Ela traz a sensibilidade perceptiva feminina para despertar a função intuitiva que oposta a sensação corporal, também necessita desta para a sua concretude. Para o movimento de nada adianta ficar apenas no plano abstrato é preciso ter a intuição e construir.

Na busca de compreender o feminino, me dei conta do processo matriarcal e patriarcal. Neles há o fortalecimento do poder pela liderança do gênero e o caminho usado pelo movimento *Nación Pachamama* não é o poder do eu, mas o poder do cuidado, do afeto, da ternura, do coração. Características da cultura matrística segundo Maturana (2004). A partir da relação matrística o colonialismo não consegue fixar suas raízes, segundo Arias (2015). Para o autor a queda do matrístico, da matriz da vida, ocorreu para fortalecer o processo colonial, pois colonizando o feminino, coloniza o cuidado, a compassividade, a ternura que também constituem a alma. Sendo esta aprisionada, perdemos a sua guia e ficamos no caos dos conteúdos inconscientes. Assim, fixamos nossas raízes no ego, no pensamento racional, linear, lógico e numérico. Passamos a conhecer o mundo a partir das funções lineares do pensamento e o mundo torna-se quantidade, produto ou produção.

A colonização do feminino tornou-o como algo inferior, sem valor, subjugado e visto como objeto de apropriação e uso. O processo traumático do feminino foi criado pela cultura patriarcal a qual criou este abismo psíquico cultural para o sustento da lógica racional, linear das ações dos homens que sustentam o mercado a partir do sistema financeiro global. Assim, criar o aprisionamento do feminino na psique foi uma grande estratégia de dominação do colonizador, pois dificulta o processo de individuação, de singularidade que leva o indivíduo compreender que é, o que quer a partir do sentido singular da sua existência.

No feminino foi desenvolvido o complexo de inferioridade que ultrapassa as fronteiras individuais para além das fronteiras culturais. Conceito iniciado por Jung e aprofundado por Joseph Henderson, Thomas Singer e Samuel Kimbles, o complexo cultural me fez perceber o objetivo do campo de pesquisa intitular-se como um movimento feminino por buscar o equilíbrio da energia feminina tanto em nível individual como coletivo, na alma coletiva. A espiritualidade a partir da deusa andina *Pachamama* traz várias lições pautadas no princípio comunitário da casa que recebe, o princípio da materialização na encarnação do sentido de estar vivo - o sentido da alma. Os princípios andinos fundamentam a promoção de uma série de ações dentro do movimento *Nación Pachamama* que seguem o sentido da leveza, cuidado, cura, intuição, buscando equilíbrio com a ação racional.

As energias psíquicas do feminino e do masculino ao entrarem em síntese, aprofundam a psique, aproximam-se do arquétipo do Si-mesmo. Isso revela o casamento dos opostos, e esse processo é descrito pela simbologia expressa no mito de *Pachamama*, quando esta encontra-se em síntese com *Pachacamac*. Neste momento a consciência passa por uma transformação que se instala no ego, dando início a novos processos.

A síntese entre as energias feminina e masculina resulta na individuação da psique. O feminino colonizado provoca um enfraquecimento da psique, pois a alma distanciada do ego não comunica o sentido de viver. Ela é a potência vital psíquica. A matriz colonial anulou a alma, retirando as suas qualidades receptiva e sensível (ARIAS, 2007). Como é possível manter o processo de colonização se as pessoas possuírem um equilíbrio psíquico? Como é possível colonizar diante do sentir a vida pulsando no outro? Como é possível usurpar a natureza se compreendermos que somos parte desse todo maior? Assim, compreendo como necessário a reflexão sobre a colonização do feminino no sentido de curar as frações da alma decorrentes do processo de colonização. A síntese na alma decoloniza, e leva ao processo maior de individuação que põe o ego em contato com o Si-mesmo. Boff expressa, que o momento contemporâneo demonstra a necessidade de reconectar no ego a espiritualidade. Reconectar é estabelecer um contato profundo com nossa alma de modo que esta nos leve ao profundo do inconsciente rumo ao Si-mesmo. Nossa individualidade encontra sentido quando próxima da totalidade.

No campo pesquisado verifiquei que a psique em contato diário com as técnicas meditativas aumentam o estado compassivo na psique. A ausência de agressão foi justificada, entre os moradores da comunidade campesina, como o desenvolvimento da percepção da função menor que se intitula como ego e a constante busca de reconexão com o Si-mesmo. Quando vivemos no estado de sobrevivência do ego, este se defende e muitas vezes utiliza a parte sombria dos arquétipos e as atitudes negativas presente no consciente.

Na vivência do campo a *chakana* também se mostrou como um arquétipo do Si-mesmo que guia todo o grupo dentro de um esforço conjunto e comunitário. Assim como *Pachamama*, a *chakana* apresenta uma dupla função: conduta organizadora e imagem da totalidade do *ayllu* que só funciona em um movimento harmônico. A *chakana* parte da vivência que se faz em família, em comunidade ou em *ayllu*. Cada família (Iriarte, Molina, Obelar, Aguilar, Dédalos, Cruz, Mendizabal ou Sandoval) compõe o todo. Essa é uma lição relacional importante na vivência do sentido de ser parte e todo. Esta lição, como dinâmica de inclusão a um todo maior, leva também a inclusão do outro que deve funcionar em harmonia com o sistema conectado. A *chakana* desenvolve o sentimento de pertencimento a algo maior.

No vínculo entre complementaridade e reciprocidade, a lição do *ayni* se mostrou como condutora no desenvolvimento do cuidado. Este é um valor importante que une o todo a partir do reconhecimento da participação do outro no centro da vida. O mito de *Pachamama* evoca a função espiritual feminina da alma que potencializa o processo educativo para a individuação, por ser a guia desse processo. Portanto, a educação do movimento da *Nación Pachamama*



expressa que é preciso decolonizar o feminino para que ela-alma se manifeste e estabeleça o processo de individuação no ser.

O campo de pesquisa colocou-me em várias encruzilhadas onde o enfrentamento inconsciente provocado pela alma e o poder da montanha se mostravam. Percebi que me enfraquecia ao dar espaço somente aos momentos de racionalização, parecia que eu havia perdido algo, e havia: minha alma. Diante das serpentes e dos pumas compreendi que precisava largar a visão de mundo adquirida através das experiências pessoais e intelectuais e me colocar no lugar dos camponeses da montanha. Ao ficar presa no raciocínio, a cama de um hospital associada a dúvida de saber o resultado daquilo apareceu como um poder curativo. Confesso que neste instante parei de pensar, lembrei do rosto das minhas filhas e tratei de recuperar a minha energia. Passei a deixar a alma me guiar por um sentido diferente do mapa, não tenho como explicar, mas para minha surpresa percebi que deu certo, pois cheguei a compreensão do que buscava na espiritualidade como processo educativo. Passaram a surgir sincronias como diria Jung. Sim, descobri o quanto elas estão presentes nas nossas viagens rumo ao desconhecido, basta darmos espaço e prestarmos atenção na sua linguagem. Foi quando usei e me deixei conduzir ao Equador onde teci o ponto final da pesquisa e entendi o que significava a espiritualidade para mim, que em estado numinoso nos leva onde precisamos chegar. Simbolicamente cheguei ao *ponto zero*, indicando-me: pronto, novo processo irá iniciar.

Isso foi fundamental para me abrir e passar a ter consciência do mundo que girava entorno de mim. A consciência deixou de viver na estreiteza do eu. Percebi que desenvolvi um jeito diferente de conhecer o mundo. Sei que o campo de pesquisa me levou a realizar viagens físicas, mas cada uma me levou a outra bem mais profunda na psique. No campo científico, não trouxe verdades para o mundo, mas, com a certeza, trouxe o fogo do coração para o ser através do contato com os curadores das montanhas e dos vulcões. E em relação àquela dor com percurso hospitalar, o que posso dizer é que ela encontrou a sua cura e o ritmo cardíaco se equilibrou.

Figura 13 - Síntese



## REFERÊNCIAS

AMARAL, M.N.C.P. *Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia*. São Paulo: Perspectiva. USP, 1987.

\_\_\_\_\_. *La Cultura: estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia*. Quito: Abya Yala, 2002.

\_\_\_\_\_. *Usurpación Simbolica, Identidad y Poder*. Quito-Ecuador: Abya Yala. 2004.

AMANGUAÑA, L. M. T. *Construcción de ciudadanía desde la diferencia: el caso del movimiento indígena en el ecuador*. 2005. s/p. Faculdade Latino Americana Ciências Sociais, Equador. 2005.

ARIAS, P.G. *Corazonar una antropología comprometida con la vida: nuevas miradas desde Abya Yala para la descolonización del poder, del saber y del ser*. Asunción-Paraguay: Fondec, 2007.

\_\_\_\_\_. Alteridad 10. Revista de Ciencias Humanas, Sociales y Educación, Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, n. 10, 2011.

ARIAS, P.G. *Decolonizar desde las sabidurías insurgentes*. DIM – Diálogo Indígena Misionero (CONAPI) – JULHO 2012, nº69, año XXV, Asuncion – Paraguay. Disponível em: <[http://www.conapi.org.py/documentos/26/dim\\_2012\\_decolonizar\\_desde\\_las\\_sabidurias\\_insurgentes.pdf](http://www.conapi.org.py/documentos/26/dim_2012_decolonizar_desde_las_sabidurias_insurgentes.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2016.

ARKONADA, K. *Dossiê Bem-Viver*. Disponível em: <[www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/184.doc](http://www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/184.doc)>. Acesso em: 13 mai. 2015.

BALESTRIN, L. *América Latina e o giro decolonial*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, maio-agosto de 2013, p. 89-117.

BARCELLOS, G. et al. *Sout and the Soul*. In. Listening to Latin America: exploring cultural complexes in Brazil, Chile, Colombia, Mexico, Uruguay, and Venezuela. New Orleans, Lousiana, 2012.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Paris: PUF, 2009.

BARRETO, Marco Heleno. *A dimensão ética da psicologia analítica: individuação como "realização moral"*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v21n1/v21n1a07.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2014.

BASTOS, Geraldo. *Andanças de um puma desperto*. Santa Maria: Palloti, 2008.

\_\_\_\_\_. *A senda do coração: Mestre Lucidor Flores (Geraldo Bastos)*. Tradução de Nuit Sandoval. Pelotas: Mística Andina, 2008.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura>>. Acesso em: 22 abri. 2014.

BOECHAT, Walter. *Proposta para uma pedagogia criativa*. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/artigos/pedagogos.htm>>. Acesso em: 28 set. 2014.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A alma brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Mitopoiese da psique: mito e individuação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_ et al. *Cordial Racism: race as a cultural complex*. In. *Listening to Latin America: exploring cultural complexes in Brazil, Chile, Colombia, Mexico, Uruguay, and Venezuela*. New Orleans, Louisiana, 2012.

\_\_\_\_\_. *Ao encontro do corpo criativo: novos caminhos da expressão simbólica*. Cadernos Junguianos/Associação Junguiana do Brasil. v.10, n.10, setembro de 2014. São Paulo: AJB, 2014, p. 21 a 32.

BOFF, L. *Igreja, carinho e poder*. São Paulo: Ática, 1994.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. org. por Betty Sue Flowers, 2. Reimpressão. São Paulo: Palas Athena, 1991.

CARVALHO, M.J. *Jung educador*. Curitiba. Disponível em <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/CI/TC-CI0054.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

CHOQUEHUANCA, D. Hacia la reconstrucción del Vivir Bien. América Latina en Movimiento, ALAI, No 452: 6-13, 2010.

FARIA, E. de; SOUZA, V.L.T. de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional, SP. VI.15, Nº01, Jan/Jun de 2011: 35-42.

CHAMORRO, G. *A terra madura, yvy araguayje: fundamentos da palavra guarani*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

COQUEUANCA

DUSSEL, Enrique. *1492 O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Tradução de Jaime Classen. Petrópolis: Vozes, 1993.

EDINGER, Edward F. Edinger. *Ego e arquétipo: individuação e função religiosa da psique*. São Paulo: Cultrix, 1989.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. *Aspectos do mito*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. *Interculturalidad: vivir la diversidad*. La Paz-Bolívia: Instituto Superior Ecuménico Andino de Teología, 2010.

ESTERMANN, J. *Estudio Intercultural de la sabiduría autóctona Andina*. Cusco-Peru: Abya Yala, 1998.

FARIA, E. de; SOUZA, V.L.T. de. *Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores*. Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Vl.15, Nº01, Jan/Jun de 2011: 35-42.

FREIRE, P. *Conscientização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GONH, M.G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássico e contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 1997.

GONZALEZ, M. *Momentos estruturantes: uma reflexão sobre a potência do instante vivido*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015.

GUDYNAS, Eduardo. *Buen vivir: germinando alternativas al desarrollo*. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/folha>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

GUTIÉRREZ, C.C. *Machupicchu na história dos Inkas*. Tradução de Marcos Aurélio Cavalcante. Cusco, Peru: Editorial Supergráfica, 2013.

HILLMAN, J. *Psicologia arquetípica: um breve relato*. Trad. Lúcia Rosenberg e Gustavo Barcellos. São Paulo: Cultrix, 1988.

JACOBI, J. *A psicologia de C.G.Jung: uma introdução às obras completas*. Tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2013.

JOHNSON, Willard. *Quem inventou a Meditação? Do Xamanismo a ciência*. 10. ed. São Paulo, SP: Cultrix Pensamento, 1995.

JUNG, C.G. *Tipos Psicológicos*, Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_. *Misterium Coniunctionis*. Vl. XIV/1. Tradução de Frei Valdemar do Amaral. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Psicologia do inconsciente*. Trad. Maria Luíza Appy. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_.  *Símbolos da Transformação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. *AION: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e alquimia*. Trad. Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. *Natureza da psique*. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. (Org.) *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 13. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

\_\_\_\_\_. *O desenvolvimento da personalidade*. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Vida Simbólica*. Tradução de Araceli Elman, Edgar Orth; Revisão literária de Lúcia Mathilde Endlich Orth; Revisão Técnica de Jette Bonaventure. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Símbolos da transformação*. Tradução de Eva Stern. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e Religião*. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha; Revisão Técnica de Dora Ferreira da Silva. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Espiritualidade e transcendência*. sel e ed de Brigitte Dorst; Petrópolis: Vozes, 2015.

KAST, V. *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana*. Petrópolis: Vozes, 2013.

KUSCH, Rodolfo. *Esbozo de una antropología filosófica americana*. Buenos Aires: Ediciones Castañeda, 1978.

\_\_\_\_\_. *América Profunda*. 1. ed. Buenos Aires: Biblios, 1999.

\_\_\_\_\_. *Geocultura del hombre americano: incluy lo americano y lo argentino desde el ângulo simbólico-filosofico*. 1. ed, Rosário: Fudación A. Ross, 2012.

LOBO, E. et al. *Ecologia profunda: o despertar para uma educação ambiental complexa*. REDES, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 3, p. 122 – 137, set/dez 2011.

LÜDKE, M.; ANDRE, M.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAMANI, F.H. *Buen Vivir/Vivir Bien: filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas*. Lima-Peru:Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas – CAOI, 2010.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Editora Palas Athena, 2004.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MELIÁ, Bartolomeu. *El Guarani: experiência religiosa*. Assunção: Ceaduc, 1991.

MIGNOLO, W. *La Idea de America Latina: la herida colonial y la opción decolonil* Tradução de Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Espanha: editora Gdisa. 2005.

MOLINA, E. *Nación Pachamama*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Naci%C3%B3n\\_Pachamama](https://pt.wikipedia.org/wiki/Naci%C3%B3n_Pachamama)>. Acesso em: 23 ago. 2015.

OLIVEIRA, R. S. W. *Em comunhão com Pachamama: um estudo etnográfico sobre o movimento espiritual Mística Andina*. 2011. 59p. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ONG *PACHAMAMA*. Disponível em: <<http://www.ongpachamama.com/noticiasblog>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

PARISACA, N.V. *La Pachamama: revelación del Dios criador*. Quito-Ecuador: Abya Yala, 1998.

PENNA, E. M. D. *Epistemologia e método na obra de C.G. Jung*. São Paulo: Educ, 2013.

QUIJANO, A. "Colonialidad y Modernidad-racionalidad". In: BONILLO, Heraclio (comp.). *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; CLACSO, 1992, p. 437-449.

RAUBER, *Dossiê do Bem-Viver: Iser Assessoria*, 2011. Disponível em: <[iserassessoria.org.br/novo/arqupload/184.doc](http://iserassessoria.org.br/novo/arqupload/184.doc)>. Acesso em: 12 mai. 2014.

RESTREPO, E. & ROJAS, A. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamiento*. Colombia: Editorial Universidad de Cauca, 2010.

REVISTA SEMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL, SP. V. 15, n. 1, jan/jun 2011: 35-42

SINGER, T. et al. *The cultural complex series*. In. *Listening to Latin America: exploring cultural complexes in Brazil, Chile, Colombia, Mexico, Uruguay, and Venezuela*. New Orleans, Louisiana, 2012.

ZAFFARONI, E. R. *La Pachamama y el humano*. 1. ed. 2ª reimp. Buenos Aires: Colihue, 2012.

## GLOSSÁRIO

**ALMA** – é um complexo determinado e limitados de função que poderíamos caracterizar como “personalidade” interna, inconsciente. Segundo Penna (2013) nas obras de Jung o termo alma se apresenta com diferentes significados, precisando o autor definir o sentido de alma. Foi quando o mesmo definiu a alma como o arquétipo da *anima*. Para Jung (1991) a palavra alemã *Seele*, que significa alma designa uma força que move, uma força vital. A alma não se encontra fora do corpo num sentido metafísico, ela se apresenta como uma cópia fiel de tudo o que chamamos matéria, empirismo, este nosso mundo tanto em suas causas como em seus fins e em seu sentido explica Jung (1991). A alma é inconsciente, mas é consciência também que perde seu sentido de alma por nela haver as restrições da consciência, guarda apenas as experiências individuais, perdendo o seu aspecto inconsciente.

**ARQUÉTIPOS:** são as formas vazias que compõe o inconsciente coletivo. Em sua constituição existe uma fração instintiva. São preenchidas de acordo com as experiências individuais do humano. O arquétipo da mãe é universal, contudo cada um tem a sua imagem, emoções e sentimentos em respeito a mãe, conteúdos que preenchem o arquétipo materno. Os arquétipos são duais. Apresentam sua consciência e inconsciência, sua luz e sua sombra. A mãe pode trazer sua luz de nutrição, cuidado e carinho, mas pode se apresentar como a destruidora. Os arquétipos se dividem fenomenicamente em dois tipos: os instintivos que são constituídos por impulsos naturais e as dominantes que irrompem do inconsciente na consciência como ideias universais.

**AYLLU:** O sentido para o movimento *Nación Pachamama* é o de uma comunidade ou família constituída, em sua totalidade, por nove diferentes famílias. Oito representam a prevalência de um elemento da natureza, água, terra, fogo, ar, e uma representando o éter. Este entendido por apresentar características de desapego do ego e liberdade desse. Aquele que se encontra em estado individuado, segundo terminologia junguiana.

Segundo Esterman (1998) a figura do *ayllu* na cosmovisão andina representa uma identidade coletiva fundamental. Ele não é uma categoria genealógica e nem uma entidade exclusivamente sócio-política, mas sim uma célula da vida celebrativa e ritualística, porém também é a base econômica de subsistência e trocas internas.



**AYNI:** O *ayni* é uma forma de trabalho cooperativo que é imprescindível para a vida de cada membro do *ayllu* andino. Ele se estabelece em nível de troca de esforço de trabalho o qual existe uma conexão entre o trabalho realizado no presente e o que poderá ocorrer no futuro. Na lição do *ayni*, o princípio andino da reciprocidade é adotado no movimento *Nación Pachamama* e é responsável pelo desenvolvimento da co-responsabilidade entre indivíduo, comunidade e ecologia. Uma atitude expressa em conceitos. A atitude é uma constelação especial de conteúdos psíquicos, orientada para um fim ou dirigida por uma ideia-mestra. (JUNG, 1991).

**COLONIALISMO:** refere-se a um momento histórico marcado pela dominação da administração política, econômica, cultural de determinada metrópole sobre suas colônias.

**COLONIALIDADEDEDE:** refere-se a uma dominação que se mantém. Iniciada na conquista, mantendo-se vigente. É uma realidade de dominação e dependência em escala planetária e universal, que ultrapassou o período colonial e se mantém com o capitalismo global.

**COMPLEXO OU COMPLEXO AFETIVO:** Os complexos são fenômenos psíquicos que possuem valor, energia própria. Um núcleo inconsciente ainda não tão carregado de energia para tornar-se consciente, mas capazes de bloquear o fluxo da libido na psique, levando o indivíduo a passar por algumas situações como gafes, esquecimentos e descuidos. Os complexos se constituem de forma automática a partir da aglutinação de processos psíquicos, imagens e ideias com forte tonalidade emocional, os quais são provocados por situações exteriores. Toda a constelação (aglutinação e exteriorização) de um complexo implica um estado perturbado da consciência que dificulta a intenção da vontade (JUNG, 2012). Esses complexos individuais são chamados de complexos afetivos de tonalidade emocional.

**COMPLEXO CULTURAL:** O complexo cultural surgiu como uma evolução do conceito de complexo afetivo. Joseph Henderson o qual procurou definir o inconsciente cultural como o inconsciente de uma nação a partir de seus símbolos, valores coletivos e representações. Das ideias de Jung sobre os complexos afetivos e do inconsciente cultural de Joseph Henderson, os analistas Thomas Singer e Samuel Kimbles definiram os complexos culturais como as experiências significativas ou traumas históricos de um povo (BOECHAT, 2012). Jung em 1930 buscou estudar os complexos culturais, contudo não conseguiu devido ao sofrimento

ocasionado pelo nazismo no período entre as duas grandes guerras mundiais a de 1914 e a de 1939.

**CONCEPÇÃO DE HUMANO PARA JUNG:** uma totalidade que contém aspectos herdados e adquiridos pela experiência vivenciada na relação com o mundo. A concepção de humano em termos de individualidade está alicerçada na noção de um ser único, indivisível e complexo: uma totalidade eco-bio-psico-social, resultante de um potencial arquetípico que se atualiza num corpo biológico e num contexto histórico e social, um microcosmos dentro do macrocosmo. A totalidade é designada pelo Si-mesmo (*Selbst*). Jung usa esse termo para se referir à individualidade do ser humano. Representa uma integração recíproca do consciente e do inconsciente (PENNA, 2013). A função do Si-mesmo se mostra como ordenador e unificador dos opostos no processo de individuação, sendo o arquétipo central da psique.

**CONCEPÇÃO DE REALIDADE PSÍQUICA PARA JUNG:** a realidade inegável imaterial que se encontra na realidade material, esta considerada pelos racionalistas como a única existente por encontrar-se no nível da percepção da consciência. Realidade psíquica é a síntese entre as realidades física e espiritual (PENNA, 2013)

**COSMOVISÃO:** A cosmovisão de cada cultura apresenta uma forma de ver, sentir, perceber e projetar o mundo. Nessa perspectiva cosmológica, o bem viver do povo andino se constitui através da ligação do mundo espiritual com o mundo tangível. Sua manutenção encontra-se na formação de símbolos culturais, sendo a *chakana* o principal símbolo político-espiritual desses povos. Para Jung (1991) a cosmovisão expressa o caráter psicológico da visão de mundo, cosmovisão ou *weltanschauung*. Ter uma cosmovisão significa formar uma imagem do mundo e de si mesmo, saber o que é o mundo e quem sou eu. Tomando ao pé da letra, isto seria exigir demais. Ninguém pode saber o que é o mundo, nem tampouco quem é ele próprio. Mas, *cum gran salis*, isto significa o *melhor conhecimento possível*. Jung prefere usar a palavra atitude no lugar de cosmovisão por **compreender que** (JUNG, 1991).

**DECOLONIAL – DESCOLONIAL:** Segundo palestra de Keim (diário de campo, 2015), esses termos têm sido muito discutidos na academia, contudo permanecem sem um consenso. Segundo Walsch (apud ARIAS, 2012) a DECOLONIZAÇÃO busca enfrentar a matriz colonial do saber, do ser e transformar radicalmente as subjetividades do imaginário, as sensibilidades, e por isso faz a existência o seu horizonte, recuperando a humanidade e a

dignidade negada pela colonialidade. A **DECOLONIZAÇÃO**: busca enfrentar a colonialidade do poder em suas dimensões estruturais e aparatos do poder.

**EGO - EU**: Segundo Jung (1990) entendemos por eu aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. Ele constitui o centro da consciência, sendo o sujeito de todos os atos da consciência.

**FUNÇÃO CONSCIENTE OU CONSCIENTE**: Esses termos designam as funções do eu ou do ego, os quais se constituem partir do momento que a criança se diferencia da totalidade paterna e materna. Começa a conhecer o mundo a partir da experiência própria do externo e da experiência individual, portanto, seu conhecimento é restrito. O racionalismo baseia-se nesta condição de conhecer o mundo perdendo as qualidades inconscientes. A consciência é efêmera apesar da sua intensidade e concentração. E é orientada para o presente imediato de seu próprio ambiente (JUNG, 1991).

**FUNÇÃO INCONSCIENTE OU INCONSCIENTE**: O inconsciente percebe, tem intenções e pressentimentos, sente e pensa justamente como a consciência

**IMAGEM**: é a representação de algo inconsciente (psíquico) pode ser formulada a partir de sensação, ideias, sentimentos, movimento ou figura pictória. Em Jung ela não encontra o mesmo sentido de imagem visual ou signo (PENNA, 2013).

**INCONSCIENTE**: é a totalidade de todos os fenômenos psíquicos em que falta a qualidade da consciência, ou seja, é o psíquico desconhecido. Tudo o que está num nível muito abaixo da percepção da consciência, segue o padrão de sublimar o qual joga o conteúdo para o inconsciente. Para melhorar a compreensão, Jung dividiu o inconsciente em individual e em coletivo. O inconsciente PESSOAL ou INDIVIDUAL é o receptáculo de todas as lembranças esquecidas ou das percepções débeis para a percepção da consciência que aparecem nos sonhos. Nele também ficam guardadas as repressões de pensamentos incômodos e reprimidos. No inconsciente COLETIVO encontramos todas as qualidades que não foram adquiridas individualmente, mas são herdadas como os instintos que suprem uma necessidade interna, sem um motivo consciente. Também encontramos no inconsciente coletivo as formas inatas de intuição que são denominados arquétipos da percepção e da apreensão, determinantes de todo os processos psíquicos. O aspecto criativo é uma das características mais marcantes do

inconsciente coletivo denominado por Jung (1991) como aspecto positivo em distinção ao inconsciente pessoal o qual é mais reativo do que criativo em relação a consciência. O inconsciente coletivo se constitui de instintos e seus correlatos arquétipos (JUNG, 1991; PENNA, 2013).

**INDIVIDUAÇÃO:** A psique possui dois centros organizadores. O ego é o centro da consciência e o Sí-mesmo é centro da totalidade da psique, envolvendo a consciência, os conteúdos e arquétipos do inconsciente. A criança ao nascer não possui ego e este se estrutura à medida que cresce e reconhece a realidade material. O ego precisa existir e se fortalece a partir de quatro instrumentos que são o sentimento, o pensamento, a sensação e a intuição. Um ego bem estruturado é preciso para o início do processo de individuação que consiste no enfrentamento das qualidades consideradas não boas pela consciência e os conteúdos inconscientes. Após realizar e superar os enfrentamentos entre consciente e inconsciente realiza o processo de individuação ampliando sua consciência para uma visão mais totalizadora do Si-mesmo que passa a ser o centro organizador da psique. Se o ego não estiver forte não consegue receber os influxos do Si-mesmo no processo de individuação. Para Jung (1991) a síntese entre os conteúdos conscientes e inconscientes e a tomada de consciência dos arquétipos sobre os conteúdos conscientes representam o ponto máximo do esforço espiritual e da concentração de forças psíquicas, quando a síntese é levada ao fim de forma consciente.

**INTERCULTURALIDADE:** é uma proposta social, política e civilizatória que surgiu como resultado do acúmulo de lutas sociais e históricas. O conceito de interculturalidade entendida por Kusch (1978) é um diálogo entre culturas que se encontram encarnadas no indivíduo, proporcionando aprendizado. Segundo Arias (2007) a interculturalidade não é somente coexistência de culturas, mas *con-vivência* destas em suas diversidades e diferenças. A interculturalidade deve ser vista como uma proposta de poder, como uma força insurgente e liberadora a qual abre a perspectiva de uma dimensão distinta da existência individual e coletiva para nossa sociedade. Ela tem dimensão política e não somente cultural. É política no sentido que busca transformar a vida. A interculturalidade caminha junto com a decolonialidade (Walsch), pois não pode ocorrer a interculturalidade se não houver a superação de todas as formas de colonialidade. Na questão da interculturalidade existe um equívoco, o qual ressalta Arias (2007), em considerar a multiculturalidade ou a pluriculturalidade como sinônimo. Essa diferença encontra-se não apenas na semântica das palavras, mas nos projetos políticos por elas ensejados. Quando falamos

**PLURICULTURALIDADE** falamos da existência de culturas diferentes com identidade própria, reconhecemos a diferença entre as culturas, contudo a coexistência não implica que haja interculturalidade. Na **MULTICULTURALIDADE** é reconhecida a diferença entre as diferentes culturas, mas a relação não ocorre de modo equitativo por operarem questões de poder e assimetria social que transforma a coexistência conflitiva (ARIAS, 2007).

**INSTINTO:** Jung (1991) explica que Thomas Reid definiu os instintos como um impulso natural cego para certas ações, sem ter em vista um determinado fim, sem deliberação, e muito frequentemente sem percepção do que estamos fazendo. Contudo para Jung este conceito apenas caracteriza o instinto como um impulso inconsciente porque se olharmos com detalhe o fenômeno psíquico inconsciente, perceberemos que não podem ser classificados apenas como instintivos. Instintos são os processos inconsciente e herdados que se repetem com uniformidade, e ao mesmo tempo apresentam um caráter de compulsividade. Uma forma de comportamento associada a um motivo consciente ou não. É um fenômeno de natureza coletiva, nada tendo a ver com a individualidade do ser humano.

**INTUIÇÃO:** É a irrupção de conteúdos inconscientes na consciência em forma de uma ideia súbita. É uma percepção inconsciente diferente do instinto. O instinto é um impulso predeterminado que leva a uma atividade complicada enquanto a intuição é um processo parecido ao do instinto, porém é uma apreensão de uma situação complicada. O processo intuitivo é uma função básica da alma de perceber possibilidades inerentes a uma dada situação.

**PERSONALIDADE:** O termo deriva da palavra latina para máscara usada por atores na época clássica. Daí, *persona* refere-se à máscara ou face que uma pessoa põe para confrontar o mundo. A *persona* pode se referir à identidade sexual, um estágio de desenvolvimento (tal como a adolescência), um status social, um trabalho ou profissão. Durante toda uma vida, muitas *personas* serão usadas e diversas podem ser combinadas em qualquer momento específico. Diferentes culturas estabelecerão diferentes critérios para a *persona* e haverá alteração e evolução ao longo do tempo uma vez que o padrão arquetípico subjacente é suscetível de variação infinita. Às vezes, a *persona* é referida como o “arquetipo social”, envolvendo todos os compromissos próprios para se viver em uma comunidade. Resulta que a *persona* não deve ser pensada como inerentemente patológica ou falsa. Há um risco de patologia se uma pessoa se identifica de forma demasiadamente íntima com sua *persona*. Isto

implicaria uma falta de conscientização de um papel muito além do social (advogado, analista, operário) ou de papel sexual (mãe) e também uma falha de levar em conta a maturação (por exemplo), uma evidente dificuldade em se adaptar ao fato de ter crescido. A identificação com a *persona* leva a uma forma de rigidez ou fragilidade psicológicas; o inconsciente tenderá, antes, a irromper com ímpeto na consciência, que emergir de forma controlável. o ego, quando identificado com a *persona*, é capaz somente de uma orientação externa. É cego para eventos internos e, daí, incapaz de responder a eles. Resulta ser possível permanecer-se inconsciente da própria *persona*.

**PSIQUE:** é a totalidade dos processos psíquicos, tanto consciente como inconsciente.

**SÍMBOLO:** Ernst Cassirer (apud PENNA, 2013) define o ser humano como um animal simbólico que vive num universo físico-simbólico. A dimensão simbólica é a própria realidade psíquica porque tudo o que tocamos ou entramos em contato transforma-se imediatamente em conteúdo psíquico, de modo que somos isolados por imagens psíquicas. Essa dimensão envolve os aspectos biológicos, ambientais, culturais e psicológicos. O conhecimento, por um lado, se situa na psique e não na sensível e, por outro lado, o limite não está estritamente no individual, pois o aspecto arquetípico coletivo e simbólico da psique torna o mundo compartilhado por todos os membros da espécie humana. A dimensão psíquica como dimensão simbólica integra e sintetiza aspectos coletivos e individuais do ser humano. (PENNA, 2013). Símbolo é um conceito, uma figura ou um nome que nos podem ser conhecidos em si, mas cujo conteúdo, emprego ou serventia são específicos ou estranhos, indicando um sentido oculto, obscuro e desconhecido (JUNG, 2011). Símbolo é o canal através do qual o mundo subjacente e o mundo explícito se encontram, congregando o âmbito pessoal e o âmbito psíquico. Revela aspectos do inconsciente (PENNA, 2013).

**SOMBRA:** a sombra, porém, é uma parte viva da personalidade e por isso quer comparecer de alguma forma. Não é possível anulá-la argumentando, ou torná-la inofensiva através da racionalização. Este problema é extremamente difícil, pois não desafia apenas o homem total, mas também o adverte acerca do seu desamparo e impotência (JUNG, 2012).

## ANEXO A – Características do Bem Viver

Estas são as características do Bem Viver que estão sendo implementadas nos Estados Plurinacionais. Retirado do Dossiê do Bem Viver, texto disponível na internet: Disponível em: <[www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/184.doc](http://www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/184.doc)>. Acesso em: 19 mai. 2014.

### **Priorizar a vida**

Viver Bem é buscar a vivência em comunidade, onde todos os integrantes se preocupam com todos. O mais importante não é o ser humano (como afirma o socialismo), nem o dinheiro (como postula o capitalismo), mas a vida. Pretende-se buscar uma vida mais simples. Que seja o caminho da harmonia com a natureza e a vida, com o objetivo de salvar o planeta e dar a prioridade à humanidade.

### **Obter acordos consensuados**

Viver Bem é buscar o consenso entre todos, o que implica que mesmo que as pessoas tenham diferenças, na hora de dialogar, cheguem a um ponto de neutralidade em que todas coincidam e não provoquem conflitos. “Não somos contra a democracia, mas o que faremos é aprofundá-la, porque nela existe também a palavra submissão e submeter o próximo não é viver bem”, esclareceu o chanceler **David Choquehuanca**.

### **Respeitar as diferenças**

Viver Bem é respeitar o outro, saber escutar todo aquele que deseja falar, sem discriminação ou qualquer tipo de submissão. Não se postula a tolerância, mas o respeito, já que, mesmo que cada cultura ou região tenha uma forma diferente de pensar, para Viver Bem e em harmonia é necessário respeitar essas diferenças. Esta doutrina inclui todos os seres que habitam o planeta, como os animais e as plantas.

### **Viver em complementaridade**

Viver Bem é priorizar a complementaridade, que postula que todos os seres que vivem no planeta se complementam uns com os outros. Nas comunidades, a criança se complementa com o avô, o homem com a mulher, etc. Um exemplo colocado pelo **Chanceler** especifica que o homem não deve matar as plantas, porque elas complementam a sua existência e ajudam para que sobreviva.

### **Equilíbrio com a natureza**

Viver Bem é levar uma vida equilibrada com todos os seres dentro de uma comunidade. Assim como a democracia, a justiça também é considerada excludente, de acordo com o chanceler **David Choquehuanca**, porque só leva em conta as pessoas dentro de uma comunidade e não o que é mais importante: a vida e a harmonia do ser humano com a natureza. É por isso que Viver Bem aspira a ter uma sociedade com equidade e sem exclusão.

### **Defender a identidade**

Viver Bem é valorizar e recuperar a identidade. Dentro do novo modelo, a identidade dos povos é muito mais importante do que a dignidade. A identidade implica em desfrutar plenamente de uma vida baseada em valores que resistiram mais de 500 anos (desde a conquista espanhola) e que foram legados pelas famílias e comunidades que viveram em harmonia com a natureza e o cosmos.

### **Um dos principais objetivos do Viver Bem é retomar a unidade de todos os povos**

O ministro das Relações Exteriores, **David Choquehuanca**, explicou que o saber comer, beber, dançar, comunicar-se e trabalhar também são alguns aspectos fundamentais.

### **Aceitar as diferenças**

Viver Bem é respeitar as semelhanças e diferenças entre os seres que vivem no mesmo planeta. Ultrapassa o conceito da diversidade. “Não há unidade na diversidade, mas é semelhança e diferença, porque quando se fala de diversidade só se fala de pessoas”, diz o **Chanceler**. Esta colocação se traduz em que os seres semelhantes ou diferentes jamais devem se ofender.

### **Priorizar direitos cósmicos**

Viver Bem é dar prioridade aos direitos cósmicos antes que aos Direitos Humanos. Quando o Governo fala de mudança climática, também se refere aos direitos cósmicos, garante o **Ministro das Relações Exteriores**. “Por isso, o Presidente (**Evo Morales**) diz que vai ser mais importante falar sobre os direitos da Mãe Terra do que falar sobre os direitos humanos”.



### **Saber comer**

Viver Bem é saber alimentar-se, saber combinar os alimentos adequados a partir das estações do ano (alimentos de acordo com a época). O ministro das Relações Exteriores, **David Choquehuanca**, explica que esta consigna deve se reger com base na prática dos ancestrais que se alimentam com um determinado produto durante toda a estação. Comenta que alimentar-se bem garante boa saúde.

### **Saber beber**

Viver Bem é saber beber álcool com moderação. Nas comunidades indígenas cada festa tem um significado e o álcool está presente na celebração, mas é consumido sem exageros e sem ofender alguém. “Temos que saber beber; em nossas comunidades tínhamos verdadeiras festas que estavam relacionadas com as estações do ano. Não é ir a uma cantina e se envenenar com cerveja e matar os neurônios”.

### **Saber dançar**

Viver Bem é saber dançar [*danzar*], não simplesmente saber bailar [*bailar*]. A dança se relaciona com alguns fatos concretos, como a colheita ou o plantio. As comunidades continuam honrando com dança e música a *Pachamama*, principalmente em épocas agrícolas; entretanto, nas cidades as danças originárias são consideradas expressões folclóricas. Na nova doutrina se renovará o verdadeiro significado do dançar.

### **Saber trabalhar**

Viver Bem é considerar o trabalho como festa. “O trabalho para nós é felicidade”, disse o chanceler **David Choquehuanca**, que recalca que ao contrário do capitalismo onde se paga para trabalhar, no novo modelo do Estado Plurinacional, se retoma o pensamento ancestral de considerar o trabalho como festa. É uma forma de crescimento, é por isso que nas culturas indígenas se trabalha desde pequeno.

### **Retomar o Abya Yala**

Viver bem é promover a união de todos os povos em uma grande família. Para o **Chanceler**, isto implica em que todas as regiões do país se reconstituam no que ancestralmente se considerou como uma grande comunidade. “Isto tem que se estender a todos os países. É por isso que vemos bons sinais de presidentes que estão na tarefa de unir todos os povos e voltar a ser o Abya Yala que fomos”.

### **Reincorporar a agricultura**

Viver Bem é reincorporar a agricultura às comunidades. Parte desta doutrina do novo Estado Plurinacional é recuperar as formas de vivência em comunidade, como o trabalho na terra, cultivando produtos para cobrir as necessidades básicas para a subsistência. Neste ponto se fará a devolução de terras às comunidades, de maneira que se produzam as economias locais.

### **Saber se comunicar**

Viver Bem é saber se comunicar. No novo Estado Plurinacional se pretende retomar a comunicação que existia nas comunidades ancestrais. O diálogo é o resultado desta boa comunicação mencionada pelo **Chanceler**. “Temos que nos comunicar como antes os nossos pais o faziam, e resolviam os problemas sem que se apresentassem conflitos, não temos que perder isso”.

### **O Viver Bem não é “viver melhor”, como propunha o capitalismo**

Entre os preceitos estabelecidos pelo novo modelo do Estado Plurinacional, figuram o controle social, a reciprocidade e o respeito à mulher e ao idoso.

### **Controle social**

Viver Bem é realizar um controle obrigatório entre os habitantes de uma comunidade. “Este controle é diferente do proposto pela Participação Popular, que foi rechaçado (por algumas comunidades) porque reduz a verdadeira participação das pessoas”, disse o chanceler **Choquehuanca**. Nos tempos ancestrais, “todos se encarregavam de controlar as funções que suas principais autoridades realizavam”.

### **Trabalhar em reciprocidade**

Viver Bem é retomar a reciprocidade do trabalho nas comunidades. Nos povos indígenas esta prática se denomina *ayni*, que não é mais do que devolver em trabalho a ajuda prestada por uma família em uma atividade agrícola, como o plantio ou a colheita. “É mais um dos princípios ou códigos que garantirão o equilíbrio nas grandes secas”, explica o Ministro das Relações Exteriores.

### **Não roubar e não mentir**

Viver Bem é basear-se no *ama suwa* e *ama qhilla* (não roubar e não mentir, em quéchua). É um dos preceitos que também estão incluídos na nova Constituição Política do Estado e que o

Presidente prometeu respeitar. Do mesmo modo, para o **Chanceler** é fundamental que dentro das comunidades se respeitem estes princípios para conseguir o bem-estar e confiança em seus habitantes. “Todos são códigos que devem ser seguidos para que consigamos viver bem no futuro”.

### **Proteger as sementes**

Viver Bem é proteger e guardar as sementes para que no futuro se evite o uso de produtos transgênicos. O livro **Viver Bem, como resposta à crise global**, da **Chancelaria da Bolívia**, especifica que uma das características deste novo modelo é preservar a riqueza agrícola ancestral com a criação de bancos de sementes que evitem a utilização de transgênicos para incrementar a produtividade, porque se diz que esta mistura com químicos prejudica e acaba com as sementes milenares.

### **Respeitar a mulher**

Viver Bem é respeitar a mulher, porque ela representa a *Pachamama*, que é a Mãe Terra que tem a capacidade de dar vida e de cuidar de todos os seus frutos. Por estas razões, dentro das comunidades, a mulher é valorizada e está presente em todas as atividades orientadas à vida, à criação, à educação e à revitalização da cultura. Os moradores das comunidades indígenas valorizam a mulher como base da organização social, porque transmite aos seus filhos os saberes de sua cultura.

### **Viver Bem e NÃO melhor**

Viver Bem é diferente de viver melhor, o que se relaciona com o capitalismo. Para a nova doutrina do Estado Plurinacional, viver melhor se traduz em egoísmo, desinteresse pelos outros, individualismo e pensar somente no lucro. Considera que a doutrina capitalista impulsiona a exploração das pessoas para a concentração de riquezas em poucas mãos, ao passo que o Viver Bem aponta para uma vida simples, que mantém uma produção equilibrada.

### **Recuperar recursos**

Viver Bem é recuperar a riqueza natural do país e permitir que todos se beneficiem desta de maneira equilibrada e equitativa. A finalidade da doutrina do Viver Bem também é a de nacionalizar e recuperar as empresas estratégicas do país no marco do equilíbrio e da

convivência entre o ser humano e a natureza em contraposição à exploração irracional dos recursos naturais. “Deve-se, sobretudo, priorizar a natureza”, acrescentou o **Chanceler**.

### **Exercer a soberania**

Viver Bem é construir, a partir das comunidades, o exercício da soberania no país. Isto significa, segundo o livro **Viver Bem, como resposta à crise global**, que se chegará a uma soberania por meio do consenso comunal que defina e construa a unidade e a responsabilidade a favor do bem comum, sem que nada falte. Nesse marco, se reconstruirão as comunidades e nações para construir uma sociedade soberana que será administrada em harmonia com o indivíduo, a natureza e o cosmos.

### **Aproveitar a água**

Viver Bem é distribuir racionalmente a água e aproveitá-la de maneira correta. O **Ministro das Relações Exteriores** comenta que a água é o leite dos seres que habitam o planeta. “Temos muitas coisas, recursos naturais, água e, por exemplo, a França não tem a quantidade de água nem a quantidade de terra que há em nosso país, mas vemos que não há nenhum Movimento Sem Terra, assim que devemos valorizar o que temos e preservá-lo o melhor possível, isso é Viver Bem”.

### **Escutar os anciãos**

Viver Bem é ler as rugas dos avós para poder retomar o caminho. O **Chanceler** destaca que uma das principais fontes de aprendizagem são os anciãos das comunidades, que guardam histórias e costumes que com o passar dos anos vão se perdendo. “Nossos avós são bibliotecas ambulantes, assim que devemos aprender com eles”, menciona. Portanto, os anciãos são respeitados e consultados nas comunidades indígenas do país.

## ANEXO B – *El mito de Pachamama y Pachacamac*

Hace miles de años, en el cielo surgió la rivalidad entre dos hermanos por el amor de una atractiva y encantadora joven de nombre *Pachamama* (Diosa Madre Tierra). Ella eligió por esposo a Pachacamac (Dios Creador del Mundo), motivando la rebeldía de Wakon (Dios del Fuego, Dios del Mal), quien tuvo que ser expulsado del reino celestial por designio de todos los dioses. Lleno de ira, Wakon ocasionó desastres en la tierra: sequías e inundaciones, hambre y muerte.

Conmovido por el efecto devastador de la furiosa descarga de cólera y odio de su hermano contra el mundo, Pachacamac descendió del cielo y venció a Wakon en una feroz pelea, restableciendo el orden en el planeta. Entonces, como seres mortales, Pachacamac y *Pachamama* reinaron en la tierra, mientras el rendido Wakon fue desterrado, condenado a vivir en la sombra, en cuevas de las montañas más lejanas, con la advertencia de no regresar jamás.

Durante la época de florecimiento que sobrevino, la pareja divina tuvo dos gemelos, varón y mujer, llamados Wilkas; pero la felicidad se cortó abruptamente cuando Pachacamac cae al mar de Lurín (Lima) y muere, quedando convertido en una isla. Entonces el silencio y las tinieblas cubrieron el mundo.

A pesar de la tristeza y la oscuridad, *Pachamama* y sus niños no desfallecieron. Caminaron sin rumbo en la noche interminable, teniendo que esconderse a menudo de enormes monstruos; su esencia divina les permitía mantener la agilidad mental para salir ilesos de cualquier adversidad y continuar la marcha errante. Cuando se hallaban por las tierras de Canta (sierra de Lima), vieron un pequeño resplandor de fuego en las alturas y no dudaron en ir hacia él, ignorando que aquel resplandor, esa única luz de esperanza, provenía de la cueva de Wakon.

Al llegar, cuentan sus penurias y reciben la ayuda de un desconocido Wakon; éste se las ingenia para quedarse solo con la bella *Pachamama* — envía a los pequeños a traer agua en una vasija rajada — y trata de seducirla, pero ella lo rechaza. Sumamente encolerizado Wakon la mata a golpes, la descuartiza y devora su carne; el demonio antropófago se regocija todavía con los huesos en las manos y restos de sangre fresca en la boca, mientras el espíritu de *Pachamama* se aleja para convertirse en la Cordillera «La Viuda» (Andes Centrales, límite de Lima, Junín y Pasco).

Habiéndose ingeniado para parchar la vasija con arcilla y hojas verdes, los hermanitos regresan con el agua. Miran por todos lados, buscan llorando a su madre; el tío se apura en

decirles que ha salido y le ha pedido que los cuide hasta su regreso. Wakon pretendía realmente devorárselos, después de engordarlos lo suficiente; felizmente, aparece el Huaychao (ave andina que anuncia la salida del sol) para contarles que su madre fue asesinada y devorada por su tío.

Los gemelos huyen, corren sin parar, temen a la muerte que viene tras ellos. En el trayecto, diversos animales ofrecen distraer al malvado persecutor; avanzan y avanzan, demostrando valor, a pesar que sus delgadas piernas se van rindiendo; muy cansados ya, una zorra los oculta en su madriguera.

Al mismo tiempo, Wakon recorre velozmente los caminos, pregunta al cóndor, al jaguar, a la serpiente y a otros animales que va encontrando a su paso, pero ninguno le da una buena pista. Finalmente, se encuentra con la zorra, quien le dice que los niños vendrán si canta desde la montaña más alta, imitando la voz de *Pachamama*. Crédulo y poco sagaz, Wakon emprende una rauda carrera hacia la cumbre pero, faltando muy poco para llegar, pisa una piedra aflojada adrede por los animales y cae al abismo, ocasionando su muerte fortísimos temblores.

Los Wilkas se salvaron, pero han quedado en la orfandad, sólo tienen a la zorra que hace lo posible para que no mueran de hambre, alimentándolos incluso con su sangre; viven tristes, sin tener siquiera alguna esperanza de que su suerte cambie. Pero como nada terrenal es eterno, pronto el destino los llevaría por un rumbo jamás imaginado.

Cierto día en que salieron al campo a recoger papas, en uno de los surcos encontraron una oca grande en forma de muñeca y se pusieron a jugar con ella hasta que se partió en pedazos; desconsolados se quedaron dormidos. Su padre Pachacamac que los miraba desde el cielo sintió la más profunda pena y en ese instante decidió llevarlos junto a él.

Al despertarse, la niña contó a su hermanito que tuvo un sueño en el que tiraba su sombrero y ropas al aire y arriba se quedaban; ella estaba acalorada y él no supo qué decirle. Sentados al borde de la chacra, ambos se hallaban confundidos, contrariados, tratando de interpretar el sueño, cuando de repente vieron bajar del cielo dos cuerdas doradas; se miraron sorprendidos y, empujados más que nada por la curiosidad, decidieron treparse en ellas y subir para saber hacia dónde conducían. El ascenso fue sencillo, porque las cuerdas se recogían suavemente como si alguien las jalara; los Wilkas llegaron al cielo y no tardaron en experimentar la felicidad absoluta, al encontrar vivo a su amoroso padre Pachacamac, quien los premió dándoles un lugar de privilegio en su reino, quedando transformados en el Sol y la Luna. Así terminaba la época de oscuridad total en la tierra, dando paso al día y la noche.

Disponível em: <<https://takiruna.com/2015/07/17/mito-de-Pachamama-en-el-pensamiento-colectivo-andino/>>  
Retirado em 12 mar 2014>. Acesso em: 03 mar. 2014.